



DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ARTES E HUMANIDADES

MESTRADO EM HISTÓRIA E PATRIMÓNIOS

UNIVERSIDADE AUTÓNOMA DE LISBOA

“LUÍS DE CAMÕES”

**POVOAMENTO E COMPLEXO HIDRÁULICO ROMANO DOS
SÉCULOS I a.C. A IV d.C.: A VILA DAS MÁRTIRES–ESTREMOZ**

Dissertação para a obtenção do grau de Mestre em História e Patrimónios

Autora: Anabela Godinho de Deus

Orientador: Professor Doutor Adolfo Silveira Martins

Número da candidata: 30005718

Outubro de 2024

Lisboa

Dedicatória

Á Vida

Agradecimentos

Agradeço à essência, a minha, ao tempo que a inspirou, marcando e demarcando percursos transformando-os, aos poucos, em direção à História de ontem, atrás de milésimos de segundo cíclicos que permitem, hoje, estar.

Somos fios de escolhas de outrora, de desejos, conquistas, ódio, amor, guerras e paz; somos o que resta do um passado que inspira, alerta e desassossega.

Agradeço a dádiva cíclica desafiadora do entendimento, malograda curiosidade envolta em inspiração, decifrando, aludindo de forma entusiasta, encaminhando na procura desenfreada, desembrulhando inquietudes, segredos, desejos, causas, transformações, numa esquadria de encaixe milimetricamente formulada.

Agradeço à Vida a sensibilidade, curiosidade em direção a esses tempos longínquos, de homens e mulheres que alicerçando civilizações, demarcaram territórios envoltas em dialetos *sui generis*, de entendimento e desentendimento, partilha e cobiça, pobreza e riqueza, justiça e injustiça, conquistas e reconquistas por terra, mar e ar, onde pedras, pó, terra e cal alicerçaram civilizações demarcando culturas, protegidas por Deuses, Deusas e Deus.

Agradeço aos homens e mulheres do conhecimento, esses professores, mentores que passam o testemunho enobrecendo-o peculiarmente, diferenciando-se na essência, a sua, envolta no entusiasmo arrepiante, inquietante, inspirado, alinhado nesse foco inconsciente e constante de pura preocupação em encaminhar de forma brilhante, ténue e incondicional. A todos, sem exceção, sou grata e jamais os esquecerei: Adolfo Silveira Martins, Telmo Pereira, Frédéric Vidal, Duarte Freitas, Maria João Tomás, Armando Carvalho Homem, Isabel Carvalho Homem, Aline De Beuvink, Miguel Faria, Maria Helena Cruz Coelho, Fernando Rodrigues Martins, João Sousa, Raquel Medina Cabeças, Helena Gonçalves Pinto, Ricardo Seabra, Fernando Amorim, Roberta Stumpf, Carmen González, Maria Luísa Jacquinet, José Amado Mendes, Graça Almeida Borges, João Francisco Fialho, obrigada por se terem cruzado no meu percurso de vida.

Agradeço ao meu Mestre Adolfo Silveira Martins a força envolta em coragem, confiança embalada na honestidade, frontalidade alinhada à paciência, sabedoria agarrada à firmeza, orientação com destreza ao encontro do contributo que vos deixo, adornado na partilha exímia e reta acrescentando outras peças ao puzzle, tratando-o e oferecendo-o, a um património que a todos rege e pertence.

Epígrafe

*A pura teimosia do tempo
Em querer permanecer ...
Perdura a cal que agarra o barro,
O céu que brinca no horizonte
O tal que se deixa ver...
Marcas iguais ao meu rosto,
Luminosidade, ar, pertença...
Amor que antevê sussurros de ar
Quente e frio... que trespassa...
Leva a arte, arrebate a ilusão
Nessa fusão mesclada ...
De um Património só, mas nosso!*

Anabela de Deus, 2024

Resumo

Considerando a permanência romana na Iberia, questiono o Complexo-Hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano das Mártires, em Estremoz, terem estado integrados no Polo Comercial e Industrial do Anticlinal de Estremoz, que acredito aqui se ter localizado: único detentor desta dantesca estrutura hidráulica; possíveis trabalhos de transformação, armazenamento marmóreo e cantaria; local de passagem da *via XII*; vestígios ao culto de *Cíbele*. Visto o mestrado alinhar história e património equaciono, igualmente, o desinteresse na manutenção, divulgação e integração do Complexo-Hidráulico Tanque dos Mouros no património arqueológico e histórico de Estremoz, na medida que terão sido as características geológicas e geográficas as ideais para sua construção, e posterior desenvolvimento industrial, económico e territorial, garante adstrito há potencialidade turística rural e industrial, que poderá acrescer com a sua valorização. A questão que se coloca, é a seguinte: a não ter sido construído o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, teria Estremoz a mesma importância identitária na intemporalidade que nos separa dos séculos I a.C. ao XXI d.C.?

Palavras-Chave: Tanque, Água, Ocupação Romana, Povoamento

Abstract

Considering the Roman permanence in Iberia, I question the Tanque dos Mouros Hydraulic Complex and the Roman Settlement of Mártires, in Estremoz, having been integrated into the Commercial and industrial Pole of the Estremoz Anticline, which I believe is here: the sole holder of this Dantesque hydraulic structure; possible marble and stonework transformation and storage works; route XII crossing point; traces of the cult of Cybele. Since the master's degree aligns history and heritage, I also consider the lack of interest in the maintenance, dissemination and integration of the Tanque dos Mouros Hydraulic Complex into the archaeological and historical heritage of Estremoz as the geological and geographical characteristics would have been ideal for its Construction, and subsequent industrial, economic and territorial development, guarantees that there is rural and industrial tourist potential, which could increase with its appreciation. The question that arises is the following: if the Tanque dos Mouros hydraulic Complex had not been built, would Estremoz have the same identity importance in the timelessness that separates us from the 1st century BC to the 21st century AD?

Key-words: Tank, Water, Roman Occupation, Settlement.

Índice

1. Introdução.....	11
2. Metodologia	14
3. O enquadramento histórico e geográfico	16
3.1 Histórico do século I a.C. ao IV d.C.....	16
3.2 O Território e a Paisagem.....	20
3.3 ZOM - Zona de Ossa Morena. Enquadramento e Geomorfologia	21
3.4 O Anticlinal de Estremoz. Enquadramento e Geomorfologia.....	22
3.5 O Aquífero Estremoz - Cano	30
4. O Povoamento Romano da Vila das Mártires e Complexo-Hidráulico Tanque dos Mouros33	
4.1 O Complexo-Hidráulico do Tanque dos Mouros	33
4.2 O Brasão da Cidade de Estremoz e o Tanque dos Mouros	39
4.3 A Vila das Mártires.....	44
4.4 A Deusa <i>Cíbele</i> : materialidade e imaterialidade	47
5. As Vias Marítimas e Terrestres do Império Romano no Território Ibérico.....	55
5.1 As <i>vias</i> fluviais romanas do anticlinal de Estremoz: Complexo Hidráulico Tanque dos Mouros e Povoamento	57
5.2 As vias terrestres do anticlinal de Estremoz.....	61
6. A investigação de campo.....	65
6.1 José Leite Vasconcelos e José Marques Crespo: séculos XIX – XX	65
6.2 O Anticlinal de Estremoz: Dos finais do século XIX à segunda metade século XX	67
6.3 Aquedutos, Canais, Galerias, Poços e Tanques.....	74
6.4 O Complexo Hidráulico do Tanque dos Mouros.....	90
6.5 As villae romanas no concelho de Estremoz: localização e perfil	97
6.6 Resultados e discussão dos trabalhos de observação.....	100
7. Proposta de Manutenção, Divulgação, Valorização e Salvaguarda	107
7.1 Problemática patrimonial.....	110
7.2 Integração do Complexo Hidráulico do Tanque dos Mouros e Povoamento no Património Histórico e Arqueológico de Estremoz.....	111
8. Resultados	118
9. Discussão.....	123
10. Conclusão	125
Bibliografia.....	128

Índice de figuras

Figura 1. a) Conquista Hispânia (219 a 29 a.C.); b) 1. ^a Divisão provincial (197 a 133 a.C.).	18
Figura 2. Divisão provincial (27 a.C. a 300 d.C.), https://pt.m.wikipedia.org .	19
Figura 3. Ibéria e a Zona de Ossa Morena (ZOM).	21
Figura 4. Carta Geológica do Anticlinal de Estremoz, IGM, 1997.	22
Figura 5. a) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:31:58; b) Mártires, SIG: 24/02/2023,16:37:34.	26
Figura 6. a) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:39:14; b) Mártires ,SIG: 24/02/2023, 16:45:04.	28
Figura 7a) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:46:23; b) Mártires, SIG: 24/02/2023.	30
Figura 8. Sistema Aquífero Estremoz-Cano (Midões, Costa, 2010:1).	31
Figura 9. a) Península Ibérica (Estremoz); b) Localização Tanque dos Mouros.	34
Figura 10. Tanque dos Mouros, 2024.	34
Figura 11. Argamassa <i>opus signium</i> : a) Contraforte b) fonte QB, 2024.	35
Figura 12. Pedreira dos Pardais, Vila Viçosa: demarcação de incisão de ranhuras, 2023.	36
Figura 13. a) Foto voo USAF, 1958 (VILARINHO, 2023:1002); b) Google Maps, 2023.	38
Figura 14. a) Modelo Digital Tanque dos Mouros (VILARINHO, 2023), b) lado norte.	38
Figura 15. a) Esquema, b) elevação a norte Tanque dos Mouros, 2023.	39
Figura 16. a) Brasão de Estremoz; b) palácio das cortes, Estremoz, 2024.	40
Figura 17. Muro a meio Tanque dos Mouros, Sul EN4, 2023-2024.	41
Figura 18. <i>via XII Eméríta Augusta- Ebora</i> (ALMEIDA <i>et al.</i> , 2011:199).	56
Figura 19. <i>via fluvial</i> : 1-ribeira de Ter; 2- Rio Juromenha; 3- Rio Guadiana; A- <i>Eméríta Augusta</i> ; B- Estremoz; C - <i>Ebora</i> (ALARCÃO, 2022:252).	56
Figura 20. Possível ligação ribeiras Ter-Borba, entre I-IV d.C. (Google Maps, 2024).	58
Figura 21. Localização das ribeiras: Ter e Lucefecete (FEIO, 1983:19).	60
Figura 22. Localização ribeiras: Ter e Lucefecete (FEIO, 1983:19).	61
Figura 23. <i>vias Romanas</i> (MARQUES, 1976,12).	62
Figura 24. Possível <i>via romana</i> , separada pela EN4, 2024.	63
Figura 25. Pedreira Sto. António dos Capuchos, 1900/1910: a) b) c) extração/laboração.	69
Figura 26. Pedreira Cerca Sto. António dos Capuchos, 1901 (QUINTAS, M.:173).	71
Figura 27. Aqueduto Tanque dos Mouros à povoação das Mártires.	75
Figura 28.: a) Orifício 12 cm diâmetro; b) espaço entre contrafortes; c) início Aqueduto; d) Parte alta do Aqueduto; e) -f) Dispersão e destruição do Aparelho Construtivo - <i>opus incertum</i> .	76
Figura 29. a) b) registos pétreos c) <i>opus signinum</i> . d) Fim do Aqueduto. e) Acesso QB.	77
Figura 30. Entrada aqueduto/galeria subterrânea, Vila das Mártires, 2023.	78
Figura 31. a) Quinta da Berlica, Google Maps, 2023; b) lápide tumular na QB, 2024.	78

Figura 32. a) fonte; b) grande lago; c) lago, 2023.....	79
Figura 33. a) b) Tanque dos Mouros; c) Engenho Hierapolis (QUINTAS, 2015).	81
Figura 34. a) canal Vila Das Mártires; b) procedência N de água; c) canal Alandroal, 2024.	82
Figura 35. a) Tanque dos Mouros e Canal; b) Canal – Google Earth, 2024.	82
Figura 36. Vila das Mártires: Tanque dos Mouros e Galerias Romanas, Google Earth, 2024.....	83
Figura 37. Galeria Subterrânea, Alandroal, EN373, 2022.	84
Figura 38. Galeria Subterrânea, Quinta da Berlica, 2022.	84
Figura 39. Galeria Subterrânea 220 metros S Igreja Nossa Senhora das Mártires, 2022.	85
Figura 40. Galeria Subterrânea 930 metros Tanque dos Mouros, 2024.....	85
Figura 41. Galeria: construção romana, Alandroal, 2022.	86
Figura 42. Estrutura poço romano, Alandroal.	87
Figura 43. Estrutura poço romano, Alandroal, 2022.	88
Figura 44. Estrutura poço romano, Alandroal, 2022.	88
Figura 45. Canais, Alandroal, 2022.....	88
Figura 46. Estruturas hidráulicas: Poço / Galerias Subterrâneas, Vila das Mártires, 2024.	89
Figura 47. Tanques Vila das Mártires, 2024.....	90
Figura 48. Tanque Estrada Portas dos Currais, 2024.	90
Figura 49. Tanque dos Mouros-lados: Norte-Sul, 2024.	91
Figura 50. Lado Norte: interior Tanque dos Mouros, 2023.....	91
Figura 51. Desnível Tanque dos Mouros, Norte, 2023.	92
Figura 52. Tanque dos Mouros, lado Norte e Sul, 2023.....	93
Figura 53. Tanque dos Mouros: muro a meio, lado Sul – parte superior, 2023.	93
Figura 54. Tanque dos Mouros: muro a meio lado Sul, parte lateral, 2023.	94
Figura 55. Tanque dos Mouros-lado Sul, 2023.	95
Figura 56. Tanque dos Mouros Contrafortes: a) lateral sul; b) lateral Mártires, 2024.....	95
Figura 57. Tanque dos Mouros, Contrafortes – lateral sul, 2023.	96
Figura 58. Corte estrutura lateral Sul Tanque dos Mouros, 2023.....	97
Figura 59. Montemor-o-Novo, ruínas junto ao Castelo, 2023.	105
Figura 60. Polo Comercial e Industrial do Anticlinal de Estremoz.....	124

Índice de tabelas

Tabela 1. Mármore: extração e recepção.....	24
Tabela 2. "HispaniaEpigraphica Online"; PIMENTEL, 2023: 54; ALARCÃO, 1988:174". .	49
Tabela 3. Análise Swot. Estremoz.....	114
Tabela 4. Análise Swot. Complexo Hidráulico Tanque dos Mouros.....	116

Lista de abreviaturas

AE – Anticlinal de Estremoz

CECHAP – Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios

E - Este

EN4 – Estrada Nacional 4

EN373 – Estrada Nacional 373

IGM – Instituto Geográfico Militar

N - Norte

NE - Nordeste

NW – Noroeste

QB – Quinta da Berlica

S - Sul

SE - Sudeste

SIG – Sistema de Informação Geográfica

SW - Sudoeste

SWOT- Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats

USAF – United States Air Force

W - Oeste

ZM – Zona dos Mármore

ZOM - Zona de Ossa-Morena

1. Introdução

O tema desta dissertação dá continuidade à investigação iniciada na Licenciatura de História (2019 a 2022), adstrita por um lado ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, um dos mais interessantes construídos na Península Ibérica (CARDOSO *et al.*, 2005:143) e por outro a um povoamento romano sem perfil identificado, refletindo-se o linear de tempo que atravessa os séculos I a.C. ao IV d.C.

Localizado no Alto Alentejo, distrito de Évora, na Vila das Mártires em Estremoz, este sítio arqueológico, caracteriza-se por uma envolvência ambiental, *suis generis*, que lhe tem sido propícia na medida que está integrado na ZOM – Zona Ossa-Morena, protegido pela Serra D'Ossa, sob o Aquífero Estremoz-Cano e assente no Anticlinal de Estremoz, remetendo-lhe imediata relevância industrial, comercial e residencial, agregada ao culto à Deusa *Cibele* e proximidade à *via XII*, avançando por isso a possibilidade, de ter sido esta a localização do Polo Industrial e Comercial do anticlinal de Estremoz.

Considerando que o mestrado alinha História e Património, questiono a razão de não se ter aqui realizado estudos arqueológicos, até porque, após atribuição da classificação em 2012 de Sítio de Interesse Público (Diário da República, 2.ª Série, n.º 248, 24 de dezembro de 2012, Parte C, p. 49487-49488), entendo que, esses estudos, lhe teriam acrescido em relevância e nunca na continuada omissão arqueológica, histórica e patrimonial em que se encontra, na medida que a manutenção, conservação e proteção dos seus vestígios continuam ao cargo da natureza subjacente ao silenciamento na sua divulgação.

Perante o exposto, a pergunta que surge é: Porquê? na medida que é impossível imiscuir a relação milenar desta indústria marmórea há construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano?

Urge obter resposta às questões que as aguardam desde sempre, isto porque verifica-se carência de estudos históricos, geológicos e arqueológicos que possam desmistificar e certificar a relação e o propósito construtivo de tamanha estrutura hidráulica e permanência romana neste local, avançando este estudo a possibilidade de estar estritamente relacionado com a extração, transformação e comercialização pétrea e sua subsequente expansão territorial paralela há homogeneização cultural.

Deste modo, provavelmente, este local ter-se-á transformado na principal fonte de produção agrícola e industrial de suporte à extração mineira, realizada a pouca distância deste sítio arqueológico (CRESPO, 1987:8), tornando-se no principal mecanismo propulsor, de coesão e acréscimo económico e comercial *qui ça*, muito devido à proximidade da *via XII*.

Relativamente ao perfil do povoamento têm-lhe atribuído algumas possibilidades, entre as quais: centro urbano, integrado ou não na *urb*, a própria *urb* (CARNEIRO, 2017:49); *villae* romana (CRESPO, 1987:5,12); *pagus marmorarius* (CARNEIRO, 2011:114-115); polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz por identificar (CARNEIRO, 2011:99; MOREIRA *et al.*, 2022:151), porém suprarreferidos de forma ténue, como se outros locais justificassem este, embora na minha opinião, talvez este tenha justificado a existência de outros, desde sempre.

Posto isto, encontrar as características que remetam a estas, ou outras, possibilidades tornam este estudo uma espécie de “*guião do desassossego*” à curiosidade dos pares, para que, assim o queiram, arrisquem a sorte de o poder elevar através de equipamentos detentores de tecnologia avançada aos níveis arqueológico e geológico, “*agarrando*” o que lhe poderá acrescer, a um objetivo maior: a ter sido local de extração, transformação, produção, armazenamento e comercialização do mármore, ter-se-á revelado num dos pilares de sustento económico romano, que muito devendo às características geológicas que lhe são intrínsecas, de terra e água, fora o escolhido para construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento das Mártires, garantindo a sua continuidade industrial e desenvolvimento territorial, culminando no polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz.

Perante o exposto, torna-se perentório destacar, justificar e atribuir a este sítio arqueológico, não apenas, a urgente intervenção arqueológica neste sentido, mas de igual forma a paralela manutenção, preservação, divulgação e valorização culminando na integração Patrimonial Arqueológica e Histórica de Estremoz, até porque, considerando os parâmetros descritos e seu enquadramento paisagístico, este estudo, também, tem como foco analisar uma possível aposta direcionada ao turismo rural e industrial.

Após esta abordagem, questiono:

1. para além da função de rega e encaminhamento de água ao povoamento, o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros terá tido também, a função industrial no corte de pedra, e mais tarde, termal e de lazer?
2. estaremos perante o polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, referenciado por historiadores e arqueólogos (CARNEIRO, 2011:99; MOREIRA *et al.*, 2022:151), ainda por encontrar?
3. reforçar a relevância de em 2012, lhe ter sido atribuída classificação de Sítio de Interesse Público (Complexo Hidráulico – Tanque dos Mouros), porque razão, ainda não foi estudado, considerando as particularidades históricas e arqueológicas que detém?

4. o abandono da estrutura, *in situ*, coloca em causa, possíveis investigações, caso não se tomem diligências na sua conservação. Qual a razão do desinteresse na sua salvaguarda e quais as medidas que poderão ser efetuadas?
5. Qual a razão do desinteresse em dignificar o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, enquanto sítio histórico e arqueológico do património de Estremoz?

Assim, mais do que um trabalho científico, profundo, esta dissertação procura reunir diversidade ao reportório arqueológico, histórico, cultural e etnográfico do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, com intuito de através de uma reflexão livre (e, talvez nalguns momentos até mesmo especulativa), conseguir ressurgir-lhe em questões e hipóteses, que possam dar o mote a trabalhos científicos, de preferência a realizar num futuro que se quer próximo, visando num retorno ao esclarecimento de dúvidas potenciando a sua valorização patrimonial.

Responsáveis que todos somos por um Património que nos identifica no tempo, não se deve continuar a ignorar locais, como este, em consciência, na medida que na sua intemporalidade, este fora, talvez desde sempre, a base que formou e caracterizou esta região.

A memória perante um passado longínquo, deve ser cuidada, alinhada e paralela a tudo o que a formou, por isso continuar a convivência explícita em indiferença, ao muito que este sítio ainda poderá revelar, torna-se a atitude que não dignifica a responsabilidade comum, perante um património que a todos rege e no caso, como historiadores, arqueólogos ou geólogos, cabe-nos a incumbência, maior, de fazer acontecer e dar a conhecer.

Nada é impossível assim o queiram.

2. Metodologia

A metodologia considerada e aplicada na realização deste estudo, foi ao encontro da pesquisa e análise crítica bibliográfica: artigos científicos, teses de doutoramento, dissertações de mestrado, revistas, livros de historiadores, arqueólogos e geólogos, do século XX e XXI, alguns apontamentos do século XVIII, sem esquecer obras publicadas pela CHECHAP (Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios), que se têm revelado o garante intemporal na divulgação da história adstrita a esta relevante matéria-prima que subsiste com incontornável e imperiosa força industrial no século XXI.

A análise da bibliografia permitiu fazer a ponte às possibilidades que aqui vos deixo, que não devem ser desconsideradas, mas sim repensadas de forma a dar-lhes resposta.

Tudo na história está encadeado, encontrar o *“fio à meada”*, torna o enquadramento das possibilidades mais fácil ao que vai mostrando, até porque, independentemente de quem as aborda, a alegria surge quando o comum imerge e percebemos então que é por ali o caminho.

A pesquisa histórica pode ser labiríntica nos seus primeiros segundos, mas se conseguirmos ressurgir-lhe com a permissão das possibilidades, conseguimos visualizar focos de pensamento através de vestígios encontrados, quer sejam de *vias*, deuses, água, povoamentos e neste caso também, tanque. A suma do todo faz-nos chegar quase à sua certificação a tal que necessita de outra pesquisa que a possa comprovar ou não, onde nada se perde, nem que se tenha de recomeçar por enveredar por outros caminhos.

A observação do sítio arqueológico tornou-se imprescindível permitindo *“fazer a ponte”* entre os conhecimentos apreendidos na bibliografia e os vestígios materiais, existentes à superfície, de forma a comprovar se estariam ou não, alinhados às hipóteses avançadas pelos historiadores, arqueólogos e geólogos, relativamente à sua utilização.

Não sou arqueóloga, se o fosse talvez conseguisse identificar outros no decorrer da observação realizada, porém, através da aprendizagem na unidade curricular de Arqueologia da licenciatura, com os docentes Telmo Pereira e Adolfo Silveira, permitiu-me ir ao encontro do que li e retive, talvez conhecido por muitos, poucos e alegria seria se por nenhuns, levando-me a poder crer que consegui doar conhecimento ao encontro de algo maior.

A observação ao espaço de estudo é imprescindível, pois permite encontrar, o descrito nas obras consultadas onde, por vezes, a surpresa surge quando, e remetendo a este caso, o que julgava ser um “simples” tanque, encontrei vestígios com 90 metros de comprimento e 45 de largura, comprovados através da utilização da ferramenta de medição, a Escala, meu apoio incontornável, principalmente em saltar vedações.

Através da pesquisa no Google Maps e Earth, permitiu a visualização de vasta imagem da área em estudo, conseguindo encontrar e enquadrar, de forma mais fácil o espólio arqueológico. Assim, consegui identificar possíveis galerias, tanques, poços, canais, onde delinee pontos com forte possibilidade de serem estruturas de encaminhamento e obtenção de água.

Em campo, este delineamento tornou-se a mecânica perfeita, ao encontro de vestígios, alguns milenares, a céu aberto ou nas profundidades do solo, certificando que a esquadria métrica realizada e depois identificada, teve como objetivo, reforçar vestígios que aqui têm perdurado, que remeto à questão, para a qual, infelizmente, não consegui, ainda, obter resposta: Qual a razão de não ter sido estudado?

Também a consulta das bases de dados, Portal do Arqueólogo e Biblioteca Nacional, foram determinantes de forma a encontrar mais informação que pudesse remeter ao sítio específico.

A utilização da cartografia, onde foi considerada a Carta Geológica 36B de Estremoz, à escala de 1/50 000 permitiu identificar o tipo de rocha que aí se encontra e a Carta Militar de Portugal na escala 1:25 000.

Da mesma forma, os registos fotográficos do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, Quinta da Berlica (QB), adstrita ao povoamento romano, acessos às galerias subterrâneas, canais, aquedutos, tipo de construção, lagos, tanques, poços, estradas, foram realizados de forma a deixar registado, neste estudo, o que ainda subsiste no local.

As fontes orais que fui conseguindo reter no decurso da observação, tornaram-se contributo imprescindível no acompanhamento da observação ao aqueduto, entre o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e a Vila das Mártires, destacando a existência do que ainda poderá restar da *via XII*, a que chamam, Estrada dos Mouros. Outros afiançam, que na primeira metade do século XX e até à década de sessenta, altura da construção da EN4, iam para o “Tanque dos Mouros tomar banho...”, onde no fundo fora visualizado, “... desenhos muito bonitos, feitos em pedra...” e arcaria, “... arcos em pedra ao redor do Tanque, mas deram cabo de tudo...”.

A Geomorfologia aplicada no local através da visibilidade dos conhecimentos aprendidos, recai na hipótese de estarmos perante construção romana, adstrita ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, galerias, aqueduto, lagos e fontes existentes na Quinta da Berlica.

3. O enquadramento histórico e geográfico

Nada é descartável, quando restícios demarcam lineares de tempo em envolvências, que só poderiam ser aquelas tornando-as, por isso, únicas pela componente geológica e geográfica que lhes afere. As mesmas demarcam-se por traços, incontornáveis, que sendo “*desembrulhados*” pela ciência, surgem-nos em camadas e subcamadas de vestígios civilizacionais, que perduram no tempo.

Na verdade, não “*morrem*”, antes, porém “*adormecem*”, entre a adaptabilidade de umas e outras, depois, a cada uma.

3.1 Histórico do século I a.C. ao IV d.C.

Os gregos ensinaram à Humanidade o amor ao belo, ao que permanece, ao que fica. Porém, se a arte, essa mescla poetisa de encontro à sabedoria os definiu, a política terá sido a sua maior fraqueza nesse desencontro abismal, perante a civilização romana voltada para oriente alinhada com o ocidente.

Segundo Carl Grimberg (GRIMBERG, 1940:11-12) Roma, arquitetonicamente, absorveu características de construção etrusca, e religiosamente começou a prestar culto aos deuses etruscos e não aos gregos, como seria de esperar; talvez porque fora através da Grécia Antiga, que a civilização etrusca inicia o culto a deuses com fisionomia de mulheres e homens comuns, desprovidos de beleza, adaptados mais tarde ao classicismo grego, que os etruscos recusam seguir.

É no decorrer do século V a.C., que o território etrusco ao ver-se cercado a norte por celtas e a Sul, da península *Itálica*, por gregos e, sem outra alternativa, alia-se aos cartagineses, que após derrota de 480 a.C. por Roma, presenciam *in loco*, à ocupação do que fora o seu território por romanos e samnitas.

É importante destacar a ponte, que remete à chegada cartaginesa na Iberia, ano 241 a.C., à romana, na medida que terá sido o reconhecimento cartaginês da existência de minas de prata nessa península, que os terá levado ao ponto mais ocidental do mediterrâneo, aquando da perda do território siciliano.

A prata ter-se-á revelado para os cartagineses, o sustento do exército enfraquecido, onde integraram povos ibéricos, com a mesma força e astúcia (GRIMBERG, 1940:85), tendo sido derrotados pelos romanos, em 201 a.C., com a conquista de Nova Cartago, tornando-se Roma única detentora na aplicação de leis políticas e sociais, há medida que acrescentava território ao seu domínio.

Entenda-se que as prospeções ao encontro de recursos geológicos na Iberia, realizavam-se à medida que alargavam o território, garantindo assim, a fixação e construção de valências que asseguraram a sua permanência até ao ano de 711 d.C.

Contudo, Roma ao deixar o Oriente arruinado e devastado, sofre quebras militares repostas à medida que aprisionavam e escravizavam, revelando-se anos sombrios de encadeadas guerras e tratados de paz, perseguições e detenções, morte e destruição que muito contribuíram no desprovemento de firmeza e segurança militar, comandados por patentes que viram ser-lhes retirado cargos e postos, revoltando-se através de guerras civis na Itália, acalmando com sua restituição na Iberia, “*Augusto fundó en Hispania quince colonias, Acci, Colonia Iulia Gemella Acci, que recibió veteranos de las legiones I y II y disfrutó del status colonial antes del año 27 a.C.*” (MARTÍNEZ, 1964:20).

Esta terá sido uma das razões que contribuiu para a elevada taxa de emigração se ter dirigido em direção à Iberia, visto saber-se detentora de minas de prata, ferro, bronze, cobre, chumbo, ouro, solos férteis e encontrar-se, geograficamente, cercada pelo oceano Atlântico e mar Mediterrâneo, direcionando-os à indústria piscícola, o *garum* (ALARCÃO, 1988:146).

No entanto, tendo-se revelado a expansão territorial, num “... complexo fenómeno de aculturação...” (MATOSO, 1993:247) de repostas falhas militares, a mesma permitiu sua continuidade, coadunando-se, ao mesmo tempo, com o seguimento de legiões ao interior Ibérico, que embora desconhecido, terão encontrado menores condicionalismos à sua conquista, isto porque *Tibério Semprônio Graco*, entre 180 a.C. a 179 a.C., aí terá conseguido manter a paz (MARTÍNEZ, 1964:18) permitindo ir ao encontro de povos e seu posterior alinhamento militar aos diferentes contextos geográficos: montanhoso a norte e de planícies a sul.

Posto isto, depreende-se que por cada conquista territorial, terão sido aceites alterações aos níveis cultural, político e social, contudo, creio, que essa adaptabilidade cultural não terá representado total desvinculo às culturas de origem dos que aqui chegavam e fixavam, tendo-se revelado numa multiculturalidade mediterrânica, primeiro ao interior Itálico e só depois, para seu exterior: Ásia Central, Egipto, África do Norte; numa segunda fase, após conquista de Nova Cartago, a uma Iberia, “agarrada” e conquistada, num enlace de coabitação de povos, oriundos de várias proveniências mediterrânicas, tendo-se já verificado situação similar na república, por deter riqueza mineral, que exportada revelou-se no pilar económico romano (MARTÍNEZ, 1964:22).

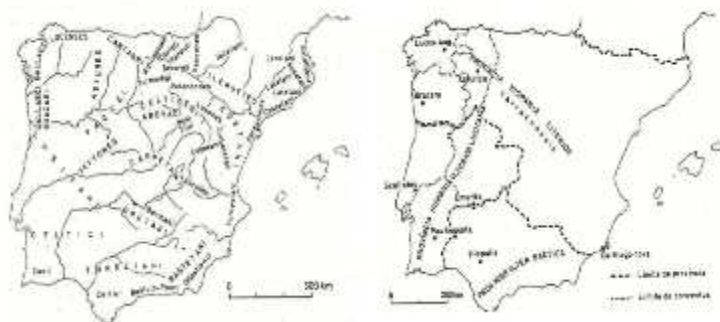


Figura 1. a) Conquista Hispânia (219 a 29 a.C.); b) 1.ª Divisão provincial (197 a 133 a.C.).

É importante destacar a relevância geográfica e estratégica das província romanas (fig.1a-b), *Baetica* e *Costa Levantina*, que através da construção de colónias, municípios e cidades, de estatuto administrativo e jurídico romano, foi-lhes reconhecida potencialidade comercial no século I a.C., por *César* e *Augusto*, pois ao encontrarem-se estrategicamente bem posicionadas perante o mar mediterrâneo, seu maior impulsionador económico, de intenso cruzamento comercial, quer para oriente como para ocidente, viram ser-lhes restituídos “*frutos*” e usufrutos, imprescindíveis à manutenção económica do poder imperial romano (MARTÍNEZ, 1964:22).

Posto isto, julgo que a esta máquina comercial gerenciada por Roma, terá sido previamente delineada uma milimétrica esquadria ao encontro de valências geográficas e territoriais, permitindo o sustento no período republicano até 44 a.C., e posterior sistema de governação, *Principado* ou Império, o qual após morte de *Iulius Caesar*, no ano de 27 a.C. e na pessoa de *Gaius Iulius Caesar Octavainus Augustu*, vê iniciar a *Pax Augusta*, que perdura até morte de *Marco Aurélio* no ano de 180 d.C. (GRIMBERG, 1940:13).

Toda esta abordagem, veio a estabelecer a sua continuidade e desenvolvimento, através de encandeada rede comercial (MOREIRA, 2022:154), e reorganização administrativa, como fora o caso da Lusitânia (fig.2), que viu formar novos centros urbanos, com delimitações territoriais diferentes, cada com sua capital, até porque “O desenvolvimento do processo da nova ordem iniciada por *Augusto* acabará por culminar numa nova realidade em que a parte mais visível é o desmantelamento da estrutura tribal e a emergência de um novo território dominado por novas centralidades e redes regionais.” (BERNARDES, 2017:399).



Figura 2. Divisão provincial (27 a.C. a 300 d.C.), <https://pt.m.wikipedia.org>.

Por outro lado, *Augusto* torna-se pioneiro de novo estilo arquitetónico, fundando quinze colónias, entre as quais: 25 a.C. - *Augusta Emerita e Pax Iulia*; 27 a.C. - *Scallabis Praesidium Iulium* e *Salaria* (MARTÍNEZ, 1964:20-21) porém, nessa altura, já se teriam verificado alterações na construção em Roma na medida que templos terão sido destruídos e reerguidos, com uma matéria-prima branca ou colorida, resistente, macia, fresca, e luminosa - o mármore, que substituiu o gipso, a tufa, a argamassa à base de calcário e pó de mármore e a não menos importante terracota (GRIMBERG, 1940:57; MOURINHA, 2022:35). Este novo estilo arquitetónico prolongou-se até finais do século IV d.C. (MACIEL, 1998:233).

Importante referenciar, que a proveniência inicial do mármore remete à Ásia Menor e Vale de Ebro, tornando-se, também, a matéria-prima escolhida para decoração pétrea, cujo modelo decorativo Roma adquire com o helenismo, representando desde o século II a.C., exotismo, luxo, ostentação.

Se com *Iulius Caesar* se inicia a extração em Carrara (FILIPE, 2015:130), logo depois, já no período Imperial, as pedreiras de Vila Viçosa e de Estremoz, ambas da área territorial do anticlinal de Estremoz (QUINTAS, 2015:130) começam também a ser exploradas, extraindo-se nas de Estremoz o branco luminoso, nada comparável ao branco baixo de Carrara.

Perante o exposto, acredito que no decorrer do avanço territorial pelo mediterrâneo, fossem consideradas prospeções ao encontro de recursos minerais, neste caso o mármore, que ressurge na Iberia, mais concretamente na *Baetica*, onde aqui terão chegado em 202 a.C. as primeiras incursões romanas (GRIMBERG, 1940:111), extraindo à medida que o domínio avançava e aplicava esta matéria-prima nas construções adstritas ao mesmo, indo, depois, ao encontro de uma imensa jazida de mármore, denominada por anticlinal de Estremoz.

Depreende-se que esta matéria-prima, se veio a tornar num dos principais gerenciadore de desenvolvimento económico romano, que ao ter ascendido ao nível da extração, transformação e comercialização pétrea, se terá tornado, talvez, numa das razões ao surgimento de nova ordem

político-administrativa e urbana, advinda da *leges datae*, direito público e privado, que aplicado à Iberia e consubstanciado em regras a serem respeitadas, algumas epigrafadas em mármore (OLIVEIRA, 2022:25), ter-se-á conseguido manter a ordem territorial.

O regime Imperial Romano, proporcionou força e estabilidade, entre os séculos I d.C. e III d.C., manifestando-se através de continuada governança e alargamento indissociável entre os séculos III d.C. e IV d.C., após *Emerita Augusta* passar de capital de província para *Dioecesis Hispaniarum* (MACIEL, 1998:240).

3.2 O Território e a Paisagem

É a geografia e geologia que definem um território, na verdade, são estes os seus primeiros registos históricos, antes de tudo.

O território ibérico é todo ele *sui generis*, por terra e mar, por montanhas, planícies, planaltos, os mesmos contornados por ribeiras, lagos, rios, cercados por um oceano e um mar.

É essa mistura, ímpar e única, de aproveitamento de valências, que ao passar por alterações climáticas quentes ou frias, movimentos de fixação de placas tectónicas, aferem-lhes novos caminhos, cursos de água e premissas de terra, mais ou menos fértil, abrigando diferentes culturas, desde os picos das montanhas à cordilheira a norte, ou às encantadoras planícies, a sul.

Esta fora a geografia das geologias, que sem os assustar, tornou-os estrategas na divisão territorial, aproveitando valências, aquando da sua permanência, no território ibérico, por mais de setecentos anos de tempo.

António de Oliveira Marques, na obra “História de Portugal” (1976:3-20), remete a esse contexto Geológico e Geográfico, referindo-se a uma Iberia “*harmoniosamente*” ligada a serras, que iniciando em Portugal se alongam até Espanha, ou vice-versa; à *Finisterra* de um Oceano Atlântico sem fim à vista, ou mar mediterrânico que abriga calma, rios que nascem em Espanha e desaguam em Portugal, a planícies alentejanas extensíveis à Extremadura espanhola, ou cordilheiras que firmam e abrigam, remetendo tudo a uma constatação maior, do quanto somos devedores aos diferentes contextos geográficos e geológicos, que aferidos, tornam-se a sua identidade, enquadrando-lhes formas de vida tão peculiares e próximas, mas por outro lado, tão diferentes, que povoaram a Iberia, e no caso, o sítio arqueológico em estudo.

Assim, acredito, que senão fosse a especificidade geográfica e geológica desta área do Alentejo, a mesma não teria sido escolhida para construção desta estrutura hidráulica, que se espalhou provavelmente, por áreas mais extensas do que as retratadas neste estudo, muito além

do regadio, mas, provavelmente, com propósito industrial, tornando-se garante de capacidade comercial, reveladora de elevado retorno económico.

Aqui chegaram, identificaram, sinalizaram, construíram e fixaram, sem que provavelmente tivessem noção da extensividade temporal que, desde sempre, esta indústria tem conseguido manter, cimentando a sua própria história.

3.3 ZOM - Zona de Ossa Morena. Enquadramento e Geomorfologia

Marmairein para os gregos e *Marmor* para os latinos, ou posteriormente, apenas mármore, significa desde sempre, a pedra de qualidade ou pedra branca (SERRÃO *et al.*, 2019:17), sendo, especificamente, a extraída nas pedreiras em Estremoz, que a ser calcítica possibilita extração de blocos de maior envergadura (GRILO, 2020:209), revelando-se geomorfologicamente, como “... rocha metamórfica cristalina e carbonatada, composta por cristais de calcite (mármore calcítico) ou dolomite (mármore dolomítico), resultante da recristalização de rochas calcárias ou dolomíticas, na maior parte de natureza sedimentar, previamente existentes.” (MOREIRA; LOPES, 2019:17).

É na ZOM – Zona de Ossa Morena (fig.3), definida por massa paleogeográfica (MOREIRA *et al.*, 2020:81) localizada no Alentejo, que em contacto com o anticlinal de Estremoz e outras localidades como Viana do Alentejo, Alvito, Trigaches, São Brissos e, já no território espanhol, Alconera, San Pedro-Carija e Almadén de la Plata, contribui para que o mármore daqui extraído, se diferencie em especificidade pétrea: cor, textura, brilho (MOREIRA *et al.*, 2019:19).



Figura 3. Ibéria e a Zona de Ossa Morena (ZOM).

Posto isto, relativamente à acreção da ZOM, poder-se-á acrescentar, como “... colisão arco-continente (...) terá ocorrido por volta dos 545-540 Ma, sendo esta face marcada pela geração das rochas metamórficas de alto grau e pela intrusão de granitoides de arco, resultantes de um elevado fluxo térmico gerado pelo slab-breakoff da placa oceânica subductada.” (CACHAPUZ, 2021:4), logo, e considerando que o mármore, se terá revelado, uma das matérias-primas de sustento económico romano (MOURINHA, 2022:35), é natural que a geologia e geografia deste local tivesse passado por um processo de prospeção e análise, meticulosa.

Este mesmo processo, terá garantido as valências necessárias há construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros que para além de direcionamento de água ao povoamento, a metros de distância, a sua mecânica e capacidade hidráulica terá tido um propósito maior: garantir a transformação pétrea, extraída das pedreiras próximas, como as de proveniência mais distante do anticlinal e Estremoz.

3.4 O Anticlinal de Estremoz. Enquadramento e Geomorfologia.

O anticlinal de Estremoz (fig.4) local de formação e proveniência do mármore cristalino, há pelos menos 400 a 500 milhões de anos (QUINTAS, 2019:243), é a mina de pedra mármore com 40 km de comprimento e 15 km de largura, extensiva às localidades de Sousel, Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal (QUINTAS, 2015:200), caracterizando-se por se ter tornado a matéria-prima que, em época romana, ter-se-á revelado de considerável importância produtiva, logo económica, na medida que “Os mármore da região de Vila Viçosa, Borba e Estremoz foram explorados em larga escala.” (ALARCÃO, 1988:135), onde, presentemente, ainda são extraídos, transformados e comercializados, encontrando-se a 120 km da capital provincial, *Augusta Emerita* (MOREIRA, 2022:147) e 150 km de *Olisipo* (FERNÁNDEZ, 2022:51).

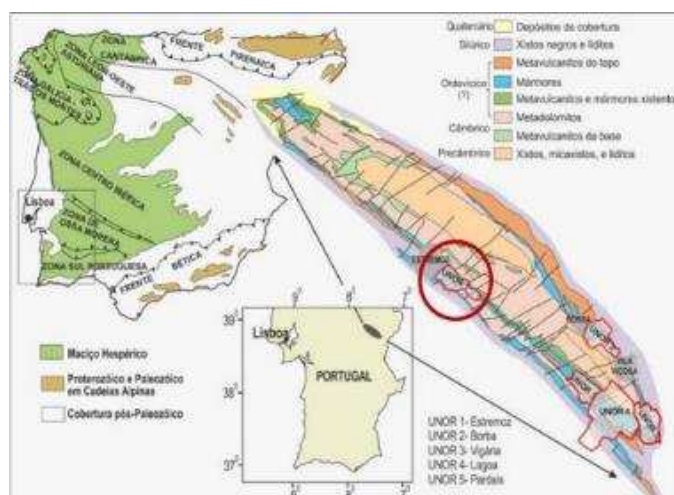


Figura 4. Carta Geológica do Anticlinal de Estremoz, IGM, 1997.

Na medida que a exploração de recursos de subsolo, representaram os valores mais altos da economia romana, logo o mármore destacou-se pela relevância que conseguiu manter desde a antiguidade clássica, tornando curioso e determinante, para o objetivo deste estudo, o nome atribuído ao anticlinal, que demonstra e acrescenta, efetiva, importância a este território, “... apesar de abarcar também os concelhos de Borba e Vila Viçosa, durante vários séculos, até bem dentro de oitocentos, as pedreiras estarem à época, sobre administração concelhia de Estremoz e assim, por várias centúrias, os mármoreiros vão sendo referidos como provenientes daquele concelho.” (QUINTAS, 2013:199-201).

Posto isto, ao analisar este excerto, verifica-se que as pedreiras do anticlinal de Estremoz, estariam “... durante séculos (...) sobre a administração concelhia de Estremoz”, logo os indicadores: “séculos” e “administração concelhia de Estremoz”, subentendem ter sido este sítio arqueológico, o local escolhido para a construção do complexo-hidráulico e povoamento, não apenas pela envolvimento geográfica e geológica, mas, principalmente, pelo garante adstrito à adaptabilidade romana, *quicá* de propósito maior: “ferramenta” hidráulica de corte e talhe pétreo, garantindo posterior comercialização, no interior como exterior da Iberia (CARDOSO *et al.*, 1997:29).

Considerando e relacionando a exploração, extração, e transformação desta matéria-prima às localidades do anticlinal de Estremoz: Sousel, Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal, verifiquei que as suas características, assim como as dos povoamentos cercanos a Estremoz, alguns com perfil já identificado, remetem, na minha opinião, a ter sido este, efetivamente, o local onde se procedia à transformação, comercialização e armazenamento pétreo, até porque, seria “... local de embarque das cargas marmóreas, fosse na direção da capital provincial de *Augusta Emerita*, fosse com destino para *Ebora* ou para comércio atlântico.” (CARNEIRO, 2013:95).

A ser o único detentor, em espaço ibérico, de um complexo-hidráulico desta dimensão, equaciono, de igual forma, ter aqui estado assente o estaleiro de cantaria, que a ser construído num único sítio facilitaria o transporte do material necessário à sua execução (QUINTAS, 2015:133) devendo, por isso, encontrar-se, relativamente, perto dos trabalhos que antecederem os de transformação pétreo.

Após este aparte, *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus* sentia-se orgulhoso pela pedra mármore extraída do anticlinal de Estremoz, tendo Suetónio registado o que terá pronunciado “*Urbem neque pro maiestate imperii ornatam et inundationibus incendiisque obnoxiam excoluit adeo, ut iure sit gloriatus marmoream se relinquere, quam latericiam accepisset.*” (CARNEIRO, 2018:29).

Da mesma forma, a par com a bibliografia consultada, torna-se relevante destacar, alguns, dos locais de extração e receção da pedra mármore, entre os séculos I a.C. e V d.C.:

MÁRMORE: EXTRAÇÃO E RECEÇÃO						
Proveniência	Ano	Imperador	Extração	Especificidade	Utilização	Recepção
Paros	I a.C. – IV d.C.	Cesar Domiciano	Grécia – Mar Egeu	Branca (CANDIDUS) Luminosidade	Templos Estatuária: Augusto (TEZ)	Península Itálica
Luna Carrara	I a.C. – IV d.C.	Cesar Domiciano	Itália – Toscana	Branca (ALBUS)	Templos Estatuária: Augusto (VESTES)	Península Itálica
Anatólia	I d.C.		Oriente – Ásia Menor			Península Itálica
Helénica	I d.C.					Península Itálica
Hispania: Baetica	I a.C. > I d.C. ao V d.C.	Augusto Domiciano	Almeria e Málaga		Arquitectura Epigrafia Estatuária	Península Itálica
Hispania: Lusitania			Estremadura Espanhola Alentejo		Decoração pétrea	Península Itálica
Hispania: Lusitania: anticlinal de Estremoz			Anticlinal de Estremoz: Souzel, Estremoz, Borba, Vila Viçosa, Alandroal	Clara: branco, creme, rosa; SO: tom escuro; Valor cosmocrático; Luminosidade pétrea;	Sarcófagos Bustos Fustes, Bases capitéis Baixos relevos	Norte África: Marrocos Península Itálica Lusitania: Alamo, Valado, Castanheira do Ribatejo, Évora, Mértola, Pax Julia, Vipasca, Ammaia, Mirobriga, Olisipo, Scaillabis, Conimbriga, Baelo Claudia (Baetica), Caesari Augusta (Saraçoa), Toledo, Sevilha, Segóvia, Cádiz, Tui, Oviedo (Tarracensis), Emerita Augusta, Regina Tundulorum, Ataquerra, Conloba.

⁹¹⁰ in, (CARNEIRO, 2013:64; FILIPE, 2015:130; GRILLO, 2022:205; MACIEL, 1998:233, 240; MOREIRA, 2022:73-100; MOURINHA, 2022: 35-39; MARTÍNEZ, 1964:20-2; QUINTAS, 2015:130)

Tabela 1. Mármore: extração e receção.

Posto isto, entendo, que já se deveria ter atribuído ao anticlinal de Estremoz reconhecimento extrativo e de transformação pétrea em época romana, na medida que no período em estudo, e após esta abordagem, reforço a possibilidade, de se ter realizado o processo de transformação pétrea no complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, tornando-se assertiva a reivindicação de estudos arqueológicos e geológicos, de forma a que dúvidas se tornem certezas, relativamente a locais exatos de extração, transformação e comercialização.

Contexto Histórico-Económico

O mármore proveniente do anticlinal de Estremoz, tem sido referido em estudos científicos, dissertações de mestrado, teses de doutoramento, publicações de historiadores, arqueólogos, geólogos e, igualmente, tema de livros, seminários ou exposições, destacando o XII Congresso Ibérico de Geoquímica, organizado pela Universidade de Évora, em 2019, onde foi referido, que as unidades de mármore de Estremoz “... apresentam variações cromáticas que variam desde o branco-creme, ao rosa e ao negro-cinza a azulado escuro (ruivina), com mais ou menos vergadas. São mármore calcíticos muito puros (calcite>95%), sendo que a mineralogia acessória inclui quartzo, biotite, moscovite, ericite, clorite, feldspatos s./., dolomite, óxidos e pirite.” (MOREIRA *et al.*, 2019:29).

Se compararmos o mármore extraído no anticlinal de Estremoz com o mármore helénico, verifica-se que os mesmos não detêm as mesmas características pétreas, tendo sido *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus* que acrescentou valor cosmocrático ao extraído no anticlinal de Estremoz (CARNEIRO, 2013:61), esclarecendo-se talvez assim, a sua verdadeira proveniência.

É importante apontar, a inexistência de estudos que certifiquem a verdadeira proveniência do mármore luminoso extraído no anticlinal de Estremoz, em período romano, considerando que se continua a apontar a sua origem a Carrara que viu iniciar extração com *Caesar* (FILIPE, 2015:130).

Desta forma, pela disponibilidade de técnicas a ser usadas pela ciência, nada é impeditivo que as mesmas sejam utilizadas, assim o queiram, ao encontro da desmistificação desta lacuna, silenciosa, e ver, de uma vez por todas, esclarecida a sua verdadeira origem “...*el uso conjunto de diversas técnicas, como la desótopos estables, catodoluminiscencia (CL) oressonância paramagnética (EPR) puéden ser útiles para discriminar entre variedades hispanas como las del Anticlinal de estremoz y Almadén de la Plata.*” (FORTES *et al.*, 2022:166).

Por outro lado, a luminosidade pétrea e visualização, de cristais no mármore extraído no anticlinal de Estremoz, nas pedreiras de Estremoz, não acresce dúvidas a ser o mármore branco proveniente deste local, em nada igual, ao branco basso de Carrara, que visualizadas em *loco* as diferenças, através da visita à Rota dos Mármore no ano de 2023, fiquei esclarecida, através do guia João Bravinho, relativamente à caracterização pétrea de cada proveniência.

Após esta abordagem, é importante equacionar até que ponto o reconhecimento do anticlinal de Estremoz como proveniência pétrea, não poderá expor “lutas” adstritas, a concorrências erróneas, de intencionalidade, que já deveriam ter sido esclarecidas, na medida que o mármore é daqui extraído há 2000 anos, diferenciando-se, por ser o local onde a junção de placas minerais e porosidade lhe confere diferenças de: cor, brilho ou falta de brilho e textura, logo dúvidas a existir verifica-se sua inexistência. Deste modo, torna-se urgente desmistificar, assertivamente, pontos soltos no tempo, que a saberem-se errados e mal-esclarecidos, continuam a não permitir elevar o anticlinal de Estremoz da forma merecida.

Aliás, entendo que existirá certamente interesse local e nacional, e até peninsular, pois urge colocar a história no eixo correto, visto a extração pétrea, presentemente, ainda se verificar pelo anticlinal de Estremoz, sendo notório o alargamento de extração, que não querendo extravasar, espero não ser esta, uma das principais razões do desinteresse científico, na certificação deste sítio arqueológico, por parte das entidades locais.

Ao utilizar o Sistema de Informação Geográfica (SIG), no ano de 2023, verifiquei que a Vila das Mártires, fiel protetora do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, é detentora de

vestígios, que poderão comprovar o alargamento do mecanismo hidráulico, com proveniência do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, quer na sua direção, como na de territórios mais afastados.

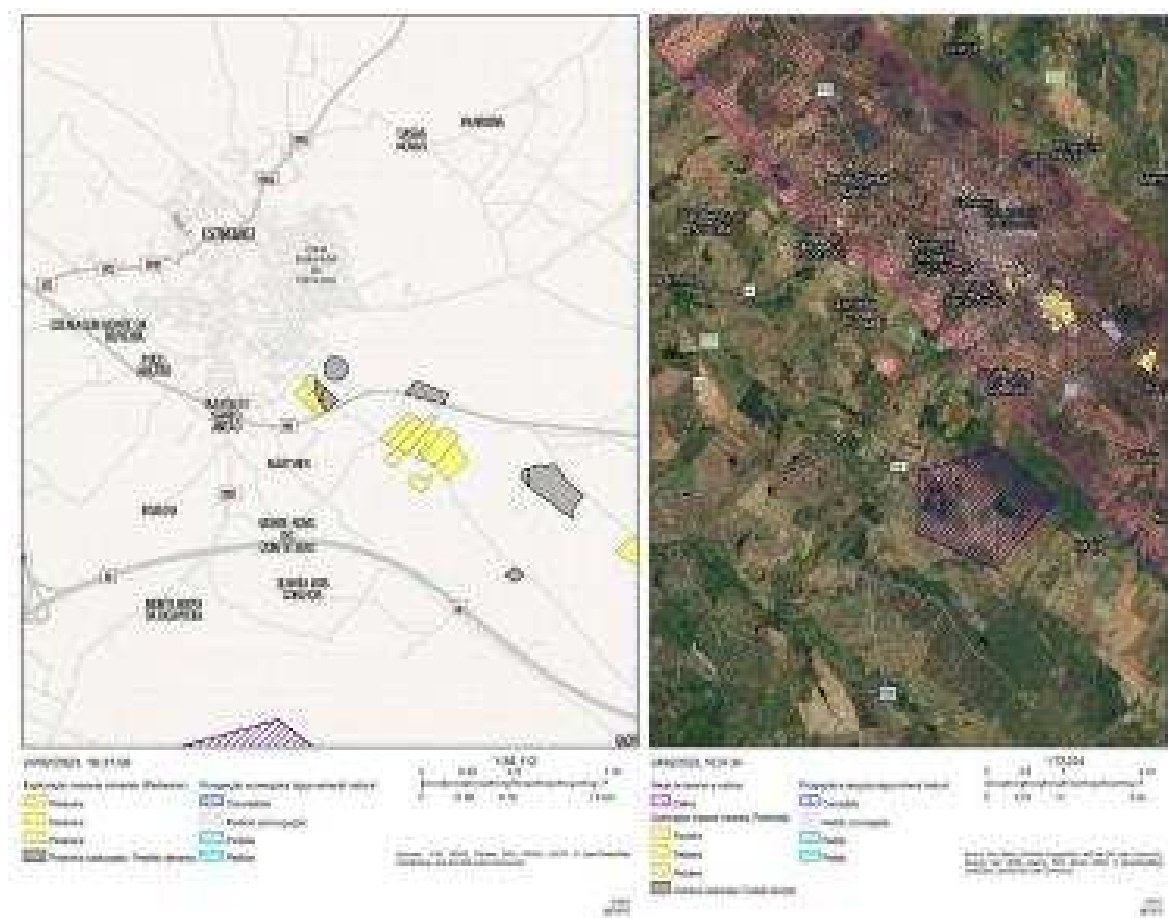


Figura 5. a) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:31:58; b) Mártires, SIG: 24/02/2023,16:37:34.

Verifica-se que ao redor da área em estudo, estão assinalados locais de futuras extrações, e noutros casos, pedidos que aguardam aprovação, tornando-se fácil perceber até que ponto esta indústria milenar, cada vez mais agressiva, poderá levar à desestruturação paisagística, que remete à caracterização, peculiar, de povoações localizadas por extensas planícies, de horizonte longínquo, devendo por isso ser repensada cada autorização de extração local.

Para elaboração da pesquisa no SIG (fig.5), utilizei duas palavras chave: Água, visto ser o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros *sui generis* ao nível da contextualização natural e humana. Os resultados obtidos (fig.5 a-b) confirmaram existência de água mineral, pedidos de prospeção concedidos, prorrogados ou a aguardar despacho. Ao reter estes indicadores poder-se-á salvaguardar, atempadamente, zonas sob proteção ambiental, até porque se encontram sob a Serra d'Ossa, ou Serra D'água, segundo o "... topónimo luso-céltico Ossa, nada tendo que ver da etimologia do grego *Hessenos*, *Hesseos* ou *Hóssios* proposta por Fr. Henrique de Santo

António, da sua Crónica dos Eremitas da Serra de Ossa, vem a significar, portanto e simplesmente: «Serra das Águas», por causa das muitas nascentes e ribeiras que brotam dos seus flancos. Dando esta etimologia firmada no gaulês (do País de Gales) *Oscieu*, «água», ao nome «Ossa», no Minho, e de *Oca*, nos Montes Ibéricos, em Espanha, às quais não poderia aplicar-se a interpretação do Grego *Hossios*” (CRESPO, 1987:25).

A segunda palavra chave escolhida foi pedreiras/mármore, visto o sítio arqueológico estar integrado no anticlinal de Estremoz, tornando necessária esta abordagem. Assim, ao encontrar-se rodeado por pedreiras ativas e caducadas, reafirma ter sido escolhido este local, não apenas, pela extração pétrea, mas igualmente pela possível capacidade de suporte aos trabalhos de transformação, revelando-se detentor das características necessárias, para que a ser construído garantisse posterior comercialização, até porque historiadores, geólogos como arqueólogos, têm atribuído às pedreiras de Estremoz proveniência mineral “... dos mais variados sítios onde detinham pedreiras, como Montes Claros, em Estremoz, Pêro Pinheiro, Serra da Estrela, São Antão do Tojal, Póvoa de Santo Adrião, Serra de Arrábida e Sines, sendo a exportação dos mesmos, efetivada para o Brasil, França e Inglaterra.” (QUINTAS, 2019:96).

Porém, é na pedreira da Cerca de Santo António dos Capuchos em Estremoz, que no ano de 1872, é apontada uma produção pétrea na ordem de 250m³/anuais, representando um volume de 2700kg/m³ a 945 toneladas extraídas (QUINTAS, 2019:98). Depreende-se através destes indicadores, a quantidade de pedra extraída, tendo surgido, inclusive, em 1884 o Regulamento da Lavra das Pedreiras, de forma a vigiar estas explorações ao nível da segurança e acidentes de trabalho, paralela há enormidade de blocos de mármore extraídos, através de equipamento, muito, rudimentar: ponteiro e martelo de ferro.

As técnicas artesanais de laboração braçal, destacadas no artigo “*Arte Romana e Pedreiras de Mármore na Lusitânia: Novos Caminhos de Investigação*”, eram as mesmas utilizadas em período romano, tendo sido essa uma das razões de a extração se realizar extensivamente, pela inexistência de recursos de aprofundamento (MACIEL, 1998:236), por isso alargava-se a área a par com obras realizadas ao redor (QUINTAS, 2015:130), como se verifica nos vestígios que remetem à extensividade de extração pétrea, ao mesmo tempo que, se terá construído o recurso hidráulico e povoamento em estudo.

Depreende-se que nesse povoamento, residiam os trabalhadores que extraíam o mármore, os que dariam suporte à mecânica hidráulica do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, os que executavam o trabalho de cantaria, os de armazenagem, legionários, engenheiros, *pagi*, e, principalmente, os comerciantes que aí se abasteciam e descansavam.

Após esta abordagem, e caso se venha a comprovar, através de estudos arqueológicos, ter sido, efetivamente, esta a localização do polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, o mesmo poderia, perfeitamente, estar integrado numa *urb*, na medida que “A cidade constitui, também, um polo territorial, que tira a sua subsistência e acumula riquezas extraídas de um espaço mais vasto, exercendo uma natural atração não só sobre os habitantes desse espaço, mas também sobre os de paragens mais longínquas. Por tudo isso, concentra-se na cidade uma população numerosa e heterogénea, que inclui os representantes máximos de todos os poderes; uma elite proeminente, com eles estreitamente relacionada; uma grande multiplicidade de indivíduos, de diversos níveis sociais, ligados às atividades institucionais; os trabalhadores que se dedicam ao comércio e ao artesanato; e ainda uma multidão indiferenciada de escravos, assalariados, militares e marginais.” (MATOSO, 1993:247-248).

Na medida que a base e capitéis do Templo de Évora, foram executados com o mármore branco, proveniente das pedreiras de Estremoz, assim como a maior parte da escultura romana, remete à matéria-prima daí extraída e de Vila Viçosa (CALADO, 2012:99), não é difícil alinhar o trabalho de cantaria ao local de estudo: perto do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, onde, antecipadamente, o mármore já teria passado pelo processo de transformação pétrea.

Considerando o exposto, realizou-se nova pesquisa no SIG, para a qual, chamo a atenção, para a fig. 6, onde em a) a extensão da extração existente na área envolvente do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, remete a uma pedreira junto à EN4, onde apenas, parte dela, se encontra ativa; já em b) foca uma área mais afastada do sítio arqueológico, mas a conceção de observação de depósito mineral é extensa.

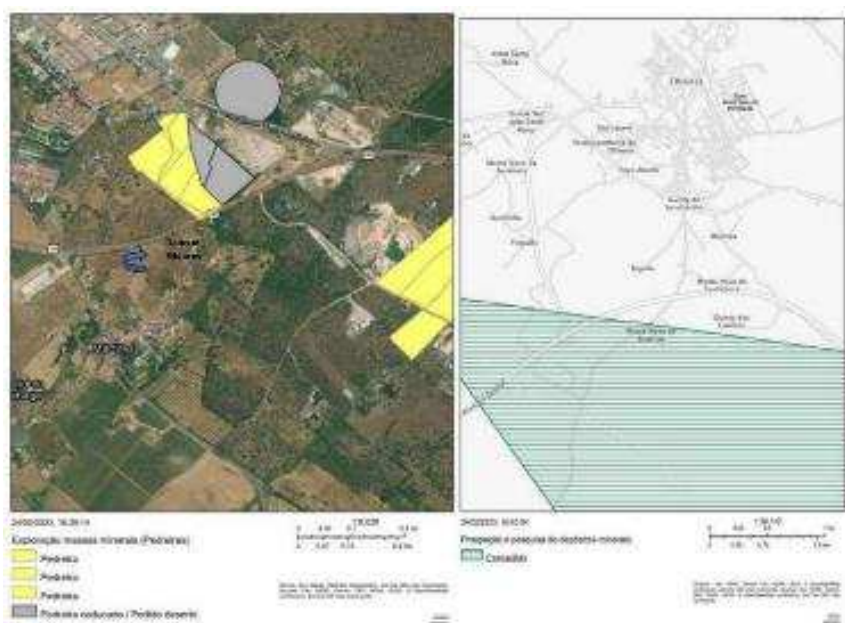


Figura 6. a) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:39:14; b) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:45:04.

Assim, torna-se importante colocar a seguinte questão: até que ponto as consequências das extrações que efetivamente se venham a concretizar, não irão transformar-se em devastadoras sequências ambientais?

Ao querer proteger-se um património não se pode descartar, de todo, a envolvência natural, que também o caracteriza, que a verificar-se continuidade extrativa, tão perto da cidade de Estremoz e, mais ainda, deste sítio arqueológico, a não se travar, atempadamente, corroerá um futuro próximo, sem se ter sequer ponderado a destruturação ambiental que não é apenas pedra mas também barro, ficando neste estudo, já o alerta.

No que se refere, a esta abordagem de destruturação ambiental, Patrícia Mareco, tal como eu, infelizmente, acredita numa intenção e disfunção, ao encontro de lucro adstrito a impérios empresariais, que “... no território na preservação do Património Arqueológico Rural, ainda impera a estratégia de uma arqueologia preventiva, a qual remete para segundo plano a investigação profunda sobre os bens arqueológicos, por um lado, e por outro, o desenvolvimento exacerbado de uma política de impacte ambiental sujeita aos lucros da optica empresarial.” (MARECO, 2006:33).

Nova pesquisa no SIG foi realizada, para a qual chamo a atenção para a fig. 7, onde em a) surge uma área superior ao nível extrativo, comparativamente às identificadas anteriormente, observando-se, depois, em b) que na envolvência da cidade de Estremoz, estão identificadas pedreiras ativas, caducadas, concedidas e pedidos a aguardar despacho. Na medida que os resultados obtidos nas figuras 5 e 6, são suficientemente esclarecedores do que poderá acontecer neste território, aplica-se na íntegra a frase “*uma imagem vale mais que mil palavras*”, pois é, exatamente, através dela, que equaciono senão estará aqui a resposta às hipóteses alinhadas neste estudo.

Entenda-se, pois, a urgência na realização de estudos arqueológicos, antecipando possíveis extrações, que destruirão vestígios, que presentemente ainda se poderão localizar assegurando conhecimento arqueológico, histórico e patrimonial local e reconhecimento extrativo em época romana ao anticlinal de Estremoz, inclusive, às pedreiras de Estremoz. Caso esses estudos não se concretizem, saberá a um obscuríssimo conivente, sem zelo, despropositado e intencionado, direcionado há não menos importante salvaguarda ambiental.

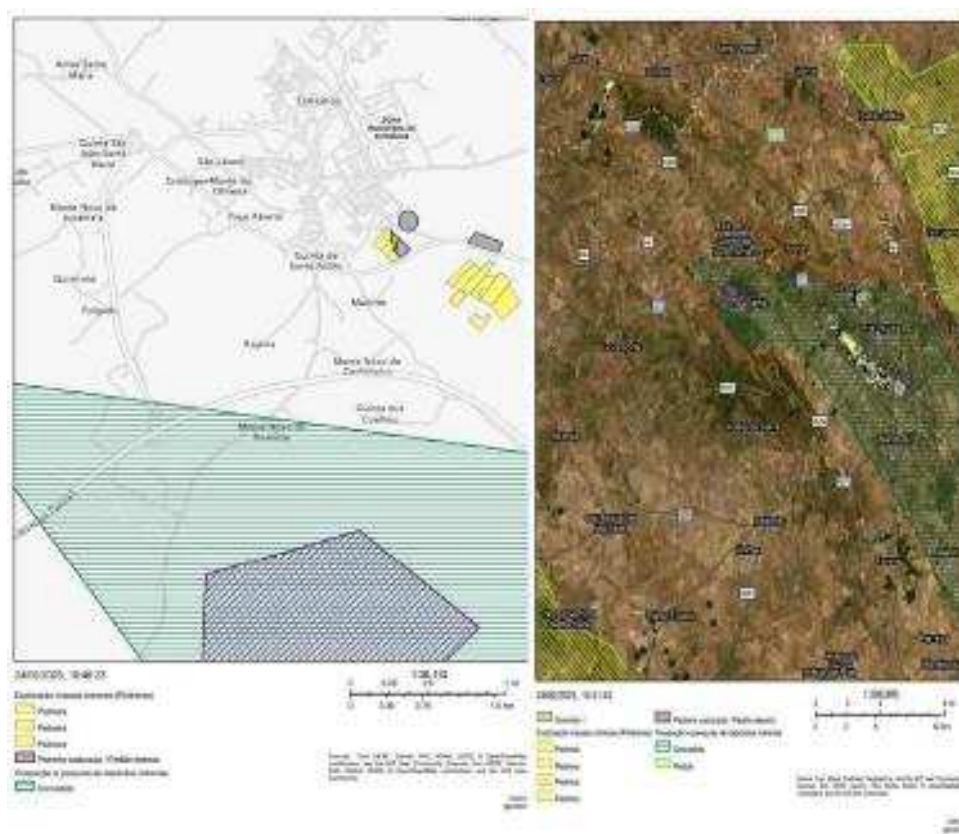


Figura 7. a) Mártires, SIG: 24/02/2023, 16:46:23; b) Mártires, SIG: 24/02/2023.

3.5 O Aquífero Estremoz - Cano

Um aquífero é a formação geológica e subterrânea de um reservatório de água proveniente da chuva, rios, ribeiras e mar, que através do método utilizado, desde a antiguidade clássica, reconhece locais e qualidade da água extraída, através de um furo ou poço, certificando-lhe condições de consumo, de forma a que “... só é potável se não estiver parada, ou charca, se a linha não nascer em qualquer tipo de mina, e que só é bebível se for transparente sem qualquer tipo de sabor, odor ou depósito de Iodo (Paládio, I, IV).” (BARBOSA, 2016:21).

Igualmente Jean-Pierre Adam considera, na obra “*La Construction Romaine – Matériaux et Techniques*”, a existência desses aquíferos que garantiriam a permanência de água em locais de imprescindíveis depósitos, assegurando não apenas o consumo, como a irrigação de campos (ADAM, 2010:257) e também, no caso de estudo, o abastecimento do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros.

É Carla Midões e Augusto Costa, que se referem à denominação atribuída ao aquífero, que passa no subsolo deste sítio arqueológico: Aquífero Estremoz-Cano (fig.8), situando-se “... no Nordeste Alentejano, nas bacias hidrográficas do Tejo e do Guadiana.” (MIDÕES *et al.*,

2010:1), estendendo-se aos concelhos do anticlinal de Estremoz: Sousel, Estremoz, Borba, Vila Viçosa e Alandroal, contando com uma área de 186,8 Km², de NW-SE por 50 km, com a largura de 7 km, ambos, quer o aquífero Estremoz-Cano, como o anticlinal de Estremoz, integrados na ZOM.

Entende-se que devido à dissolução mineral de determinado território, através do contacto com a circulação de água, é-lhe atribuída determinada especificidade, parecendo-me que tudo leva a crer, que a construção do complexo-hidráulico ter-se-ia realizado neste local, específico, por ser o ponto exato de registo de maior velocidade de corrente de água, atingindo “...vários quilómetros por dia.” (MIDÕES *et al.*, 2010:2).

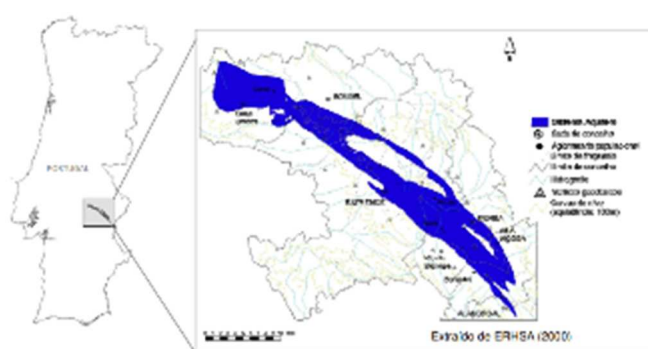


Figura 8. Sistema Aquífero Estremoz-Cano (Midões, Costa, 2010:1).

Após esta abordagem, torna-se pertinente levantar a seguinte questão: encontrando-se localizado o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano na ZOM (fig.3), anticlinal de Estremoz (fig.4) e sob o Aquífero Estremoz-Cano (fig.8), terão sido construídos nesse exato local, por a corrente de circulação de água atingir maior velocidade, permitindo, desta forma, assegurar o seu propósito?

Talvez as pistas, que se poderão considerar ao encontro desta questão, possam remeter a: “...retenção de água junto da vila de Estremoz, água essa que proviria de duas nascentes «ambas obstruídas ou desviadas com o grande terramoto de 1531».” (CARDOSO *et al.*, 2005:141); ou a outros locais de proveniência de água, como o Baluarte de Santa Bárbara e a Cerca de Santo António dos Capuchos (CRESPO, 1987:8), encontrando-se, este último, a metros do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e Vila das Mártires, como lhe faz referência o arqueólogo André Carneiro “Em torno do convento, em área hoje perfurada por pedreiras de extração de mármore, existiu um manancial de água que procedia de duas fontes, uma das quais próximo da Cerca de Santo António (...) do baluarte de Santa Bárbara, também desviado pelo mesmo terramoto.” (CARNEIRO, 2011:181).

Posto isto, por um lado, concluiu-se a possibilidade de o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano terem sido construídos neste local, pela proximidade à área de extração, que remete à pedreira da Cerca de Santo António dos Capuchos, que julgo, ainda, a aguardar por certificação arqueológica, adstrita à extração, intemporal, romana, e por outro, por se encontrarem sob o aquífero Estremoz-Cano, onde, supostamente, a corrente de circulação de água subterrânea atinge maior velocidade, garantindo o sustento desta estrutura hidráulica aos propósitos aferidos.

Esta abordagem faz-nos perceber a orgânica de prospeção romana na área em estudo, pois aí foi identificada a mina de pedra mármore do anticlinal de Estremoz, que em contacto com a água atribui-lhe especificidade pétrea, logo a matéria-prima que se veio a revelar de elevada importância aos níveis da construção e decoração pétrea, existindo a necessidade primordial em garantir extração do mármore, através da construção de recursos, também de transformação, armazenamento, produção e comercialização.

Terão os romanos encontrado aqui essas mesmas características? Julgo que sim.

4. O Povoamento Romano da Vila das Mártires e o Complexo-Hidráulico Tanque dos Mouros

É nesta planície do Alto Alentejo, protegida pela Serra D'Ossa ou Serra D'Água, detentora de 26 km de comprimento, encontrando-se o seu ponto mais alto a uma altitude de 653 metros, com menos de 300 metros de planície (FEIO, 1983:5), assim como também, pela elevação onde se localiza o Castelo de Estremoz, a NE-SE, com 17 km de extensão, por 500 a 300 metros de altitude (RAMOS, 2019:131), que este povoamento romano e complexo-hidráulico Tanque dos Mouros foram construídos.

É no artigo “*Arte Romana e Pedreiras de Mármore na Lusitânia*”, que se faz referência aos trabalhos arqueológicos direccionados há extração marmórea, em época romana, alargando-se do território extrativo de Vila Viçosa ao de Estremoz, no mesmo período (MACIEL, 1998:235-236), tornando este sítio arqueológico, por si só, *sui generis*, levando-me a acreditar, embora, sem o poder comprovar, com a precisão que gostaria, mas mesmo assim, atrevo-me a colocar a seguinte questão: terá Roma ocupado este local de estudo, já provido de vida, adaptando-o à sua política económica e social?

Iria, talvez, entrar numa vertente detentora de demasiadas possibilidades, por isso incidir-me-ei, apenas, ao povoamento romano e complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, acreditando que outras oportunidades surgirão, para descortinar esta probabilidade ou não fosse esta a forma de se fazer a história da História, através do entrelaçar científico que, em união, tudo consegue.

Neste capítulo irão ser contemplados os vários contextos do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, que através da pesquisa bibliográfica e observação realizada e direccionada aos mesmos, permitiu remeter à sua caracterização com maior precisão.

Por cada vestígio encontrado, por vezes tudo poderá voltar a ser equacionado, ou, verificar-se que pontos alinhados podem remeter a vestígios incontornáveis, que deverão ser perseguidos na realização de estudos arqueológicos.

4.1 O Complexo-Hidráulico do Tanque dos Mouros

Ao Complexo-Hidráulico Tanque dos Mouros, (fig.9-b), foi atribuída, em 24 de dezembro de 2012, a classificação de Sítio de Interesse Público, em Diário da República, 2.^a Série, n.º 248, Portaria n.º 740-CJ/2012, Artigo 1.º - Classificação /Artigo 2.º - Zona especial de proteção.

Encontra-se à latitude de 38.8335 Norte, longitude de 7.5800 Oeste e altitude de 398 metros a Sul, e a Norte, já do outro lado da EN4, à latitude de 38.8339 N, longitude de 75803 Oeste e altitude 402 metros, com a capacidade de armazenamento de água de 20 000 m³ (CARDOSO

et al., 1997:28), encaminhada por aquedutos até ao povoamento romano, ainda sem perfil identificado, local onde se encontra localizada a Ermida Nossa Senhora das Mártires e Vila das Mártires, em Estremoz, assim, como através de galerias, tanques, poços e canais, em áreas mais cercanas e longínquas, tendo a distância maior, ao nível da observação realizada, remetido aos quase 1000 metros.

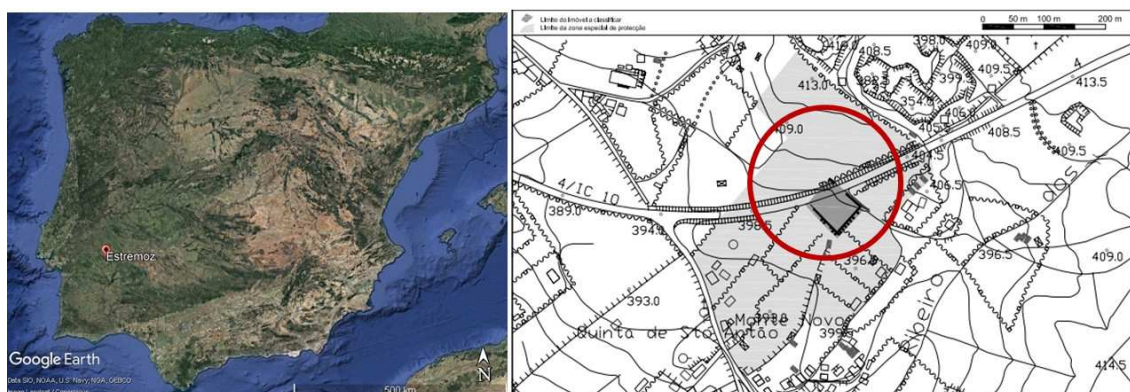


Figura 9. a) Península Ibérica (Estremoz); b) Localização Tanque dos Mouros.

Existindo neste local há provavelmente dois mil anos, o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig.10), foi construído em aparelho pétreo e argamassa impermeabilizante, *opus signium* (fig.11), encontrando-se, presentemente, a sua estrutura retangular, dividida por ambos os lados da EN4, detendo “... quatro paredões de 2,20 m (...) fundo está hoje cheio de terra até à altura de 3 metros...” (CRESPO, 1987:6), contando com 90 metros de comprimento, 45 metros de largura e 5 metros de profundidade (CARDOSO *et al.*,1997:28).



Figura 10.Tanque dos Mouros, 2024.

Se a água fora, desde sempre, fundamental na fixação de civilizações, também o anticlinal de Estremoz se tornou imprescindível na extração marmórea, matéria-prima de excelência romana (CARNEIRO, 2011:133), garantindo seu suposto relacionamento na construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, quer ao nível da transformação pétreo, como no de distribuição de água à *villae*, através de aquedutos, canais e galerias subterrâneas, revelando-se

credíveis, estas possibilidades, aquando da sua classificação de Sítio de Interesse Público, no ano de 2012.



Figura 11. Argamassa *opus signium*: a) Contraforte Tanque dos Mouros b) fonte QB, 2024.

Se a obra Inventário Artístico de Portugal, Distrito de Évora: Concelhos de Arraiolos, Estremoz, remete às ruínas do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, alocadas a um local de banhos retangular, adstritas igualmente à irrigação (ESPANCA,1975:92), em 1963 é cortado a meio, com a construção da EN4, e em 1986 a obra “*Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo*” remete o século XIV ao ano de construção (CARDOSO *et al.*,1986:135), tendo sido em 2005 acrescentado, novos detalhes relacionados com mecânica hidráulica, onde lhe é apontado “... na parede do muro do tanque, um tubo de descarga. Atendendo à posição da saída de água em cada um dos compartimentos, estes poderiam albergar dois moinhos de rodízio, de eixo vertical, acionados diretamente pela água que saia do tanque.” (CARDOSO *et. al.*, 2005:143).

Posto isto, sendo estes vestígios de tecnologia hidráulica únicos na Iberia (CARDOSO *et. al.*, 2005:143), revelando-se no maior tanque hidráulico em território português (CARDOSO *et al.*, 1997:28), logo garantiria inclusão e notoriedade territorial, relacionado á exploração e extração pétrea, na minha opinião, acrescida ao de transformação, até porque, as especificidades mecânicas assim o indicam, como por exemplo a existência de “...dois moinhos de eixo vertical com rodízio, acionados pela água que saía diretamente dos dois orifícios.” (CARDOSO *et. al.*, 1986:138).

Questionar a relação dos trabalhos de extração e posterior encaminhamento pétreo para o interior do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, poderá remeter ao sistema de rolamento de tábuas (QUINTAS, 2015:131) onde, no caso, num terreno ligeiramente inclinado, decairiam para o seu interior, na medida que “Dentro do Tanque – lado norte – de onde devia correr a entrada da água que caía em toalha sobre um bloco de calcário boleado de uns dois metros de

largo que parece ser nascediço, muito desgastado em sulcos pela corrente da água.” (CRESPO, 1987:6).

Como já referido, por as ferramentas e técnicas utilizadas serem muito rudimentares, logo não permitiriam aprofundamento pétreo, apenas indo até ao “...levantamento por roço e por cunhas o permitia.” (MACIEL,1998:236), logo extraía-se extensivamente pequenos blocos que através do cinzelamento, às medidas pretendidas, faziam-se rasgos na pedra preenchidos com madeira (QUINTAS, 2015:131) levando ao corte em contacto com a água, técnicas que em finais do século XIX e primeiras décadas do XX ainda se realizavam, comprovadas pelos vestígios existentes nos locais de extração (fig.12).



Figura 12. Pedreira dos Pardais, Vila Viçosa: demarcação de incisão de ranhuras, 2023.

Poder-se-á concluir que o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, terá sido o local exato onde se colocavam blocos de mármore demarcados para corte; onde no seu interior a madeira em contacto com a água inchava, abria fissuras e partia às formas e medidas pretendidas.

A questão a colocar é a seguinte: seria o sistema de rolamento de deslocação, que permitiria o deslocamento dos blocos de mármore até ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, para se proceder ao processo de transformação pétreo?

Por outro lado, e não menos importante, são as referências à sua estrutura hidráulica, como as que se encontram referidas no *Do Archeologo Português*, vol. IV de 1898: o que se julgava retangular surge quadrangular (CARDOSO *et al.*,1986:135); os contrafortes com função de sustentar o peso da água no interior do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (CARDOSO *et al.*, 1986:135), remete a compartimentos onde se colocavam as vestes dos que iam a banhos, na “... imensa vasilha de água...”, onde (CRESPO, 1987:6):

... se vem as ruínas de um tanque, que a tradição chama dos Mouros, e he quadrado de bastante grandeza, e no groço das suas paredes alguas cazinhas que mostram serem os lugares aonde os romanos se despião para se banharem na agoa que lhe vinha por aquedutos subterrâneos dos sítios onde está situada a cerca do Convento dos Capuchos que fica pouco distante do dito tanque como se mostra das ruinas deles, e a dita área se semeia hoje o trigo que levará seis a oito alqueire (...) Não longe desta igreja há

hum famoso lago antigo, que terá mais de quatrocentos passos de circuito, e vinte e cinco palmos de alto, o vulgo lhe chama o tanque dos Mouros (nome que o povo costuma dar a todo o edefício cuja antiguidade se ignora) este lago é quadrado e alguns pensão ser banhos romanos; porem com serteza só se sabe que a agoa lhe vinha de uma de uma fonte publica que o povo deu aos Religiosos de Santo António que fica pouco distante.

A evidência dos paralelismos entre a pedra extraída e seu posterior encaminhamento para a oficina de talhe, que julgo ter sido local de execução na proximidade do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, remete, igualmente, à possibilidade de ser também neste o sítio onde seria comercializada e partiria para outros destinos, através da *via XII*, que ligava *Augusta Emerita* ao Atlântico – *Olisipo*, através da *via Ebora* (CARNEIRO, 2013:72), por ser neste local a sua passagem.

Na obra “*Mármore 2000 anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna*”, destaca-se a relevância e importância do trabalho oficial romano (SERRÃO *et al.*, 2019:43) atribuído à estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, questionando este estudo sua estrutura original, porque, presentemente, e após corte sofrido pela EN4, é difícil perceber, com a devida certeza e clareza, qual terá sido, para que se possam confrontar as referências que lhe remetem:

1. retangularidade (CARDOSO *et al.*, 1997:28);
2. como também referido por José Marques Crespo (CRESPO, 1987:6,7);
3. quadrangularidade, remetendo aos registos do século XVIII, ano de 1758, dos párocos de Santa Maria e Santo André, que o descrevem, como “ hum tanque, a que a tradição chama dos Mouros, e he quadrado de bastante grandeza (...) Não longe desta igreja há um famoso lago antigo, que terá mais de quatrocentos passos de circuito, e vinte e cinco palmos de alto, o vulgo lhe chama Tanque dos Mouros (...), este lago é quadrado e alguns pensão serem banhos dos Romanos...” (VILARINHO, 2023:997);
4. fotografia aérea fig. 13-a) voo USAF de 1958: mesma área de localização do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros há do Google Maps fig. 13-b), verificando-se a norte, mesmo após construção da EN4, que o terreno mantém arvoredo, comprovando ser a sua estrutura retangular (CARDOSO *et al.*, 1986:135). Se imaginarmos que 95% dos vestígios a norte, poderão encontrar-se soterrados, ou destruídos, após construção da EN4, serão os restantes 5% identificados no capítulo 5, que lhe atribuem, sem qualquer dúvida, a forma retangular.

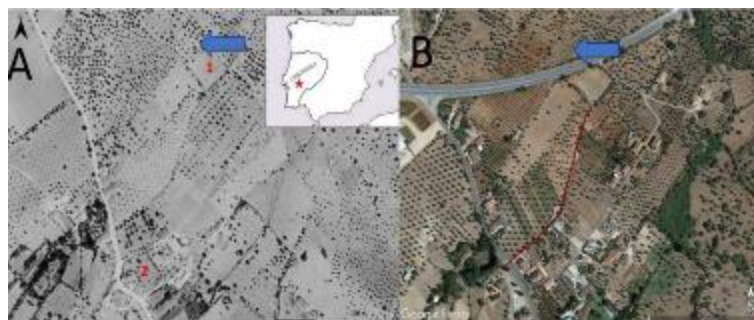


Figura 13. a) Foto voo USAF, 1958 (VILARINHO, 2023:1002); b) Google Maps, 2023.

É necessário entender que à sua possível construção em I a.C. ao ano de 1758, a que remete os testemunhos dos párocos de Santa Maria e Santo André de Estremoz, terão decorrido mais de mil e oitocentos anos, tornando-se compreensivo o seu reaproveitamento enquanto estrutura de acumulação e direcionamento de água. Assim, considerando as suas dimensões: 90 metros de comprimento, 45 metros de largura e 5 metros de profundidade (CARDOSO *et al.*, 1986: 135) verifica-se a N (fig.14-a) continuidade estrutural, identificada aquando da observação realizada, no ano de 2023 (fig.14-b), toda ela demarcada por notória extensividade à forma retangular.

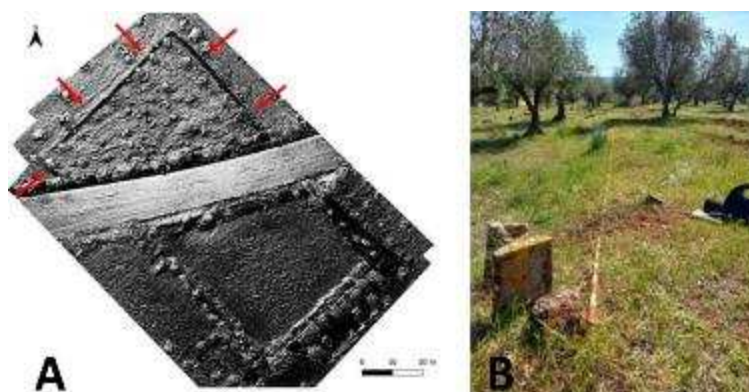


Figura 14. a) Modelo Digital Tanque dos Mouros (VILARINHO, 2023), b) lado norte.

Verificou-se a N da EN4 que ao nível estrutural, o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig.15a-b), encontra-se a elevação superior comparativamente a S, acreditando na intencional construção em declive, permitindo maior facilidade no deslizamento dos blocos pétreos para seu interior, que “Do lado nascente, parece certo ter havido outra entrada de água. Estas duas paredes estão perfeitamente acompanhadas pelo terreno mais alto, escavado para sua construção. Nos outros dois lados do tanque, como estavam desacompanhadas do terreno e era sobre elas que incidia, por declive necessário da saída, a gravidade daquele enorme volume da

massa de água, onze gigantes de forma triangular que amparavam as paredes contra a pressão dessa grande massa líquida.” (CRESPO, 1987:7-8).

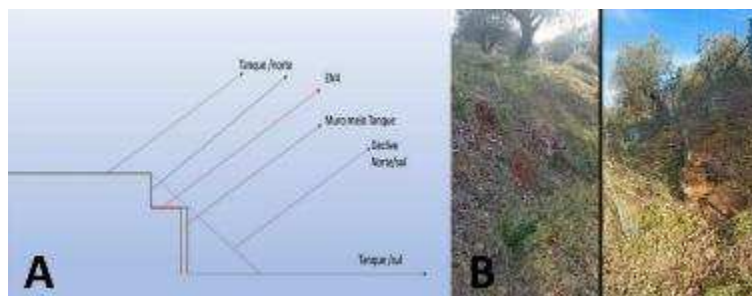


Figura 15. a) Esquema, b) elevação a norte Tanque dos Mouros, 2023.

Em conclusão, relativamente há sua estrutura de origem, poderemos estar perante efetivo alinhamento retangular, ainda visível após corte sofrido em 1963.

Mas serão, apenas, estes os testemunhos relativos à sua estrutura, ou existirá uma outra fonte?

4.2 O Brasão da Cidade de Estremoz e o Tanque dos Mouros

O brasão da cidade de Estremoz (fig.16), demonstra o local que ligado há arte edificou, une, certifica e demonstra particularidades, logo diferencia-se em identidade e essência.

Considerando os testemunhos dos párocos de Santa Maria e Santo André, do ano de 1758, desde sempre, tenho questionado a presença no brasão de Estremoz do tremoceiro a meio, onde a representação do sol e lua se encontram de cada lado do mesmo e, da mesma forma, as estrelas, torres e tanques.

No dia 16 de junho de 1940, o brasão de Estremoz, fora descrito pela Comissão de Heráldica e Genealogia da Associação de Arqueólogos Portugueses, da seguinte forma (Portaria do Ministério do Interior de 28/02/1951, publicada no Diário do Governo n.º 52, 2.ª Série de 05/03/1951): “Armas Escudo de vermelho com um tremoceiro de verde frustado de ouro e ladeado por dois tanques quadrangulares de prata, tudo assente sobre rochedos plantados de pequenos tremoceiros de sua cor; cada tanque encimado por um castelo de ouro de três torres, e em chefe, o escudo de Portugal – Borgonha (D. Afonso IV), entre uma lua de prata e um sol de ouro e duas estrelas de oito raios, também de ouro. Coroa mural de prata de cinco torres. Listel branco com os dizeres a negro: Estremoz.”.

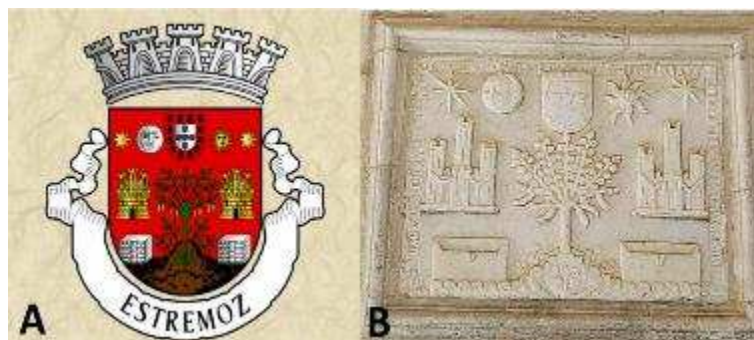


Figura 16. a) Brasão de Estremoz; b) palácio das cortes, Estremoz, 2024.

Porém, em 1950, José Marques Crespo, acrescenta-lhe outra possibilidade: a representação dos dois tanques, remeter aos que se encontram construídos, relativamente, perto do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, aferindo aos testemunhos de dois arqueólogos, que no ano de 1924, afiançavam (CRESPO, 1987:41):

1. André de Brito Montouso Tavares “... um tremoceiro de ouro ladeado de dois tanques quadrangulares de prata ...”;
2. Afonso d’Ornelas “... um tremoceiro de verde frustado de ouro e ladeado de dois tanques quadrangulares de prata ...”

Posto isto, e não querendo de forma alguma colocar em causa, o descrito pela Comissão de Heráldica e Genealogia da Associação de Arqueólogos Portugueses, e muito menos ao referido por José Marques Crespo, atrevo-me a acrescentar outras possibilidades:

1. Tremoceiro: se apenas um se encontra a meio do brasão, não será também, apenas, um tanque que remete a uma, única, planície, representada por um, único, tremoceiro?
2. Dois tanques: apenas um.
3. Duas torres: onde se terá erguido a *urb*; onde poderá remeter às muralhas, que se espriam pela encosta sob a planície, acompanhada pelo dia através da representação do Sol, e pela noite, através da representação da Lua?
4. Lua: mas contando a Lua com a representação de todas as faces, visualizadas de dia e de noite, não será apenas uma mesma e única representação, até porque foi assimilada como “Deusa Lunar como era *CAELESTIS*. De facto, a Deusa Celeste, sucessora de *ASTARTE* Semítica, isto é a Deusa *TANIT*, era uma divindade da Lua que foi assimilada a outros deuses clássicos, tais como Diana, Vénus, Urânia, Fortuna, *Cíbele*, pelo que se tornou *PANTHEA* e uma verdadeira emula feminina de Serápis.” (CALADO, 2012:67).
5. Sol: encontrar-se representado pela estrela incandescente de dia, mas apenas mais uma estrela, como todas as outras, de noite? Esta abordagem remete há união do sol e da lua

como sendo o “Casal divino celeste composto por uma divindade solar (a principal) e outra Lunar, recebendo cada uma delas um certo tipo de ex-voto de inspiração oriental e consoante os atributos característicos da divindade sagrada: a luz votiva para o Sol *speculum* para a Lua.” (CALADO, 2012:67).

Assim, concluo na existência de: um único tanque, protegido pela Lua e pelo Sol, “... pares celestiais SOL-LUA em que o princípio feminino e noturno (LUA) se contrapõe ao princípio masculino diurno (Sol).” (CALADO, 2012:65), de dia e noite, assente numa única planície, que remete ao Tremoceiro, sob o olhar imponente da *urb* que remete às Torres, no pequeno planalto que lhe afere.

Relativamente aos dois tanques do brasão de Estremoz e sua possível relação com o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, afiro-lhes do seguinte modo: sendo a representação dos dois tanques quadrangular, logo poderão enquadrar-se numa única estrutura retangular, isto porque, sabendo-se da existência de um muro a meio da estrutura hidráulica, comprovada na observação realizada em 2023 (fig.17), estes vestígios poderão aferir a uma construção de separação, intencional, levantando outra hipótese: serem separáveis no seu propósito, porém inseparáveis na estrutura, aguardando a sua certificação através de estudos arqueológicos.

Esta exposição não é de todo descabida, pois entendo que alinhada à bibliografia consultada poder-se-á tornar num encadeamento, necessário, a novas questões ao encontro deste percurso infinito do conhecimento.



Figura 17. Muro a meio Tanque dos Mouros, Sul EN4, 2023-2024.

Concluo que a construção de tanques afere à proximidade de um templo, como no caso de estudo, ao de *Cíbele*, visto a água remeter ao cerimonial da lavagem do corpo e alma, tendo Jaime Calado remetido à construção destas estruturas hidráulicas, nas proximidades de rios ou, na falta destes, na sua representação artificial que, no caso, em declive ou num nível de terreno mais alto, inseriam-se em áreas amplas e extensas.

Considerando esta abordagem, verifica-se que a construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, afere às características referidas, associando-se há representação do Sol, ou Deus Persa *Mitra*, como sendo o “... Deus do bem e criador da luz, responsável pelo destino e pela ordem celeste, a divindade que ilumina e que guia os homens na luta contra as trevas.” (CALADO, 2012:55), não deixando de atribuir, à representação exímia da Lua, como a “Irmã do Sol, representada sob os traços de uma jovem e bela mulher, era no mundo clássico, tal como o seu irmão, objeto de devoções essencialmente pessoais - invocadas em particular pelos amantes – e sobretudo venerada nos meios populares e rurais.” (CALADO, 2012:64-65), indo toda esta descrição ao encontro de uma sociedade integrada, efetivamente, num “... meio rural”, servindo a luminosidade do Sol de “... guia os homens...” ao apaziguamento adversidades vivenciadas.

Por outro lado, se em 1950, José Marques Crespo, afiançava-lhe o deslizamento da água, através de canais e aquedutos, na direção da *villae* romana, apenas de atividade agrícola (CRESPO, 1987:8), é no ano de 1997 que lhe atribuem a função de “ferramenta” hidráulica de corte e talhe da pedra extraída das pedreiras (CARDOSO *et al.*, 1997:28), que considerando a envergadura e propósito da sua construção, ter-se-á revelado num importante marco industrial, comercial e logo populacional, tendo conseguido *quicá*, adquirir este território o estatuto de *urb*, adstrita ao objetivo deste trabalho académico: localização do polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz (CARNEIRO, 2011:99; MOREIRA *et al.*, 2022:15).

Não se compreende a indiferença por parte de instituições de conservação e valorização patrimonial para com este sítio arqueológico, visto deter importantes evidências ao que fora o seu propósito: abastecer e encaminhar água ao povoamento. Por outro lado, a sua utilidade a nível extrativo e de transformação pétreia, indica estar adstrito a um local que terá acrescentado desenvolvimento comercial e crescimento territorial de premissa e adaptabilidade estrutural romana, na vertente política, social, económica e religiosa, até porque, é na *urb*, que se vê surgir grandes mercados de afluência mercantil, como presentemente ainda acontece aos sábados, no mercado de Estremoz.

Desta forma, esta abordagem remete aos blocos de mármore que da zona de extração para a área de estudo eram encaminhados, para aí serem transformados e depois partiriam para outros territórios após sua comercialização.

A dar continuidade ao encapsulamento desta estrutura arqueológica de encaminhamento de água, torna-se contrassenso histórico e patrimonial, isto porque, não se entende, o explícito descuido, ao que deveria ser realçado condignamente, considerando o reconhecimento de que Estremoz é detentor, a nível industrial como territorial, muito devedor à história que o formou.

Uma vez que este sítio arqueológico, já passou por várias camadas de tempo, deixando-lhe marcas intemporais quer ao nível da história local como ambiental, dever-se-ia proceder ao seu estudo utilizando técnicas, hoje já detentoras de tecnologia superior, permitindo o levantamento do perfil do povoamento e estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, de forma célere e com pouca margem de erro.

Assim, torna-se importante encontrar a mecânica de funcionamento hidráulica aos vestígios estruturais que subsistem, ou aos que poderão ser encontrados, culminando na imperiosa ligação do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros a outros locais de extração marmórea do anticlinal de Estremoz.

Por outro lado, poder-lhe-á ser, igualmente, acrescentado outras utilidades, quer durante a permanência romana na Iberia, como por todos os outros que aqui se terão fixado, levantando a questão há extensão de encaminhamento de água, talvez, não apenas ao povoamento cercano, mas, inclusive, à localidade de Estremoz e *villae* romanas, já identificadas na proximidade.

A necessidade urgente da aplicação prática, há abordagem teórica que vos deixo, permitirá encontrar elos de ligação a transformações socioeconómicas, históricas e culturais, visando a obtenção encadeada de conhecimento e reconhecimento de relações passado, presente e futuro.

Até que ponto terá sido o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, a pedra bacilar de sustento comercial e económico romano, e seu encadeado desenvolvimento territorial?

Ao ter sido construído exatamente, naquele preciso local, torna-se imperativa outra questão, que remeto como primeiro “*pontapé de baliza*”, que aqui vos deixo, para quem o quiser estudar: Porquê ali?

Quando a esta pergunta se encontrarem respostas, talvez percebamos, se é que ainda não se entendeu, o quanto é importante a realização de estudos neste sítio arqueológico, na medida que acredito, que os mesmos se tornarão na “*ponta da meada*”, ao encontro de muito mais que nos possa parecer.

4.3 A Vila das Mártires

Ao povoamento da Vila das Mártires, torna-se perentório reafirmar a importância em ver certificado o seu perfil, na medida que a sua fundação poderá remeter muito antes há presença romana na Iberia.

Na verdade, independentemente da extração de mármore se ter revelado garante económico romano, é necessário ter o discernimento de perceber que já se fazia extração de chumbo nas minas em Santa Vitória do Ameixial e de cobre perto da Glória, tornando-se, por isso, fortes indicadores, de possível existência deste povoamento.

Por isso, insisto neste estudo para o interesse dos pares neste sentido.

As Características do Povoamento

Torna-se difícil descontextualizar o povoamento romano do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, por isso deixo ficar no ar a pergunta: terão sido construídos na mesma altura?

Se formos ao encontro do avançado por Elisabete Pimentel, a probabilidade da existência de um povoamento, aquando da chegada romana a este território, é algo a não ser descartado, especialmente, pela proximidade de minas de cobre, na Glória, e minas de chumbo, em Santa Vitória do Ameixial (PIMENTEL, 2023:54), onde acerca desta última, já Plínio se referia à sua extração na Iberia (MOURINHA, 2022:33).

Por outro lado, a esta questão prende-se outras mencionadas por historiadores, arqueólogos ou geólogos, especialmente, quando relacionadas ao seu suposto perfil, remetendo a um *pagus marmorarius*, considerando a extração intensiva e estratégica, que controlada pelo Imperador, acrescentou-lhe maior importância (SERRÃO *et al.*, 2019:43).

Da mesma forma, a ênfase atribuída à proximidade do povoamento ao maior tanque romano em território português (CARDOSO *et al.*, 1997:28) ou possibilidade de *pagus marmorarius*, direcionado à extração pétrea, articulando toda a logística de trabalhos pétreos, poderá ter-se tornado num local de cobrança de impostos, logo detentor de maior destaque e valor, tornando-se, talvez, um local preterido ao investimento, por garantir uma estrutura administrativa segura na fixação e ao encontro de prosperidade territorial (CARNEIRO, 2011:99).

Após este enquadramento, não atribuo ao povoamento romano, o perfil de *villae*, indo ao encontro, de maior probabilidade de perfil, ao de *utilitas*, “... enquanto exploração fundiária que permitia, acrescidas fontes de rendimento.”, e depois, *voluptas*, “... espaço de evasão e de fruição dos deleites do campo.” (CARNEIRO, 2011:62), que considerando a necessidade de ser abastecido por água, esta seria aproveitada para rega dos campos agrícolas (CARDOSO *et*

al., 2005:28), na minha opinião de subsistência, encaminhada através de um canal (CRESPO, 1987:6).

Posto isto, torna-se importante destacar as características de *villae*, para se descortinar outras possibilidades, ou pelo menos, descartar ou considerar essa possibilidade, na medida que “As *villae* exercem uma influência extremamente forte nas alterações que o período da romanização traz aos territórios onde são implantadas; não só através da valorização económica do solo, mas igualmente através das transformações sociais e culturais que alterarão para sempre o panorama destes territórios” (PEREIRA, 2017:30).

Se a dispersão marmórea, referenciada no excerto, remete a *pagus marmorarius*, controlado pelo Imperador, onde os *pagi*, aplicavam taxas e impostos nos locais de produção e deslocação de produtos, que é o caso, logo o mármore seria daqui abastecido e encaminhado para *Augusta Emérta* (SERRÃO *et al.*, 2019:43), podendo considerar-se a construção deste povoamento, ao encontro do edificado de adaptabilidade utilitária e circunstancial, neste caso, remeto, enquanto possível polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz. Apenas aguarda por estudos arqueológicos, que possam descortinar e certificar, o muito que lhe tem sido apontado, embora, sem certeza alguma, até porque “Segundo uma memória referida no Dicionário Geográfico de Portugal, fazia-se derivar o nome de Estremoz de Termas (Banhos) pela dispersão que os romanos destes faziam e por aqui se encontram as ruínas. Porém as medalhas romanas de prata e outros metais que se encontram neste sítio, assim como muitas sepulturas, são índices nada equívocos de que houve ali povoação romana e é de supor que este lago (Tanque dos Mouros) servisse de banhos públicos.” (...) “... foi reedificada e repovoada por D. Afonso III, depois de várias vicissitudes e arrasada pelos árabes e por outros povos antiquíssimos. Existindo no tempo dos romanos, foi uma das principais cidades da Lusitânia, possivelmente fundada no tempo dos Celtas se quisermos parar aqui em profundidade e não tentar penetrar em maior macisso de ignorância do obscurantismo longínquo da história.” (CRESPO, 1987:13-14; 20).

Na medida que, quer o povoamento como o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, se encontram localizados à passagem da *via XII*, *via* de circulação comercial e de movimento de legiões, provenientes de *Emérta Augusta* e *Olisipo*, em direção a *Ebora*, ou vice-versa, poderá ter-se tornado símbolo de poder local, visto encontrar-se, exatamente, na “... designada “Rota dos mármore.” (CARNEIRO, 2011:115).

Desta forma, esta abordagem volta a apontar a hipótese de ter sido aqui o polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, ainda por identificar (CARNEIRO, 2011:99; MOREIRA, *et al.*, 2022:151), na medida que a área territorial envolvente, “... tem uma notória ausência de centros urbanos.” (MOREIRA *et al.*, 2022:151). Ora vejamos:

1. detentor do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, local onde se realizava a suposta transformação pétrea, matéria-prima proveniente das pedreiras locais e cercanas, que a este local chegaria através do sistema de roldanas, ou tração animal, caso a proveniência fosse mais distante;
2. local de passagem da *via XII*, permitiria maior facilidade na deslocação de carros de tração animal, os mesmos “... puxado por várias juntas de bois, que poderia transportar tanto a pedra em cima da carreta, como por debaixo com um método de madeira.” (QUINTAS, 2015:131-132);
3. depósito de mármore: proveniente do anticlinal de Estremoz, que após transformação, seria aqui comercializado e, num meio-termo, armazenado para prosseguir para os locais de destino: *Olisipo*, *Emérta Augusta* e *Ebora*, através da *Via terrestre XII*, de ligação a outras;
4. próximo das *vias* de deslocação fluvial: ribeira de Ter, alocando-se depois ao rio Juromenha, que se uniria à “... navegação fluvial no Guadiana” (MANTAS, 2009:249);
5. detentor de vestígios à Deusa *Cíbele*: próximo da Igreja Nossa Senhora das Mártires, certifica ser um povoamento de abrangência territorial e populacional.

A ênfase, que poderemos atribuir ao descrito, poderá remeter ao perfil deste povoamento, pois verifica-se relevante comunhão, que poderá contribuir ao seu desdobramento.

Posto isto, e por não se ter aqui realizado trabalhos arqueológicos, ao encontro não apenas do perfil, mas também do ano exato de edificação deste povoamento, é igualmente, importante, certificar-lhe características hidráulicas ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, visto de momento, apenas me ressurgir à importância que *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*, lhes atribuiu e remeteu: continuidade extrativa e massiva do mármore.

Considerando o exposto, talvez este Imperador, entre 27 a.C. a 14 d.C., consciente da mina de pedra mármore, existente no anticlinal de Estremoz, tenha encontrado na envolvência geográfica e geológica deste território as características necessárias, para aqui ter erguido este entreposto comercial e residencial dos que aqui trabalhavam, quer nas pedreiras como no complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, direcionando-lhe imediata importância extrativa e comercial, visto ter sido a partir daqui, que se terá iniciado, o circuito de exportação desta matéria-prima.

Talvez, esta abordagem, tenha sido a razão que terá levado à sua construção, detendo, por isso, a capacidade de sustentabilidade comercial, a par com a capacidade de direcionamento de água, através de aquedutos e canais, que direcionados ao povoamento, através de uma rede de galerias subterrâneas, abasteceria poços e tanques.

Acredito por isso, na possibilidade destes canais, aquedutos e galerias subterrâneas, serem extensivos a povoaamentos circundantes, *quiçá*, à provável *urb*, localizada, na minha opinião, onde se encontra o castelo de Estremoz e bairro de Santiago, desafiando, por aqui, sua verificação e certificação arqueológica, visto estes vestígios, se encontrarem, junto à colina “... onde se implantou o núcleo urbano medieval de Estremoz, os testemunhos de Época Romana são abundantes e significativos.” (ALMEIDA, 2017:148).

Perante o exposto, não concordo e não compreendo a razão de André Carneiro e Eurico de Sepúlveda, no artigo “*Terra sigillata hispânica tardia do concelho de fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003*”, não considerarem a localidade de Estremoz no mapeamento dos locais, imprescindíveis, ao comércio romano, que se encontravam “... administrativamente inseridos na Lusitânia, e na Galécia, os quais formam hoje Portugal.” (CARNEIRO, SEPÚLVEDA, 2004: 443), deixando-lhes o apelo a futuras prospeções neste sítio arqueológico.

Concluindo, a história da História, quer do povoamento como do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, encontra-se, estritamente, ligada à extração do mármore, o “ouro branco” romano, que em união, ter-se-ão tornado, *quiçá*, o pilar que sustentou a indústria, comércio e economia romana, através desta matéria-prima, o mármore, que subsistia às intempéries, não partia facilmente, adornava e refrescava. Deste modo, acredito, que aqui terá surgido suposto núcleo industrial e comercial, revelando-se na força braçal de mão-de-obra escrava, que acompanhava as legiões, que ter-se-á enquadrado e integrado, erguendo um espólio industrial, que se tem prolongado no tempo.

4.4 A Deusa *Cíbele*: materialidade e imaterialidade

O amor ao belo, fora incutido pelos Gregos aos Romanos, através dos Etruscos, referindo-se, Carl Grimberg (GRIMBERG, 1940:11), às antigas tradições gregas, onde aponta a origem Etrusca à Ásia Menor de características orientais.

A forma peculiar de sentir a natureza, originava a profetização de tempestades, boas ou más colheitas, curas de maleitas, através da utilização de folhas, de uma civilização que exprimia a realidade desprovida de beleza imaginária, caracterizando-se a estatuária de *Cíbele*, a traços de respeito pela racionalidade fisionómica humana, dos “...deuses se assemelhavam muito a eles mesmos.” (PINTO, 1952:81).

Se no século IV a.C., a submissão Etrusca e Latina ao poder Romano, faz remissão de que por cada civilização conquistada, traziam os seus valores culturais, Eline Scheerlinck, refere a reação grega ao culto à Deusa Mãe, ou *Cíbele*, revelando-se num misto de repugnância e, ao

mesmo tempo, de atração “*Cumont acknowledged that the Phrygian cult of the Mother of the gods had also come to Greece and he characterized the reaction of the Greeks to this foreign religion as a combination of attraction and repugnance...*” (SCHEERLINCK, 2013:158).

Depreende-se que a origem do culto à Deusa *Cíbele* e sua propagação à Iberia (MELLO, 1992:149-150), terá passado pelo processo de se estranhar e depois entranhar, na vivência de quem habitava neste sítio arqueológico, sob a qual, esta historiadora, remete à obra de Henri Graillot’s “*Le culte de Cybèle, Mère des dieux, à Rome et dans les provinces*”, destacando “... *la Kybélé anatolique, dont le culte extatique et sanguinaire remonte au moins jusqu’à la période hittite, fut, après s’être plus ou moins hellénisée, admise en Grèce, où ses thiasos ne cessèrent de se multiplier jusqu’à l’époque macédonienne, malgré la défiance que les cités témoignaient aux orgies phrygiennes.*” (SCHEERLINCK, 2013:159).

Posto isto, este culto à Deusa *Cíbele*, surge em Roma no decorrer das guerras púnicas, 204 a.C. (LOPES, 2018:176), remetendo a sua origem à Grécia Minoica, símbolo de fecundidade e força (GRIMBERG, 1940:109); ou proveniência Frígia, antiga Ásia-Menor (SILVA, 2021:3); ou Anatólia, hoje Turquia (SCHEERLINCK, 2013:159; PIMENTEL, 2023:54), ou veneração militar (MELLO, 1992:146), ostentação de coroa de muralhas, leões e cornucópia, símbolos de riqueza e fertilidade (MELLO, 1992:146). Esta abordagem, não exclui a possibilidade do culto a *Cíbele* ter chegado a este povoamento romano através de mão-de-obra escrava, ou estar associada, apenas, à proteção militar podendo ter sido apenas trazida pelas legiões (MELLO, 1992:146).

Posto isto, é importante refletir até que ponto, a simbologia divina acrescentada às vivências socioculturais de determinado território, possibilitaria chegar a contextos espaço-temporais, através de vestígios que foram subsistindo.

Relativamente, a esses mesmos vestígios, fora encontrada uma Ara Votiva à Deusa *Cíbele* (Tabela 2), localizada perto da edificação da Igreja de Nossa Senhora das Mártires, na Vila das Mártires, área que poderá estar adstrita ao povoamento romano em estudo.

Relativamente ao paradeiro deste vestígio, o mesmo encontra-se na pose de Manuel Gustavo Marques, particular, revelando que nem sempre este tipo de espólio arqueológico, a ser retirado do seu local de origem, tem como destino locais, que na minha opinião, lhe poderiam dar continuidade enquanto importante testemunho intemporal.

ARA Votiva à Deusa <i>Cíbele</i>	
Distrito	ÉVORA
Encontrado	ESTREMOZ
Localização	NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES A SE DE ESTREMOZ
Dedicada	<i>Cíbele</i>
Matrícula	N.º 23752 (Altar)
Registo	Altar votivo cultual
Descrição	Altar de granito branco grosseiramente trabalhado
Inscrição	<i>M(atri) D(eum) S(acrum)II I (ullius) – Maximi/ânus a(nimo) I (ibens) p(osuit)/proh(ulus) m(onumenti) n(umini) e(rectionem)/ peculium</i>
Paradeiro	<i>Particular: Manuel Gustavo Marques, Lisboa ((TEIXEIRA, 2014:213)</i>
* in, <i>HispaniaEpigraphica Online Database</i>	
Distrito	ÉVORA
Encontrado	ESTREMOZ
Localização	NOSSA SENHORA DOS MÁRTIRES
Dedicada	<i>Cíbele</i>
Siglas	MDS
Descrição	MATRI DEUM SACRUM
Probabilidade	“... nome que invoca a deusa <i>Cíbele</i> , considerada a grande mãe, divindade antiga da Anatólia, na actual Turquia.”
* in, PIMENTEL, 2023:54; ALARCÃO, 1988:174.	

Tabela 2. "HispaniaEpigraphica Online"; PIMENTEL, 2023: 54; ALARCÃO, 1988:174".

Este tipo de ofertório, remete à crença e entrega, imiscuída em prol de uma veneração, que terá levado, provavelmente, à estigmatização dos que a celebravam, não se percebendo, até que ponto, seria “*bem visto*” nos territórios onde se fixaram, pois não se deve desconsiderar que muitos destes cultos orientais, eram acultuados por diferentes camadas sociais, muitas advindas de guerras de conquista, como: filósofos, historiadores, engenheiros, arquitetos, professores, artistas, escultores, marceneiros, serralheiros, curandeiros gregos ou etruscos, que muito contribuíram, quer no desenvolvimento como expansão territorial romana, não apenas aferida a este local específico, como nas suas proximidades: Deus *Endovélico* no Alandroal ou Deusa *Proserpina*, em Vila Viçosa.

No Templo do Deus *Endovélico*, no Alandroal, realizavam-se sacrifícios animais, ungindo homens escolhidos, para sua orientação, equacionando, se essa mesma escolha à orientação ao culto a *Cíbele*, seria também aí realizado, a não ser, onde seria, considerando a área de estudo?

Os seus crentes pertenciam a comunidades fechadas de fiéis, que teriam de passar por várias fases, até atingir contacto máximo com a divindade: homem colocado num buraco fechado, por tábuas, por cima prendia-se um animal golpeado até á morte; o homem era ungido com o sangue

do animal, estando apto a ser o elo de ligação entre o Deus ou Deusa e seus fiéis (GIMBERG, 1940:112).

Se Edith Pinto, faz referência, a um altar, que se ergue para sacrifício, animal, pelo ancião (PINTO, 1952:83), ou Jorge Alarcão, afiança, que os Lusitanos faziam sacrificios, onde “... observam as entranhas sem as arrancarem, examinando também as veias do peito, e adivinham pela simples apalpação.” (ALARCÃO, 1988:153), Semíramis Silva, afiança que estes cultos, à Deusa *Cíbele* e Deus *Átis*, eram greco-romanos orgiásticos, com participação dos *Galli* (homens castrados), seus sacerdotes, referindo-se, inclusive, ao Poema 63 de Catulo, que levanta, um pouco, o véu dos rituais a esta veneração “... em êxtase frenético, o deus *Átis* corta seus membros viris com um sílex em devoção à *Cíbele*.” (SILVA, 2021:4).

Assim, há epígrafe encontrada no sítio arqueológico que remete ao culto à Deusa *Cíbele*, tem-lhe sido, remetidas referências que, neste estudo, merecem ser destacadas:

- a) “... raro testemunho de um ato ervegético, visto que o dedicante – *Iulius Maximianus*, certamente um liberto com invejável poder financeiro – erigiu o monumento às suas custas, embora a interpretação do conteúdo epigráfico, apresente algumas dúvidas.” (CARNEIRO, 2010:254);
- b) “IRCP 440 - Proveniência: Senhora dos Mártires, Estremoz. Historial da peça: -. Paradeiro actual: posse de Manuel Gustavo Marques, Lisboa. Suporte: granito branco. Descrição do monumento: ara votiva trabalhada nas quatro faces. Uma espécie de plinto sobre a cornija, na face anterior do qual se esculpiram um frontão triangular e os quartos de círculo simulando toros, onde foram gravadas as siglas MDS. Moldura de gola encurtada sob a cornija. Inscrição contida no fuste, separado da base por moldura de gola reversa. Dimensões máximas: 34 x 16 x 8,5; campo epigráfico: não indicado. Paginação ocupando todo o espaço disponível, apesar da irregularidade dos espaços interliterais. Pontos triangulares, existentes apenas na linha 2. Caracteres de configuração actuária, com ductos pouco firmes e inclinação variável, dando aqui e ali a impressão de encaixarem entre si. Texto: *M(atri) D(eum) s(acrum) // I(ulius) · Maximi/anus a(nimo) l(ibens) p(osuit) / pro h(uius) m(onumenti) n(umini) e(rectionem) / peculium.*” (TEIXEIRA, 2014:213);
- c) “... aculturação entre romanos e indígenas. De facto, as práticas culturais alteraram-se substancialmente com a construção de templos, a introdução de novas práticas supostas pela erecção de aras consagradas aos deuses e o aparecimento de cultos a novas divindades.” (MATOSO, 1993:253);

- d) “A Grande-Mãe superou todos os outros deuses, seus filhos, não pela grandeza de sua majestade, mas pelo crime (...) mostra, porém, a crueldade da sua deformidade nos seus próprios mistérios (...) suprimia membros aos homens.” (SILVA, 2021:11);
- e) “... repudia a prática das castrações e sem citar a deusa, condena a inclusão deste costume nos rituais de alguns cultos religiosos (...) atitude não ditada pelo deus, mas pelo diabo, prosseguindo no propósito de negar a categoria divina dos deuses pagãos” (MELLO, 1992:146-147);
- f) “... *cybele’s cult, for exemple, is called “orgy” in several publications, which mention “les orgies de cybele’s” (...) “orgies phrygiennes” and the “culte extatique et sanguinaire.”* (SCHEERLINCK, 2013:153-154).

Após sua leitura, percebe-se que todos estes testemunhos, remetem a práticas orgiásticas e sanguinárias, que relacionados à Ara votiva encontrada, certifica a possibilidade, de aqui se ter realizado o culto a uma das, mais, antigas divindades indígenas.

Talvez estes diferentes padrões de culto, tenham despertado interesse prático, contrastando com as religiões oficiais permitidas, que submetidas a Roma, sentiam a vida de forma diferente, procurando esperança e força em rituais de culto de superação, guarda e segurança de produções agrícolas, ou problemas de saúde, tendo os *galli* conseguido afirmar-se no império romano, “... quando o taurobólio foi instituído e cidadãos romanos puderam iniciar-se como *galli*.” (SILVA, 2021:19).

Posto isto, constata-se que o anticlinal de Estremoz terá tido elevada importância produtiva, ao nível da extração, corte e talhe pétreo, possivelmente, realizado no complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, com auxílio de força motriz, que ao ver-lhe acrescentada relação à Deusa *Cíbele*, e proximidade da *Via XII* “... junto ao caminho, até para maior ostentação do nome do ofertante.” (CARNEIRO, 2010:254), tornou este povoamento, detentor das características que o demarcam pela diferença. Logo, desconsiderar o culto à Deusa *Cíbele*, neste território da Iberia, é um erro, isto porque nos séculos II d.C. a IV d.C., já o sacrifício de um touro aqui se realizava, encontrando-se desde o século II d.C. ligado a esta Deusa, considerando-se, assim, que a massa escravista de proveniência oriental, terá chegado a Roma, deslocando-se, depois, com as legiões para a Iberia e anticlinal de Estremoz, *quiçá*, participando na construção do povoamento e complexo-hidráulico Tanque dos Mouros.

Na Iberia, terá criado condições de subsistência e permissão, imbuídas culturalmente, pela diferença, até porque traziam o seu ADN cultural: deuses e crenças, subentendendo-se que a sua veneração e culto, associa-se ao linear de tempo de *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*, onde era prática comum, trazer para os territórios conquistados, idolatrias, dando-lhe

continuidade, como “...o macaco proveniente de N. Sr.^a dos Mártires (Estremoz), que certamente pertenceria a um grupo escultórico mais vasto (...) eventualmente relacionado com o monumento votivo a *Cíbele* erigido por *Iulius Maximianus*, um liberto.” (CARNEIRO, 2011:82).

São estas fontes rebuscadas no tempo, que sendo analisadas, certificam a presença do culto à Deusa *Cíbele* neste quotidiano de desgastante extração pétrea, de aconchego a mágoas e dor, energia de boas colheitas, estações que comungavam com campos de trigo, visualização das constelações com pés assentes no solo de barro, tornando-se espetáculo, imbuído em esperança, ao encontro de melhores dias de abstração conectada ao relaxamento e dádiva, sob temperaturas frias ou exageradamente quentes.

Ao contextualizar e enquadrar quer o povoamento romano como o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, ao culto à Deusa *Cíbele*, os mesmos, tornam-se peças fundamentais, que na minha opinião, vão ao encontro de uma probabilidade maior: ter sido o sítio escolhido por Roma para exploração, extração, transformação e comércio desta matéria-prima, o mármore, possivelmente e primeiramente como *villae* (CRESPO, 1987:5), tornando-se, depois, *vicus* pelo crescimento económico e comercial (CARNEIRO, 2010:254), acrescendo ao polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, durante os sete séculos de permanência romana na Iberia.

A toda esta coexistência cultural, repleta de rituais e mitologias, terá tornado e formado este sítio arqueológico, na verdadeira “*caixa de pandora*”, ainda com muito por revelar, adstrita a local de magia, misticismo e religiosidade, agarrada há energia que, desde sempre, sustentou a humanidade.

Na realidade, tudo tem movimento, cor, bom e mau, sinais que o homem reconhece desde sempre, aprendendo a defender-se, resguardar-se, crendo que se salva, na medida que muitos dos locais de fixação abrangiam correntes energéticas, dos que acreditavam ser protegidos por Deuses, Deusas ou Deus, erguidas, geralmente, em zonas montanhosas, planaltos, margens de rios ou bosques.

Tendo o homem percebido, desde cedo, que para além da materialidade visível, existe a dimensão espiritual, fez com que deixasse marcas de culto, hoje, testemunhos intemporais, tais como: dolmens, menires, antas, estelas funerárias, arte rupestre, cromeleques, registos de festas, celebrando o solstício ou equinócio, agraciando colheitas ou, apenas, pedindo proteção.

Na verdade, construíam após medição energética, certificando a existência de quedas ou nascentes de água, garante da fertilidade dos solos para cultivo, rebuscando o espírito do sítio, onde, nos dias de hoje, “... igrejas e capelas cristãs estão situadas nesses centros energéticos,

sendo ainda capazes de exercer o seu efeito sobre a alma e o espírito dos seres humanos.” (FIEBAG *et al.* 2003).

O mundo era visto e sentido, desde a Antiguidade à Idade Média, através da interceção da água, fogo, ar e terra, orientação perfeita, a par com as incursões romanas, que ao terem chegado à *Baetica*, em 202 a.C., após a queda de Cartago, alargam, aos poucos, o território, através de devastação e morte (GRIMBERG, 1940:111), ao encontro do sítio arqueológico em estudo.

Após esta abordagem, a par com poucas certezas, torna-se importante, remeter paralelismos históricos, oferecidos pelo tempo, através de toda a cultura material que os suporta, ou mística que remete à imaterialidade, a tal, que desde sempre desassossega e que não deve ser esquecida, tornando-se, impreterivelmente, necessária sua divulgação e corelacionamento, permitindo contextualizar o vivenciado.

Da mesma forma, agarrando a certeza, através da observação realizada neste estudo, percebe-se intencionalidade de encaminhamento de água, em catarata, de Norte para Sul do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, adstrito há existência de um muro a meio, assim como na altitude a Norte da estrutura hidráulica, encontrar-se a um nível superior relativamente a Sul, visto ter sido construído em declive.

Logo, estando esta construção hidráulica, paralelamente ligada à força braçal escrava, que como vínculo terá movimentado religiões, no espaço e tempo, onde, igualmente, também altas patentes terão aqui chegado, faz de todo este contexto, o testemunho assertivo de caracterização patrimonial, que a ser banalizado, é ser-se conivente com a indiferença, intencional, de apagar registos no tempo, devendo, na minha opinião, tornar-se prioritário, através da sua manutenção, divulgação e valorização, acrescer-lhe na dignidade e valor patrimonial que, efetivamente, detém.

Após esta abordagem, é necessário remeter à imaterialidade da envolvência em estudo, isto porque, tendo sido mandada erguer, a Igreja Nossa Senhora dos Mártires, no ano de 1371 por D. Fernando I e tendo sido concluída por D. Nuno Álvares Pereira (ESPANCA, 1975:XIV; CRESPO, 1987:69; PIMENTEL, 2023:54), esta encontra-se localizada, relativamente, perto do possível local de culto à Deusa *Cíbele*, aferindo este paralelismo às festas em honra de Nossa Senhora das Mártires, que se realizam na primeira segunda-feira, depois da Páscoa (CRESPO, 1987:69), ou “... as solenidades religiosas das Endoenças, procissão da quinta feira santa, e da semana santa que o calendário popular memoriza em quadra: Quinta feira de Endoenças/Sexta feira de Paixão/Sábado de Aleluia/ Domingo de Ressurreição.” (PIMENTEL, 2023:66).

Ambos os testemunhos, de José Crespo e Elisabete Pimentel, são de grande relevância, na medida que se interligam às festividades à Deusa *Cíbele* “... por ocasião da grande festa da

deusa, em março, quando se fazia reprodução das cerimónias frígias. E de 22 a 29 de abril, celebravam-se as megalésias, que deviam dar grandes despesas ao pretor...” (PINTO, 1952:86).

A abordagem relativa à presença do pretor na celebração, remete à identificação de pretores, nas jurisdições urbanas peregrinas (BRANDÃO, LEÃO, 2020:34), onde viram reforçadas as suas funções em 23 a.C., com a superintendência do tesouro e em 22 a.C., no acumular de responsabilidades na oferta de jogos e festivais, neste caso, a celebração das megalésias, logo percebe-se estarmos perante um local de grande importância territorial.

Relativamente às megalésias, Silva referencia que (2021:14) “... a festa a *Cíbele*, a Megalésia, era celebrada em Roma no início da primavera.” e “... a festa para *Cíbele* ocorria na véspera dos idos de Abril. *Ovídio* fala da festa no Livro IV de Fastos, dedicado ao mês de Abril.”, logo, ambas, as ligações evidenciam paralelismos místicos, carregados de rituais, provenientes de uma cultura agrária, dedicada a uma deusa, em prol da obtenção de boas colheitas na rotatividade das estações, tornando-se esse entrelaçar comunhão em aplicabilidade ritual de Deuses ao encontro de ajuda, em prol de uma concretização infinita e intemporal.

A analogia entre o cosmos e o Homem, tendo o Sol e a Lua como observadores, figuras que constam do brasão da cidade de Estremoz (fig.16), remete aos festejos e celebrações, que existiram desde sempre, “Voltando à agitação da festa de *Cíbele*, o poeta *Ovídio* a retrata como barulhenta, com uso de variados instrumentos musicais, narrando que durante a procissão, parte dos festejos, a deusa era levada nos delicados ombros dos seus sacerdotes.” (SILVA, 2021:7).

Estas celebrações idênticas às cristãs dos nossos dias, de procissões aos Santos de devoção, onde a festividade anual à Nossa Senhora das Mártires, ocorre na primeira segunda-feira, depois da Páscoa, onde se agracia e pede proteção.

Provavelmente em 25 a.C., ou anteriormente, considerando o mencionado, a Deusa *Cíbele*, terá chegado ao povoamento em estudo, onde presentemente no Século XXI, ainda é dedicado à Nossa Senhora das Mártires, levantando o paralelismo desta oferta a uma conjuntura retratada em entendimento, de que nada muda, tudo se repete, mantém e não deve ser esquecido.

Conclui-se, assim, que à medida que Roma fora absorvendo, inúmeros, cultos estrangeiros, espalhando-os no mediterrâneo pela sua passagem e fixação territorial, o culto à Deusa *Cíbele*, em Estremoz, ou ao Deus *Endovélico* no Alandroal, tornam-se a prova viva da sua presença e culto nessas localidades.

Por outro lado, a cultura imaterial introduzida através de crenças e imagens, cultuadas a ideologias únicas, remete à temporalidade diferencial e ancestral, de que este sítio arqueológico terá passado por várias mudanças, subsistindo o que os sentidos sentem, porém, é importante entrelaçá-los, ressurgindo-nos, depois em possibilidades.

Ao estarmos perante esta imensa estrutura hidráulica e povoamento romano, com mais de 2000 anos, agarrada a um templo, hoje cristão, onde, provavelmente, terá sido local de culto à Deusa *Cíbele*, oferece certezas do muito que não deverá ser esquecido.

Apesar do distanciamento temporal, neste povoamento o culto persiste, agora de forma diferente, curiosamente festejado na mesma época do ano, imbuído de paralelismos que, *quiçá*, poderão certificar-lhe proteção, que aqui apelo, a sua subsequente valorização e divulgação, acrescentando-lhe o merecido valor, enquanto Património Arqueológico e Histórico.

Dar ênfase há importância do anticlinal de Estremoz, aquando da permanência romana na Península Ibérica, é atribuir valências ao trabalho extrativo, de transformação e comercialização que, ainda, representa uma das principais fontes de riqueza, locais e nacionais.

É certo que tudo sofre alterações, porém, onde por vezes é complexo manter a autenticidade, também é importante não descontextualizar origens, não perder a essência e acrescentar valor à imaterialidade, restituindo-lhe vida e foco.

Após as abordagens descritas, é curioso entender-se as envolvências imbuídas em história, advindas de lineares de tempo que não podem ser separados, pois interligam-se, como:

1. possível *villae*, *vicus* ou polo comercial e industrial que foi e é;
2. culto à Deusa *Cíbele* que foi, hoje à Nossa Senhora das Mártires;
3. permanência, junto a uma das principais estradas nacionais, da que foi a *via XII*, hoje EN4, Lisboa/Elvas.

Continuar em indiferença perante este local, não se coaduna, de todo, às evidências retratadas, pois ignorar o que o diferenciou, desde sempre, é não valorizar o passado para o futuro, relativamente ao presente que continua a ser.

Assim se formam locais, estes e outros, com a aculturação dos que partiram, com a dos que chegaram, unindo-se, e providenciando uma linha, ténue, que não se vê, mas que se sente, a imaterialidade.

5. As Vias Marítimas e Terrestres do Império Romano no Território Ibérico

Água e mármore tornaram este território, específico, do Alto Alentejo, o escolhido por Roma. Chegaram, estenderam-se por povoados, alguns, com perfil já identificado, acresceram-lhes *vias*, demarcadas por marcos miliários que “... de oito em oito estádios, quer dizer, de milha em milha.” (MANTAS, 2014:143), permitiam a sua ligação, formando autêntica cadeia de rotas, ao encontro dos polos económicos e comerciais ibéricos, de forma mais rápida.

No caso de estudo, atribui-se relevância à *via* terrestre, *via XII* (fig. 18), determinante na ligação terrestre ao encontro de *Augusta Emerita*, *Olisipo* e *Ebora*, ou sentido contrário, considerando “A existência de uma estrada correndo de Évora para norte, mais ou menos perpendicular às grandes *vias* que se dirigiam a Mérida, encontra-se documentada por vestígios numerosos de povoamento romano e alto-medieval, como na Herdade da Silveirona, junto a Estremoz, contando inclusive com miliários (IRCP 673-675), o que desde logo obriga a considerá-la como estrada de primeira categoria, cujo troço na zona entre Évora e Estremoz pertencerá à estrada *Olisipo-Emerita*” (MANTAS, 2009:243-244).

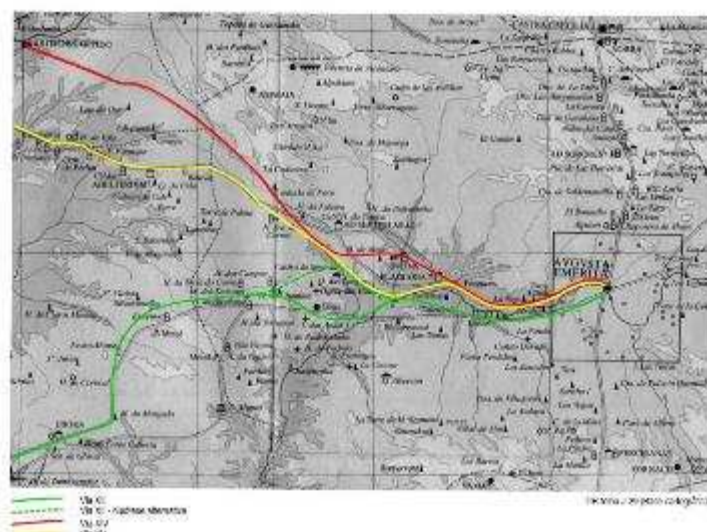


Figura 18. *via XII Emérita Augusta- Ebora* (ALMEIDA *et al.*, 2011:199).

Porém destaco igual importância às *vias* fluviais (fig.19), entendendo que este território, se encontra localizado na sua proximidade, sob a imponente da Serra D'Ossa, ou Serra D'Água (CRESPO, 1987:25), podendo ter sido utilizadas ao encontro de uma circulação comercial, mais barata e rápida, remetendo, assim, à sua certificação através de possíveis estudos arqueológicos e geológicos que aqui se venham a realizar.



Figura 19. *via fluvial*: 1- ribeira de Ter; 2 – Rio Juromenha; 3 – Rio Guadiana; A – *Emérita Augusta*; B – Estremoz; C – *Ebora* (ALARCÃO, 2022:252).

Considerando o exposto, são estas *vias* terrestres e fluviais, que enquadradas à importância quer do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros como do povoamento romano, em união, terão representado um dos pilares ao nível do desenvolvimento da extração, transformação e comercialização pétrea do anticlinal de Estremoz, não sendo difícil perceber, ou certificar, que terá sido a partir desse local que este comércio se estendeu ao território Ibérico, lado Atlântico e Mediterrâneo, carregando o mármore que os elevou economicamente e comercialmente.

5.1 As *vias* fluviais romanas do anticlinal de Estremoz: Complexo Hidráulico Tanque dos Mouros e Povoamento

Desde sempre ribeiras, rios, riachos, mar representaram a existência de vida vegetal, animal e humana, onde tudo se gera, permitindo continuidade, não sendo por isso descabido, que no distrito onde se encontra localizado o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, se encontrem menires, antas, cromeleques, poços, canais, aquedutos, galerias subterrâneas, recursos que se souberam gerir, através, desses mesmos, cursos de água, que no seu tempo, levaram à evolução territorial, conforme as técnicas utilizadas, o permitiam.

Geograficamente, o sítio arqueológico em estudo, encontra-se localizado no interior da Iberia, exatamente, como terá sido apresentado aos romanos, através de uma identidade natural, nesse meio e intermeio, de controle comercial prosseguindo e agregando-se, simultaneamente, à continuidade de fixação de povos, mais em certos sítios do que noutros, onde o solo de barro, vermelho e seco, permaneceu ao sabor de manhãs soalheiras de verão e frias de inverno.

Posto isto, se estas *vias* terrestres circulavam por uma emaranhada e controlada, rede viária, também as *vias* fluviais deteriam percursos, que se encontravam à disposição das estações do ano, através de correntes nem sempre rápidas no verão, mas fortes no inverno, remetendo-as ao testemunho deixado por Estrabão, onde “... conseguimos perceber o importante comércio marítimo e fluvial existente numa (...) região extremamente próspera; e porque produz todas as coisas e em grande quantidade esta prosperidade é duplicada pela exportação; porque o que sobra dos produtos vende-se facilmente (...). Isto torna-se possível graças aos rios e também aos estuários que, como já se disse, parecem rios e como rios são navegáveis, não só com barcos pequenos, mas também com barcos grandes, desde o mar até às cidades do interior, porque é plana em grande extensão toda a costa entre o Cabo Sagrado e as Colunas.” (JERÓNIMO, 2013:14-15).

A deslocação das mercadorias, no caso a pedra mármore, por *via* marítima, através do mar mediterrâneo, tornou-se opção criteriosa e segura, após vitória sob *Sexto Pompeio*, colocando

fim às rotas de pirataria (BRANDÃO; LEÃO, 2020:18), possibilitando que as embarcações, umas de transporte humano, outras visando, apenas, a distribuição comercial chegassem, efetivamente, às *urbs* do Império.

A esquadria que remeto após a leitura e análise crítica da bibliografia consultada, destaca possibilidades de percursos, que tentarei enquadrar no paradigma das hipóteses, acreditando os que me leem que os romanos nada deixavam ao acaso, pois a existir recursos e valências de maior obtenção de lucro, a *via* fluvial de menor custo e fluidez comercial (FERNÁNDEZ, 2022:55) não terá sido desconsiderada, e tudo terão feito para lhe poder chegar e prosseguir.

Assim, após esta abordagem, destaco duas possibilidades, ao encontro da utilização das *vias* fluviais, como recurso comercial:

1. ribeira de Ter: ainda a circular na proximidade S, do povoamento romano e complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, provavelmente, no período de tempo considerado neste estudo, encontrar-se-ia ligada à ribeira de Borba, seguindo depois, na direção do rio Juromenha, e deste, ao rio Guadiana até *Emérita Augusta* (fig.20);
2. blocos de pedra mármore seriam transportados, através de carros de tração animal, de Estremoz, complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, até Borba, seguindo em direção a Vila Viçosa e, depois São Romão, onde daí, prosseguiriam em direção ao rio Juromenha, depois rio Guadiana até *Emérita Augusta*.

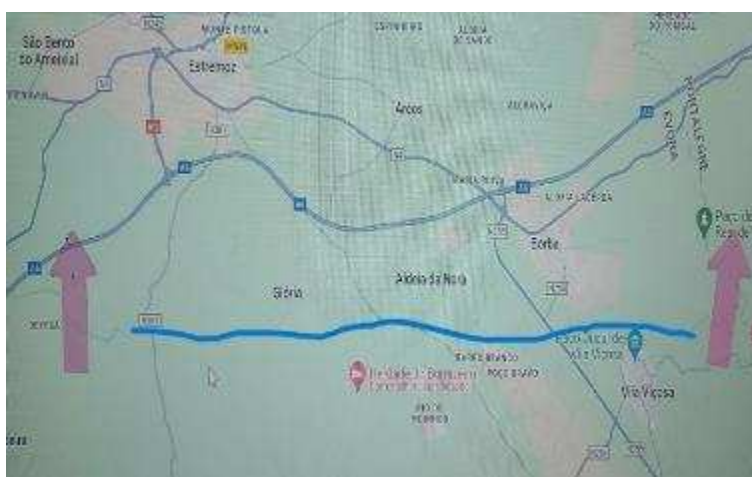


Figura 20. Possível ligação ribeiras Ter-Borba, entre I-IV d.C. (Google Maps, 2024).

A Ribeira de Ter – Ribeira de Borba – Rio Juromenha – Rio Lucefece – Rio Guadiana

A ribeira de Ter nasce na Serra D'Ossa, ou Serra D'Água, e este curso de água passa pela planície, onde se encontra localizado o sítio arqueológico, entre Estremoz e Évoramonte, até

porque é em Estremoz que existe maior núcleo populacional adstrito a esta ribeira, que se encontra “... limitada a SW e W pela bacia-vertente do Rio Divor, a N pela ribeira de Almadafe, a NE pela ribeira de Sousel, a E e SE pela ribeira de Lucefece e a S pela bacia do rio Degebe.” (RAMOS, 2019:123).

É José Marques Crespo, que realça a passagem da ribeira de Ter por Estremoz e no caso, pelo sítio arqueológico em estudo, tornando-se, por isso, “... perfeitamente explicável, pois, que se situando Estremoz a pequena distância duma ribeira ou rio tão importante como Ter... (...) A Ter era a ribeira, o rio por excelência da região de Estremoz, visto que de si mesma tirara o nome tradicional: «rio».” (CRESPO, 1987:28).

Através do Google Maps (fig.20), detetei a possibilidade de ter existido uma única ligação, entre a ribeira de Ter e a ribeira de Borba, ou seja, serem um único curso de água, pela existência de corte horizontal, assinalado a azul, entre estas duas correntes que, ou das duas uma:

- a) passa a circular no interior de aquedutos (SERRANO, 2012:83), com a finalidade de ser direcionada aos territórios de destino, e a ter sido assim, talvez se remeta à possibilidade de entre Estremoz e Borba a mercadoria circular através de tração animal e só depois, através da ribeira de Borba, ligar-se-ia ao rio Juromenha e seguidamente ao rio Guadiana (CARNEIRO, 2022:137; MOREIRA, 2022:103);
- b) ou existiria, mesmo, a união das duas ribeiras, onde a fluidez comercial romana, farar-se-ia em direção a *Emérta Augusta*, apenas, pela *via* fluvial: ribeira de Ter-Borba (único curso de água), rio Juromenha e rio Guadiana, culminando no destino: *Augusta Emerita*.

Por outro lado, na medida que na bibliografia consultada, surgem os que sublinham que a interligação das *urbs* se percorria através de *vias* terrestres, outros despertam na direção a pontos cruciais de mar e terra, sendo Santiago Macias, que avança a possibilidade da ligação do rio Sado a *Emérta Augusta*, se ter realizado através de *Ebora*, na minha opinião, depois de *Ebora*, através da *via XII* até Estremoz; e já pelo litoral da *Baetica*, voltado para o mediterrâneo, chegar-se-ia, por *Pax Iullia* a Beja, no Baixo Alentejo, até Mértola (MACIAS, 2008:119).

Contudo é a existência de um fosso tectónico existente na Serra D’Ossa (fig.21), que permite a sua drenagem através de duas ribeiras: ribeira de Ter, sentido NO, Estremoz; e ribeira de *Lucefece*, sentido SE, Bencatel (FEIO, 1983:16); destacando ser esta irregularidade aferida à ribeira de Ter, extremo NW (ALMEIDA, 2017:153) de geometria e impermeabilidade da Serra D’Ossa, a principal causa das cheias locais (RAMOS, 1994:187–188).

No ano de 2019, Catarina Ramos, foca a afluência da ribeira de Ter (fig. 22), na margem esquerda e seca, da bacia hidrográfica portuguesa, do rio Tejo, estendendo-se “...pela planície alentejana, a qual é apenas acidentada pelos relevos da Serra de Ossa e do Planalto de Estremoz,

que constituem o sector superior da bacia.” (...) “...os afluentes e subafluentes do Tejo, é a que tem a estação hidrométrica com registos de caudais simultaneamente mais antigos e completos.” (RAMOS, 2019:12-13).

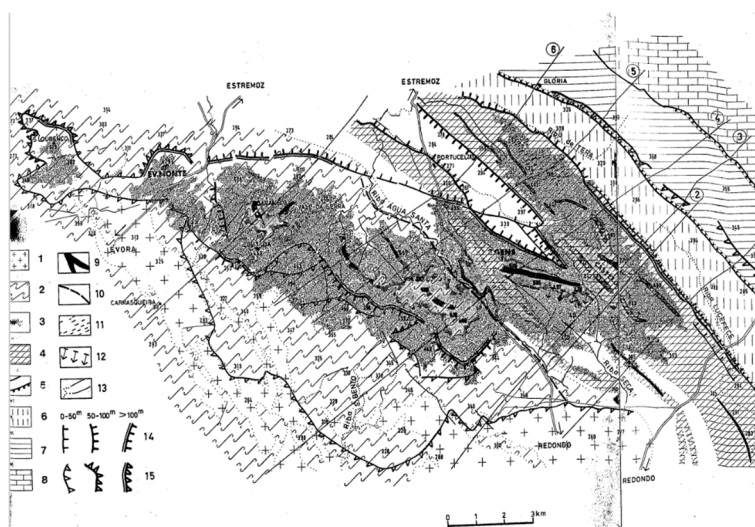


Figura 21. Localização das ribeiras: Ter e Lucefecete (FEIO, 1983:19).

Da mesma forma, esclarece que os escoamentos dos caudais se concentram numa maior amplitude e variação, aos quatro meses de seca a que está propícia (RAMOS, 2019:78;86), sendo a água abastecedora de Estremoz e cercanias, a proveniente de um poço, a dois km a NW.

Ao deter este poço a profundidade de seis metros, o mesmo destaca-se pela importância a nível agrícola e industrial, inclusive, na extração de mármore, acabando por se tornar um factor importante na caracterização pétrea proveniente desta região: cor, textura e brilho, devido à posição em que se encontra a nascente acabando por definir a tipologia do solo.

Por outro lado, este poço divide-se por cinco sistemas, sendo atribuída a Estremoz 65% das suas nascentes, as quais abrangem o SW do anticlinal de Estremoz, até à ribeira de Ter “...da bacia-vertente, a maior parte das quais se situa entre 290 e 360 m de altitude...” (RAMOS, 2019:143-144; 151-152).

Considerando esta abordagem, não são estranhas as características deste solo, que ao deter maior aglomeração de nascentes, reforça especificidade pétrea, que sendo daqui extraída, muito se deve há “... solubilidade de algumas destas rochas (...) ao longo da rede de fraturas; a diferença de comportamento hidrológico entre os fácies psamíticos e os pelíticos; e, o facto de os desligamentos funcionarem como condutas subterrâneas, por onde se faz a circulação de água entre as formações carbonatadas, os metavulcanitos e os xistos do Silúrico.” (RAMOS, 2019:152).

Talvez por isso, outra possibilidade acresça ao encontro do objectivo desta dissertação, que ao se enquadrar na geologia, determina especificidade pétrea, garante no escoamento comercial e abastecimento do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, depreendendo-se que tudo terá sido feito, de forma a ir ao encontro de um mecanismo que facilitasse a comunicação fluvial, entre o rio Juromenha e *Emérta Augusta*, visto a Serra D'Ossa ser o “... obstáculo natural que poderia constituir o verdadeiro marco geográfico de separação e delimitação administrativa.” (CARNEIRO, 2019:147).

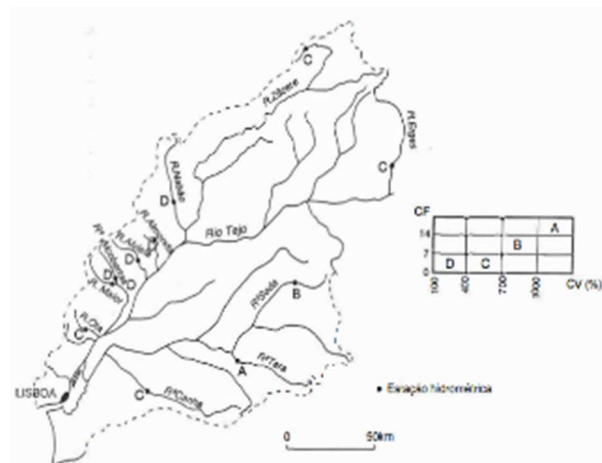


Figura 22. Localização ribeiras: Ter e Lucefecete (FEIO, 1983:19).

Assim, coloco a seguinte questão: até que ponto a delimitação administrativa e comercial desta indústria, não estaria localizada neste sítio arqueológico, até porque existiria interesse por parte da capital do império sustentar, aprovisionar, defender e garantir, a mecânica no anticlinal de Estremoz?

Após esta abordagem acredito na possibilidade do polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz ter estado, efetivamente, aqui localizado, alinhado há segurança extrativa de transformação, comercialização e armazenamento desta matéria-prima, o mármore, revelando-se num extraordinário indicador e gerenciador comercial.

5.2 As vias terrestres do anticlinal de Estremoz

O sítio arqueológico em estudo, encontrava-se, igualmente, perto da *via XII*, originária da implementação da rede viária, remetendo por isso ao ano 27 a.C., em que *Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus* divide a Iberia em: *Baetica* sob a responsabilidade do senado, hoje Andaluzia, e *Lusitânia* sob responsabilidade do Imperador, caracterizando-se por um território de contrastes advindos das medidas administrativas, em prol de um reordenamento provincial.

Visto esta indústria pétrea, se ter revelado na matéria-prima de excelência, de construção comum, pelas províncias do Império, é natural que, também por isso, surgisse necessidade de criar redes viárias (fig.23), que permitissem unir-se territorialmente, através de pontos fulcrais, ao encontro de uma imparável mecânica comercial de maior fluidez, segurança e pouca margem de erro.



Figura 23. vias Romanas (MARQUES, 1976,12).

É Vasco Mantas, que no artigo, “*Os miliários como fontes históricas e arqueológicas*” (MANTAS, 2014), faz a ponte ao testemunho de Claude de Bronseval, beneditino francês, que a ter viajado pela Iberia, entre os anos de 1531 e 1533, terá referido “A notar que nestes desertos onde não há estradas nem caminhos, uma vez que eles não são frequentados nem pelos homens, nem mesmo pelos animais (porque é uma região miseravelmente deserta), encontram-se espalhadas colunas de pedra levantadas para indicar o caminho aos viajantes. Doutra forma eles não saberiam onde ir e arriscar-se-iam talvez, a serem vítimas dos incêndios que deflagram constantemente num e noutro lugar destes desertos. Diz-se que foi Júlio César Augusto quem ordenou a colocação destas colunas quando percorreu as Hispanias, pensando nos perigos que correriam aqueles que no futuro por lá passassem.” (MANTAS, 2014:140).

Partindo do pressuposto, que estes centros urbanos também funcionariam como polos de concentração populacional, estas vias terrestres, demarcadas por marcos miliários, contando com 10000 identificados na Iberia, 400 dos quais em Portugal (MANTAS, 2014:140), garantiriam o acesso comercial de grandioso efeito público e grandeza estatal, extensível às “... margens sombrias do Mar do Norte até aos desertos do Mar Vermelho.” (MANTAS, 2014:141).

Todo este alinhamento comercial seria supervisionado e direcionado ao encontro de uma organização económica, que se pretendia comum, tendo originado, talvez por isso, que de *Augusta Emerita* partissem três *vias* para ocidente: sul até *Ebora*, dividindo-se depois, em dois itinerários (MATOSO, 1993:256):

1. *Pax Iulia* e *Myrtilis* e outro para ocidente até *Salacia* seguindo, depois para *Olisipo*;
2. e outras duas *vias* seguiam para *Scallabis* e Viseu, entroncando na *via Olisipo-Bracara*.

Considerando que seria da *via Augusta Emerita - Olisipo*, que saíria a ramificação *via XII*, ao passar pelo território do anticlinal de Estremoz, distanciava-se de *Olisipo* a “... *dista casi 150 kilómetros en línea recta, tardándose unas 30 horas a pie en la actualidad.*” (FERNÁNDEZ, 2022:51), através de circuitos de lajes de pedra, e marcos milenares, tendo o propósito de indicar distâncias percorridas ou a percorrer, interligando centros urbanos.

Paralelamente a estas *vias* principais, existiam outras, que direcionavam o acesso a outros locais, como no caso da *via* proveniente da estrada do lado esquerdo a norte da EN4 (fig. 24), que julgo ser de origem romana, *via* secundária, que teria, o propósito de ligação à *urb*, localizada, talvez, onde se encontra edificado o castelo de Estremoz:

1. “... mais anónimas, e provavelmente, nem sequer calcetadas seriam as *vias* secundárias, que estabeleciam ligações entre centros menores, ou entre estes e as *vias* principais.” (MATOSO, 1993:255);
2. “São, portanto, os grandes itinerários, que os miliários por vezes designam como *viae* militares, que merecem a atenção do poder central, delegando nas cidades os trabalhos viários da rede secundária.” (MANTAS, 2014:149).



Figura 24. Possível *via* romana, separada pela EN4, 2024.

O paralelismo da passagem da *via XII* na área em estudo, poderá remeter à possibilidade de, efetivamente, aqui se ter localizado o polo industrial e comercial do anticlinal de Estremoz, tornando-se:

1. “... entreposto destinado ao repouso, e abastecimento dos viajantes, assim como das montadas e animais de tiro, além dos apetrechos para reparação das viaturas danificadas.” (MATOSO, 1993:255);

2. “O ager eborense que abarcava esta zona de mármore de Estremoz – Vila Viçosa, vê na época as estradas serem renovadas, como atesta os marcos milenários de Santo Aleixo, Terrugem, N.^a S.^a de Aires, Silveirona, Évoramonte, Estremoz (Tanque dos Mouros) e Vila Viçosa, todos referindo Imperadores dos séculos III-IV.” (MACIEL, 1998:240-241);

3. “Significativa é a oferta feita por *Iulius Maximianus* de um monumento à Deusa *Cíbele*, possivelmente com uma rica decoração, atendendo aos elementos escultóricos conhecidos no sítio, e destinado a ser contemplado ou visitado a partir da *Via XII*, na sua passagem próximo de Estremoz.” (CARNEIRO, 2011:133);

4. “... divindades indígenas poderíamos incluir as protectoras de *loci*, *castella* e *vici*, adoradas só nos locais de que seriam padroeiras.” (ALARCÃO, 1988:158); “... ara da Senhora dos Mártires (Estremoz), cujas siglas MDS se podem desdobrar em *Matri Deum Sacrum*, nome com que se invoca *Cíbele*.” (ALARCÃO, 1988:174) e “Uma causa religiosa também não é de desprezar, atendendo à exuberância que os cultos viários (...) conheceram no Noroeste peninsular, conhecida concentração habitual dos testemunhos de culto de iniciativa militar que, neste caso, poderiam ter levado ao levantamento dos miliários num local onde existisse uma ara consagrada às divindades dos caminhos.” (MANTAS, 2009:250).

5. “... os miliários concentram-se nas grandes *vias* que interessavam, por esta ou aquela razão, ao poder imperial, nomeadamente as que serviam o *cursus publicus*, o correio oficial, unindo os centros de poder provinciais, as guarnições e outros locais de interesse estratégico ou económico.” (MANTAS, 2014:148).

Relativamente ao quarto ponto, subentende-se existência de veneração e culto à Deusa *Cíbele*, que remete há passagem da *via XII*, destacando-a pela exata encruzilhada ou eixo viário, por onde *Ebora* faria chegar produtos a comercializar, provenientes de *Augusta Emerita*, ou *Olisipo* (ALMEIDA, 2017:16), facto este que acresce ao paralelismo de localização do polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, intermeio comercial, como ainda, hoje, lhe é alocado elevado estatuto comercial:

- a) localizado a meio do anticlinal de Estremoz, onde a velocidade de água, proveniente do aquífero Estremoz-Cano, é mais elevada;

b) encontra-se assente num local de passagem comercial militar.

Posto isto, questiono: O que terá sido contruído primeiro? o povoamento romano, o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, ou a *via XII*?

Não é de estranhar que este desvio para *Ebora*, ou *Liberalitas Julia, Iulius Caesar*, se encontrasse aqui localizado porque, provavelmente, seria esta a *via* com maior mobilidade comercial e militar, justificando-se e apelando certificação através de estudos arqueológicos, ao que *à prior* poderá ter representado símbolo de poder, que só por o ser e ter, ter-se-á tornado local de passagem, de uma das mais importantes *vias* em território ibérico, “... que visa ligar a capital provincial ao seu porto do mar, mas também a recursos estratégicos que irão assumir fortíssima importância na simbologia do poder, como é o caso sobretudo dos mármores do Anticlinal de Estremoz servidos pelo Itinerário XII. (...) tem vindo a ser designada como “Rota dos mármores.” (CARNEIRO, 2011:140-148).

6. A investigação de campo

A importância revelada na observação arqueológica realizada na área em estudo, permitiu ir ao encontro dos vestígios arqueológicos avançados pela bibliografia. Ao mesmo tempo, existiu a necessidade de fazer o paralelismo à pesquisa e observação de finais do século XIX e decorrer do século XX, que não detendo as ferramentas, hoje de elevada tecnologia, não foi impeditivo de deixarem testemunhos históricos e arqueológicos, que se vieram a revelar em extraordinários guias no espaço e no tempo.

6.1 José Leite Vasconcelos e José Marques Crespo: séculos XIX – XX

Na primeira metade do século XX, certificava-se hipóteses através do investimento que as elites sociais, conectadas a elevados estratos sociais, se predisponham a cooperar nas questões históricas.

José Lourenço Marques Crespo, médico de Estremoz, publica no ano de 1950 o livro “*Estremoz e o seu Termo Regional*”, obra considerada de grande relevância por parte dos historiadores à época, um deles Túlio Espanca, tendo sido, inclusive, através desta obra, que encontrei uma das primeiras referências ao sítio arqueológico em estudo “Seria, portanto, mais verosímil a tradição de que fossem os mouros e não os romanos, os autores daquela magnífica “vasilha” hidráulica onde se empregou uma argamassa especial e não o cimento romano.” (CRESPO, 1987:6).

Este destemido médico, consegue publicar a obra numa altura, em que muitos, queriam apagar registos há história, na boa verdade, a existência desses condicionalismos, nas décadas de trinta a sessenta do século XX, leva a que “... o interesse pelo património definha lentamente e a vida das Comunidades fecha-se sobre si mesma, deixando de haver correntes de circulação e contactos para o exterior.” (CARNEIRO, 2011:46).

Posto isto, depreende-se que se sujeitavam a um sistema ditatorial de governança, fechado e assertivo, onde apenas se dava a conhecer o que bem entendessem, ou se lhes aprouvesse, fazendo o paralelismo aos anos sessenta, desse mesmo século, aquando da construção da EN4 (Lisboa/Elvas), talvez sem que se tenha contemplado outra área, originando o corte da milenar estrutura hidráulica em estudo: complexo-hidráulico Tanque dos Mouros.

Outra figura de enorme importância, foi José Leite de Vasconcelos, para o qual vêm-me ao espírito a frase “*Um Homem Sonha e a Obra Nasce*”, tendo este proferido, uma outra, em 1897, “*Todo o meu empenho consistiu em apurar a verdade, no serviço da Sciencia.*” (FABIÃO, 2015:61), transparecendo honestidade na apuração factual, numa altura, em que não terá sido, nada, fácil a sua aplicação.

Segundo a historiadora Filipa Beça, José Leite de Vasconcelos nasce em 1858, nesse início da segunda metade do século XIX, que tanto “*desassossejou*” Portugal, tendo sido, talvez por isso, uma das razões de que apesar de se ter licenciado em medicina, no Porto, no ano de 1886 (FABIÃO, 2015:63), não ter deixado, para trás, o seu propósito maior: enveredar por outros ramos da ciência, conseguindo entrelaçá-los, pois acreditava, que através desse unísono estudo se chegaria mais de perto da razão factual (BEÇA, 2017:10).

Por outro lado, ao fazer parte dos aclamados homens das luzes, que queriam saber, entender, questionar e relacionar, tempos e memórias, tal como José Marques Crespo, após ver publicadas as suas obras, permite-lhe levar conhecimento desse desconhecido passado, possibilitando evidência presente, que através do paralelismo à difusão do positivismo em Portugal, como seria de esperar, acabou por trazer consequências relacionadas à vertente religiosa, para as quais, terá corajosamente afirmado “Para mim as religiões não passam de fenómenos sociológicos: e como taes as trato.” (FABIÃO, 2015:63).

Esses homens em boa verdade, “*corriam*” por gosto em prol da pátria, com intuito de chegar à veracidade histórica de um Património escondido e omitido, que a saber-se esclarecido, conseguir-se-ia chegar mais de perto ao “*barro*” cultural, que entrelaçado, seguido e alinhado, revertia na clareza aferida a tempos remotos, ou não fossemos sequências das consequências intemporais.

Provavelmente, estes homens percebem que através da arqueologia, poderiam encontrar respostas difíceis de obter, isto porque quanto mais distante fosse o linear de tempo em estudo, mais difícil se tornaria encontrar registos bibliográficos ou fontes que lhes aferisse, logo, prospeções e escavações, ressurgem-lhes em registos materiais, que analisados interligar-se-iam às civilizações de origem.

Sabê-lo homem corajoso, ao entender que são as religiões que definem sociedades, agarra um projeto em 1890, envolvendo a recuperação de epígrafes encontradas no Santuário do *Endovéllico*, no Alandroal, território de que também faz parte o anticlinal de Estremoz, sob as quais terá dito “... as cousas antigas, quando ellas servirão, no círculo dos meus estudos, para aclarar os factos da actualidade...” (FABIÃO, 2015:64).

Verifica-se estarmos perante um homem que dedicou a vida ao conhecimento, interligando-o à arqueologia, etnologia e filologia de forma digna e reconhecida, ao mesmo tempo, que no meio termo de vida, de um e de outro, José Marques Crespo, sem ter saído do concelho onde desde sempre vivera, descreve numa magnífica obra, todas as temporalidades adstritas ao território de Estremoz, da pré-história aos glamorosos e inquisidores anos cinquenta do século XX.

A abordagem destas duas figuras é necessária, na medida que se imposições políticas, falta de tecnologia geológica ou arqueológica existiram, parece-me que o carisma de fazer acontecer, seria igual entre ambos, mas não comum, por isso se destacaram no seu tempo.

Não gostaria de entender que a intencionalidade, que remete ao “apagão” histórico, se tenha estendido ao século XXI, e que permaneça no contexto deste sítio arqueológico, tema desta dissertação, pois isso sim seria impensável de conceber, nesta sociedade dita globalizante, detentora de todas as valências, assim o queiram, ao encontro de prospeções de locais históricos, como este.

6.2 O Anticlinal de Estremoz: Dos finais do século XIX à segunda metade século XX

A jazida de pedra mármore, de que faz parte o anticlinal de Estremoz, nos finais do século XIX inícios do século XX, ainda se procedia à extração pétrea de forma rudimentar, mas mesmo assim, o mármore extraído das pedreiras de Estremoz, foi a matéria-prima que Miguel Ventura Terra usou para construção do Palácio das Cortes, atual Assembleia da República (MATOS, 2022:38).

O leque construtivo de inícios do século XX, estava alinhado há reorganização e reestruturação da cidade de Lisboa, que não querendo ficar atrás da construção europeia, segundo Frédéric Vidal, começa a associar-se aos ideais de cidades que começam a “... adquirir referências novas que vão beber mais do lado económico, do variável, da adaptação ao mundo moderno.” (VIDAL, 2007:2). Assim, utilizavam matérias-primas provenientes do seu país, no caso, o mármore, para ir ao encontro da ostentação e diferença.

Embora em finais do século XIX, a Revolução Industrial já se verificasse na Europa, em especial, na França e Alemanha, em Portugal, a realidade era outra, na medida que “...por séculos, a exploração, transformação e aplicação do mármore, foi efetuada de forma completamente manual, à força de sangue e a modernização desta actividade só chega ao território português e alentejano nos finais do século XIX, num contexto de desenvolvimento industrial tardio. Tal fenómeno deveu-se em grande medida às vicissitudes do processo de modernização nacional, que só começa a ser implementado a partir da segunda metade do século XIX, com o regime político da Regeneração (1852-1891) que configurava a modernização do país através de infraestruturas várias, como a rede de caminhos de ferro e o apetrechamento das nossas indústrias com novos métodos de produção.” (QUINTAS *et al.*, 2018:274).

Considerando o descrito, torna-se importante colocar as seguintes questões:

1. terá sido o século XIX apontado como paralisador e condicionador do desenvolvimento produtivo, adstrito a esta indústria, na medida que em 1807, Portugal é invadido por França, pouco tempo após a partida da família real e corte para o Brasil?
2. Terão as lutas liberais e absolutistas, após a morte de D. João VI, sido apontadas como principal entrave ao desenvolvimento económico do país?

Estas questões da história de Portugal, descritas no artigo, “Os mármore do Alentejo em perspectiva histórica, de meados do século XIX a 2020”, destacam o propósito de lhes remeter, as principais causas da paragem que esta indústria extrativa, sofreu nesse período, muito pela falta de encomendas por parte da nobreza e clero, situação que se veio a inverter nos anos cinquenta, com o período da Regeneração, e Lei das Minas “O desenvolvimento da indústria mineral do nosso país, tem que lutar com muitas dificuldades, entre os quais avultam a falta de meios de fácil comunicação, a escassez de combustíveis e de capitais falta de pessoal técnico (...) a ignorância em que estamos sobre a constituição geognóstica do nosso solo é ainda mais um obstáculo ao desenvolvimento da indústria mineral (Lei de Minas, 1852)” (QUINTAS, 2019:95).

Depreende-se, por isso, estarmos perante um ambiente, onde “Os trabalhos seriam descritos por um conjunto de operários e artesãos, especializados nas distintas fases de trabalho do mármore, provavelmente com o contributo de homens livres, mas também de mão-de-obra escrava.” (SERRÃO *et al.*, 2019:44), fazendo o paralelismo à figura 25, visto esta assinalar a pedreira da erca de Santo António dos Capuchos, em Estremoz, em inícios do século XX, 1900/1910.



Figura 25. Pedreira Sto. António dos Capuchos, 1900/1910: a) b) c) extração/laboração.

Este local onde se realizava a extração pétrea, é exatamente o mesmo, que no ano de 1872, lhe foi apontada uma produção de 250m^3 /anuais, representando 2700kg/m^3 a 945 toneladas de pedra extraída, tendo recebido doze anos mais tarde, em 1884, o Regulamento da Lavra das Pedreiras, adstrito à vigilância ao nível da segurança do trabalho, de locais onde se continuava a retirar blocos de mármore, através de equipamento muito rudimentar, técnicas artesanais de laboração braçal e pouca utilização de maquinaria.

Constata-se que a realidade descrita, contrariava a industrialização europeia que, há época, já auferia de tecnologia avançada, e visto ter sido nesta pedreira, junto ao Convento de Santo António dos Capuchos, em Estremoz, a única que possuía máquina a vapor (QUINTAS,

2019:98), a mesma já daria algum destaque, relativamente a outros locais de extração existentes no anticlinal de Estremoz, indo ao encontro de José Amado Mendes, que no artigo “O património Industrial na museologia contemporânea: o caso português”, refere que “... no século XIX, quando fábricas foram instaladas em antigos conventos e mosteiros desactivados - na sequência da extinção das ordens religiosas, em 1834, também a partir de meados do século XX a desindustrialização, nuns casos, e a modernização de tecnologia e estruturas, noutros, deixaram vagos numerosos edifícios, suscetíveis de reutilização para outros fins.”. (MENDES, :3).

Na verdade, este convento, encontra-se, presentemente, completamente destruído, tendo no ano de 2023 realizado levantamento fotográfico há parte interior, restando apenas a igreja que após ver concretizado o seu restauro interior e exterior, continua encerrada, sem que se possa visitar a magnificência azulejar e mural de que é detentora.

Se por um lado o mármore explorado, em território português, é proveniente “... dos mais variados sítios onde detinham pedreiras, como Montes Claros, em Estremoz, Pêro Pinheiro, Serra da Estrela, São Antão do Tojal, Póvoa de Santo Adrião, Serra de Arrábida e Sines, sendo a exportação dos mesmos, efetivada para o Brasil, França e Inglaterra.” (QUINTAS, 2019:96), já a maquinaria pesada era importada.

Importante focar que Portugal, em finais do século XIX, inícios do XX, encontrava-se com uma taxa de analfabetismo a rondar os 90% da população, onde os trabalhadores das pedreiras “...quasi sem excepção analfabetos, inclusivamente os próprios arrendatários e exploradores...” (SOUSA, 2015:46).

Por outro lado, após a morte do Rei D. Luís, em 1889, o filho D. Carlos depara-se com o *Ultimatum Britânico* de 1890 (RAMOS, 2007:109), entrando na última década do século XIX, com uma oscilação política constante, que atravessou a primeira década do século XX, com o regicídio de 1 de fevereiro de 1908, e proclamação da República Portuguesa a 5 de outubro de 1910. A nível empresarial, Portugal contava com pequenas e médias empresas, muitas delas familiares, inseridas num contexto social e político difícil, que ao atravessar esses conturbados séculos vê subir taxas de juro a valores inportáveis, logo gerenciadores de impossibilidade de obtenção de crédito, que permitisse ir ao encontro de tecnologias industriais, por parte dos empresários portugueses (MENDES, 2022:78).

Perante esta realidade, é deveras necessário considerar o contexto político, económico e social de Portugal como notória causa por o processo de implantação industrial, se ter tornado deveras tardio, continuando a indústria pétrea, aos níveis extrativo e transformação pétrea, a

requerer elevada exigência de força humana e animal para a sua execução, a par com uma “... tecnologia muito atrasada no primeiro quartel do século XX, como indicava o Catálogo da Exposição Industrial Portuguesa de 1888, a propósito do principal núcleo de pedreiras do país em actividade, porém nas do Alentejo não houve progresso de novas técnicas ou tecnologias: Não há uma máquina a vapor, o trabalho é feito a braço, na extração das pedras são empurradas pelas roupas de corte (...) o trabalho mais parece de escravos do que de homens livres.” (FILIPE, 2015:62).

Segundo este historiador, apenas foi encontrado registo de máquina a vapor, indicada no inquérito à indústria de 1888, que serviu de suporte à serração de pedras, contando com a força de dez cavalos, a mesma utilizada, em 1929, nas pedreiras em Vila Viçosa, não deixando de se utilizar “... a pá, a picareta, o marrão, a alavanca para encontrar bancos ou afloramentos de mármore. Os escombros retirados eram carregados às costas em pequenos cestos de vime, os chamados cabanejos, para serem descarregados fora da pedreira não muito longe para ser mais rápido e económico.” (FILIPE, 2015:62).



Figura 26. Pedreira Cerca Sto. António dos Capuchos, 1901 (QUINTAS, M.:173).

Através desta descrição, é fácil imaginar, o árduo trabalho (fig. 26) industrial, porém não poderemos esquecer a pobreza existente e a falta de locais de trabalho no interior de Portugal, onde no caso, um cabouqueiro, “... com recurso a ferramentas manuais.” (MATOS, 2022:14), auferia trezentos a quinhentos réis diários, enquanto um agricultor, por trabalhar com relativa segurança, ganharia trezentos réis dia (SOUSA, 2015:102).

A existência em Estremoz, no ano de 1886, de quatro pedreiras em lavra, atingindo a quantidade de cinco em 1890, onde somente a da Cerca de Santo António, pertença da Câmara Municipal de Estremoz, extraía 70 m³ de pedra, valorizando três mil réis, encontrava-se

arrendada à Sociedade Exploradora dos Mármore, com um valor de extração, na ordem dos 400 m³ e preço de pedra extraída rondando os doze mil e quarenta mil réis (SOUSA, 2015:54), empregando maior número de operários: vinte e dois, e das quatro pedreiras existentes, três eram em lavra, a céu aberto e outra de cal, só extraída parcialmente (SOUSA, 2015:54).

Na medida, que era deste local, que esta matéria-prima seria extraída, principalmente, para construção de monumentos, muitos deles, intemporais, por outro lado, também estava adstrita a um comércio ao encontro de novos mercados e tentativas de exportação para outros países, tornando-se, por isso, numa matéria-prima apelativa a grandes empresários, que ao lhe reconhecerem importância, conseguem através da introdução de maquinaria, ir ao encontro de um maior número de encomendas, e acréscimo de oficinas de cantaria.

É importante frisar, que o caminho de ferro surge em Estremoz, um pouco antes do desenvolvimento desta indústria pétrea, precisamente em 1873 e em Vila Viçosa em 1905, com proveniência de Évora, que já contava com este transporte desde 1863 (SOUSA, 2015:153).

A partir do momento que no ano de 1920 as grandes sociedades exploradoras começam aqui a “... realizar lavras para obterem matéria-prima de alta qualidade, com destino essencialmente aos mercados externos.” (QUINTAS, 2015:201), uma delas, a SOLUBEMA – Sociedade Luso Belga, começa a investir capital na exploração das pedreiras, em Pêro Pinheiro, e depois, na Cerca de Santo António dos Capuchos, em Estremoz, introduzindo novas técnicas extrativas e de transformação pétrea, apostando na formação operária, permitindo os trabalhadores estarem aptos ao funcionamento de toda a maquinaria de suporte às mesmas.

Este contexto começa a ganhar proporções, atingindo o auge, através de um dos maiores contributos: a Eletrificação das Explorações, originando a sua modernização. Especificamente em Estremoz, onde “... a produção estava, desde antes de 1928, a cargo da Sociedade Industrial do Bonfim Lda. que adquirira a Companhia de Moagem e Electricidade (Sousa, 2015:153), em Vila Viçosa no ano de 1925 e em Borba, onde “... a energia eléctrica provinha de uma central termoelétrica gerida pela Câmara Municipal de Borba desde 1928.” (SOUSA, 2015:153).

Porém só em 1957 se dá a eletrificação das pedreiras, que até essa altura funcionavam a diesel (SOUSA, 2015:153), remetendo de imediato ao destaque que essas novas máquinas e técnicas representavam, permitindo, não apenas, desenvolvimento industrial, mas também abrangência a maiores áreas de extração e aprofundamento, que comparadas ao linear de tempo de estudo, século I a.C. ao IV d.C., mesmo desprovidos dessa tecnologia conseguiam ir ao encontro dos propósitos a que se dispunham.

A aplicabilidade do mármore, veio a revelar-se no principal fator ao encontro da afluência populacional que surge a par do desenvolvimento territorial, permitindo fixar e criar estruturas, como o fora, a construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros.

O arqueólogo André Carneiro, tem sido incansável ao apontar necessária realização de trabalhos arqueológicos no anticlinal de Estremoz, ao encontro da sua certificação mineral, em época romana, que lhe permita ver-se elevado ao nível das pedreiras localizadas em território ibérico e mediterrânico (CARNEIRO, 2013:62-71).

Tendo-se revelado esta matéria-prima, indispensável na construção e decoração pétrea, na medida que detém características que remetem há resistência, intemporalidade e simbologia, Jean-Pierre Adam não faz qualquer referência à extraída no anticlinal de Estremoz, em época romana, quando se refere às rochas exploradas e importadas, na obra *“La Construction Romaine”* (ADAM, 2010:24).

Assim, torna-se importante apelar e sensibilizar os pares, para a falta de referências e destaque nos estudos científicos dos locais, exatos, de proveniência do mármore do anticlinal de Estremoz, em época romana, até porque é André Carneiro que ressalva, ser mais fácil encontrar essa abordagem nos estudos internacionais. Desse modo, apela à urgente análise e certificação arqueológica, visto ver-se sobrepostos, estudos e trabalhos de investigação, a locais de receção e não de extração, originando sequente destruição de vestígios, pelo desprovimento de acompanhamento arqueológico (CARNEIRO, 2013:62,64).

Considerando o exposto, historiadores, geólogos e arqueólogos têm alertado, igualmente, para a existência de vestígios de exploração romana nas pedreiras da Vigária, Pardais e Alagoa em Vila Viçosa, e também em Estremoz (FILIPE, 2015:59), que a serem objeto de estudo, poder-se-á remeter origem ao anticlinal de Estremoz, como verdadeiro local extrativo e não erradamente, ou intencionalmente, atribuída a outros locais.

Entendo que alertar nunca será demais, na medida que o reconhecimento destes locais de extração, permitirá retirá-los do silêncio, ao ver elevado o potencial milenar que efetivamente detêm, acreditando que historiadores, arqueólogos e geólogos em boa parceria poderão, num futuro que se quer próximo, atribuir-lhes visibilidade, através de estudos arqueológicos direcionados ao anticlinal de Estremoz, local onde o *“Ouro Branco”* continua a ser extraído, transformado e comercializado.

6.3 Aquedutos, Canais, Galerias, Poços e Tanques

A observação realizou-se durante a licenciatura e decorrer do mestrado, entre 2019 e 2024, considerando as áreas, adstritas ao povoamento romano e complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, pedreira dos Pardais, em Vila Viçosa e área adstrita ao Templo do *Endovélico* no Alandroal.

Sem ter a pretensão de aplicar técnicas arqueológicas, cujo conhecimento apenas é teórico, pretendi através do registo fotográfico, assinalar locais que poderão vir a ser considerados em futuros estudos arqueológicos, tendo os mesmos representado quase cinco anos, de idas e vindas de imagens, umas melhores que outras, mas razoáveis, ao que aqui pretendo enquadrar e defender.

Desta forma, através do Google Maps, foram identificados aquedutos, canais e algumas, das muitas, galerias subterrâneas, tendo como comparação, a galeria identificada e localizada, perto do Templo do *Endovélico*, no Alandroal.

Sendo a água essencial à sobrevivência dos povos, terá surgido no local em estudo, o desenvolvimento da engenharia hidráulica, de captação de água, conduzindo-a e distribuindo-a através de aquedutos, cisternas, galerias, canalizações ou redes de esgoto (PÉREZ, 2019:138), que após identificada a sua proveniência sabiam de antemão, se seria pura e fresca (PÉREZ, 2019:138).

Assim, pressupõem-se, que o abastecimento de água ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros fazia-se através de:

- a) “... duas fontes, uma das quais próximo da Cerca de Santo António, bem como um riacho que as alimentava, sendo essas origens de água que corriam em caudal para o grande tanque, e foram obstruídas por um terramoto em 1531. Essa água perde-se, em parte, pela cerca do convento de Santo António. É inesgotável. Também se tem como vestígio certo do descaminho do riacho – que, nascido na barreira do Baluarte de Santa Bárbara, atravessava, a pouca distância, relativa do tanque e na sua direção ... “ (CRESPO, 1987:8);
- b) “... importante estrutura de retenção de água junto da vila de estremo, água essa que proviria de duas nascentes.” (CARDOSO *et al.*, 2005:141);
- c) Aparelhos pétreos construídos, com intuito da água chegar ao destino pretendido, citando Rui Barbosa a antiguidade clássica, através do testemunho de Vitrúvio “... dá-nos conhecimento dos processos utilizados na condução de água, nomeando a utilização dos *riui* (canais), dos *canales structiles* (condutas feitas com opus caementicium), dos *fistulae plumbeae* (canalizações de chumbo) e dos *tubuli fictiles* (condutas de cerâmica),

referindo, também, a importância da abertura de poços e a construção de cisternas (Vitrúvio, VIII, VI).” (BARBOSA, 2016:22).

Foi ao encontro destas valências, que tentei acrescentar em importância à mecânica hidráulica de base de 90 metros de comprimento, 45 de largura, 5 metros de profundidade, área de 5000 m² e capacidade de acumulação de água na ordem dos 20 000 m³, porém acredito, não apenas extensível à área de estudo, pois ter-se-á verificado intencionalidade na criação de uma rede de *vias* pelo território da Iberia de engenharia romana e, igualmente, uma rede subterrânea de direcionamento de água, de maior abrangência, dando ênfase à extração, transformação, armazenamento e comercialização do mármore proveniente do anticlinal de Estremoz.

Aquedutos

Após o século III d.C., as grandes cidades e povoadamentos romanos, abasteciam-se de água através de aquedutos (CARDOSO *et al.*, 1997:17), não tendo sido difícil a sua identificação neste sítio arqueológico (fig. 27).



Figura 27. Aqueduto Tanque dos Mouros à povoação das Mártires.

É Vasco Mantas que destaca a “*superioridade*” consciente romana, em ressaltar diferença enquanto civilização, que dispensa construções egípcias e gregas e envereda pela construção de aquedutos “... ao comparar a inutilidade dos monumentos faraónicos e dos belos edifícios gregos com a utilidade evidente da arte construtiva romana, expressa pelos aquedutos.” (MANTAS, 2014:142).

Por outro lado, também Jean-Pierre Adam avança que a construção de aquedutos, tinha o propósito maior de reaproveitar a água, direcionando-a (ADAM, 2010:257), neste caso, ao povoamento romano, ainda sem perfil identificado, que a serem considerados os vestígios aqui

encontrados, os mesmos, poderão remeter ao seu aparelho pétreo de construção romana, que a ser fechada, confirmar-se-á a designação de aqueduto, que oscila em altura, encontrando-se, em certos pontos, com a aplicação da argamassa *opus signimum*.

Posto isto, o início deste aqueduto, parte da saída sudoeste do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, que de fácil identificação, conta com um orifício de 12 cm de diâmetro (fig. 28-a), encontrando-se no interior de um espaço entre dois contrafortes (fig. 28-b), contando com 4 metros e 15 centímetros de largura, por 1 metro e 90 centímetros de altura, com 2 metros de profundidade e a 26 centímetros do solo.

Relativamente ao espaço descrito, José Marques Crespo refere que “No lado do poente e junto do vértice, formado pela união das duas paredes, há um buraco que servia de bucha para saída de água.” (CRESPO, 1987:8).



Figura 28.: a) Orifício 12 cm diâmetro; b) espaço entre contrafortes; c) início Aqueduto; d) Parte alta do Aqueduto; e) f) Dispersão e destruição do Aparelho Construtivo – *opus incertum*.

Este aqueduto, estende-se em linha reta à povoação da Vila das Mártires, sob o qual foi possível medir 303 metros, oscilando em altura e largura: inicia com 2 metros de largura e 70 centímetros de altura (28-c), passa a 1 metro e dez centímetros de altura, de saliência abobada na base (fig. 28-d), onde é perceptível, a sua destruição e dispersão (fig. 28-e/f), salientando-se, em alguns pontos, a construção irregular – *opus incertum*, logo acresce a probabilidade de ter sido construído em aparelho pétreo de cobertura abobada ou plana, subentendendo a necessária proteção da água, sendo, talvez, esta a razão da aplicação da argamassa impermeabilizante, *opus signimum* (PÉREZ, 2019:144).

É, mais ou menos, aos 224 metros de comprimento (fig. 29 a/b), que a estrutura exterior do aqueduto termina, mantendo-se apenas, a visibilidade térrea de fragmentação, remetendo a sua construção a idêntico aparelho pétreo da estrutura retangular do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros.

Por outro lado, é fácil reparar nas estruturas que foram construídas por cima desta estrutura de encaminhamento de água (fig. 28-f), muitas delas com aproveitamento pétreo retirado do mesmo (fig. 29-a), ou *quiçá*, da própria estrutura retangular do Tanque dos Mouros.



Figura 29. a) b) registos pétreos c) *opus signinum*. d) Fim do Aqueduto. e) Acesso QB.

Ao verificar-se o término exterior da sua estrutura, precisamente na estrada principal desta povoação, proveniente da EN4 (fig.29-d/e), encontrar vestígios que remetessem ao seu suposto alongamento, já no outro lado da mesma, não se tornou tarefa difícil, na medida que a linha reta que lhe afere alonga-se até ao lavadouro municipal, onde se encontra localizado o acesso ao seu interior.

Por se encontrar a entrada fechada, existiu a necessidade de pedir autorização à Junta de Freguesia das Mártires, tendo sido autorizada a sua abertura e acompanhamento, por questões de segurança (fig. 30).



Figura 30. Entrada aqueduto/galeria subterrânea, Vila das Mártires, 2023.

A entrada para o interior do aqueduto, encontra-se paredes meias com a Quinta da Berlica (fig. 31-a), local onde se julga ter sido erguido o povoamento, não apenas pelos vestígios identificados (fig. 31-b), como por os que remetem ao culto à Deusa *Cíbele*, a escassos metros da Igreja de Nossa Senhora das Mártires.



Figura 31. a) Quinta da Berlica, Google Maps, 2023; b) lápide tumular na QB, 2024.

No interior da Quinta da Berlica, foram identificados outros vestígios de proveniência e encaminhamento de água: uma fonte, de onde se crê ter a água proveniência e encaminhamento através deste mesmo aqueduto (fig. 32-a), até porque, José Marques Crespo refere-se a “... algumas fontes que ficam perto e de que ainda em 1614 se vê parte dos aquedutos.” (CRESPO, 1987:13). O mesmo aqueduto alonga-se exteriormente e interiormente a outras duas fontes (fig. 32-b, c) culminando, depois, num lago maior (fig. 32-b), visualizado, também, na figura 31-a), tendo-se medido uma distância de cerca de 100 metros em linha reta, desde a fonte 32-a), ao lago 32-b).



Figura 32. a) fonte; b) grande lago; c) lago, 2023.

Importante referir, que estas fontes apresentam vestígios de argamassa *opus signinum*, a mesma, que consta do aparelho pétreo do aqueduto (fig.28) já identificado, que tal como este, provavelmente, aqui se terão mantido, por mais de dois milénios de tempo. Caso se certifique ser de construção romana, poder-se-á afirmar que as mesmas fazem parte de toda a sequência hidráulica proveniente do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, direcionando-lhes água através deste aqueduto, permitindo fluidez da corrente de água ao seu exterior.

Talvez, assim, possamos conjecturar até que ponto, essas mesmas fontes e lagos, não estarão a assinalar o local exato de construção habitacional, onde muitas vezes, surgem a par com “... instalações para banho privado (...) água captada e conduzida por meio de aquedutos até às estruturas que a distribuíam pelas diferentes áreas da cidade.” (MATOSO, 1993:248).

Estudos arqueológicos e geológicos poderão atribuir o perfil a este povoamento, até porque na proximidade da Ermida de São Lázaro (38°50'33.1"N e 7°35'58.9"W), pouco distante da Vila das Mártires, a NO, numa das encostas do Castelo de Estremoz, pertença, presentemente, a João Portugal Ramos, foram encontrados vestígios, que remetem a um povoamento romano (MACIEL, 1998:238), logo, e aqui já a entrar noutro objetivo de estudo, perto da Rua Direita, *Domus/villae* Romanas, no caso, o Bairro de Santiago, indo culminar no largo do Castelo de Estremoz, onde se encontraria, possivelmente, localizada a *urb*, até porque “... de todas as referências à época de posse de D. Afonso III, falam, firmemente, na reedificação da povoação e seu castelo.” (CRESPO, 1987:14).

Se as características adstritas às cidades romanas, obedeciam a um padrão urbanístico, coloco a questão: estaria este povoamento romano apenas circunscrito àquele local ou, com o tempo começou a extravasar, neste caso, à própria *urb*, considerando os séculos de permanência do Império Romano na Iberia?

Por outro lado, se o século III d.C. é apontado, como o século da construção de cisternas de armazenamento de água, visto as *urb* dependerem do seu encaminhamento através de aquedutos (MATOSO, 1993:250), remeto a outras questões: onde terá sido construída essa cisterna? na medida que o amuralhamento de Estremoz surge em declive, culminando na construção do castelo no topo do planalto, terá sido este, elevado em cima dos vestígios que remeteriam ao fórum à época romana? até que ponto a muralha medieval de Estremoz, se terá construído com o reaproveitamento desse aparelho pétreo romano, que já aí existente poderá ter remetido a um amuralhamento, mais longínquo?

Voltando à estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, o artigo “*A Exploração dos Recursos Naturais*”, garante serem os aquedutos, que se dirigiam ao povoamento, e não os canais, isto porque, os canais diferenciavam-se por uma construção a céu aberto, apresentando-se como caleiras escavadas no subsolo, e os aquedutos eram “... canais cobertos, de alvenaria ou de massame, revestidos de *opus signimum* nas superfícies de contacto com a água, por forma a assegurar a necessária estanquidade.” (CARDOSO *et al.*, 1997:27).

Ora à funcionalidade atribuída ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, poder-se-á remeter há de transformação pétrea direcionada ao corte dos blocos de mármore (CARNEIRO, 2013:87), contudo, poderá ter sido o provável motor que permitiria o deslizamento da água ao encontro dos seus variados destinos, avançando aqui a possibilidade, de ter funcionado em algum linear de tempo, parte da sua estrutura hidráulica como cisterna, ou base de onde a água seria encaminhada ao redor da possível *urb*.

Se nos formos focar na mecânica hidráulica, como pilar de suporte a tamanha estrutura de encaminhamento de água, a mesma poderá estar adstrita a “... dois moinhos de eixo vertical com rodízio, acionados pela água que saía diretamente dos dois orifícios.” (CARDOSO *et al.*, 1986:135).

É exatamente esses dois possíveis moinhos de eixo vertical, que no decorrer da observação foram identificados os locais onde poderiam estar colocados (fig.33 a-b), remetendo há zona mais larga, alta e espessa do aparelho hidráulico, orifícios que em 1997 (CARDOSO *et al.*, 1997:29), foram adstritos a parte do circuito de água, que do interior do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, a fariam passar para o interior do aqueduto, referindo inclusive, remeter a moinhos de rodízio, ou roda vertical de propulsão (fig. 33-c).

Esta abordagem carece de trabalhos arqueológicos, quer à estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, como ao aqueduto e interior da galeria subterrânea, para que possam ser validados, tornando-se necessário relembrar, que não se sabe até que ponto, com o decorrer dos

séculos, poderemos estar, presentemente, sob uma camada superior do solo, sendo essa uma das razões, para que prospeções arqueológicas façam todo o sentido.

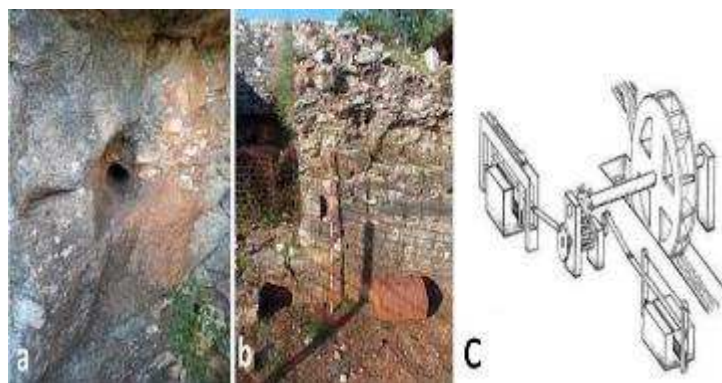


Figura 33. a) b) Tanque dos Mouros; c) Engenho Hierapolis (QUINTAS, 2015).

Canal

Um canal romano foi identificado no decorrer da observação, encontrando-se localizado a: 417 metros Sul na vertical do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e a 125 metros Sul, da Igreja Nossa Senhora das Mártires, na Vila das Mártires (fig.34a-b), aferido às mesmas características encontradas nos vestígios que reportam ao canal existente no Alandroal, a 4 km do Templo do Deus *Endovélico* (fig. 34-c).

Com o propósito de conseguir enquadrar, o distanciamento do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros ao percurso e localização deste canal, procurei através do Google Earth, identificar a sua localização (fig. 35-a), assim como registos em altitude, de forma a ter noção da sua horizontalidade, enquanto guia de encaminhamento de água, aos destinos pretendidos (fig. 35-b) e, igualmente, sua distinção estrutural ao nível dos aquedutos ” ... por serem exclusivamente a céu aberto, com exceção dos troços em que a topografia exigisse percursos subterrâneos (...) ... sobretudo à irrigação dos campos (...) apresentavam-se, frequentemente, como simples caleiras escavadas no subsolo...” (CARDOSO *et al.*, 1987:27).



Figura 34. a) canal Vila Das Mártires; b) procedência N de água; c) canal Alandroal, 2024.

Também Ruben Barbosa, remete a Vitróvio de forma a descrever este milenar mecanismo de encaminhamento de água “Vitrúvio, por seu turno, dá-nos conhecimento dos processos utilizados na condução da água, nomeando a utilização dos *riui* (canais), dos *canales structiles* (condutas feitas com *opus caementicium*), dos *fistulae plumbeae* (canalizações de chumbo) e dos *tubuli fictiles* (condutas de cerâmica), referindo, também, a importância da abertura de poços e da construção de cisternas (Vitrúvio, VIII, VI).” (BARBOSA, 2016:22).



Figura 35. a) Tanque dos Mouros e Canal; b) Canal – Google Earth, 2024.

Conclui-se que a ser construído a céu aberto, a sua estrutura encontra-se bem definida e delineada (fig.35 a-b), verificando-se, inclusive, que do outro lado da estrada, direção N do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, a procedência da água corre na direção deste canal (fig.34-b).

Galerias romanas

De modo a certificar a importância que representou para o Império romano, a construção destas subterrâneas estruturas de encaminhamento de água e posterior manutenção e laboração, que se terá, possivelmente, verificado através da mecânica hidráulica do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, foram as mesmas sinalizadas de igual forma à dos canais, através de alguns vestígios de encontro à sua observação, no caso apenas fotográfico.

Estes registos surgem ao nível da conservação, encontrando-se uns mais bem conservados que outros, destacando-se ao nível do aparelho pétreo, original e peculiar construção romana, a nível interior como exterior, encontrando-se espalhados pela área envolvente, quer do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros como povoamento romano, comprovando-se, assim, o propósito de encaminhamento de água (fig. 36).



Figura 36. Vila das Mártires: Tanque dos Mouros e Galerias Romanas, Google Earth, 2024.

Por outro lado, para que lhes pudesse remeter uma comparação fidedigna, realizou-se a observação fotográfica a uma galeria subterrânea (fig.37), localizada a poucos km do Alandroal, na Estrada Nacional 373 (N373), a 4 km do Templo do Deus *Endovéllico*, onde foi identificada a mesma técnica, material e estrutura de construção.



Figura 37. Galeria Subterrânea, Alandroal, EN373, 2022.

Após esta abordagem, e do muito espólio encontrado no decorrer da observação, tornou-se necessário, contextualizar a sua localização. Posto isto:

1. o primeiro registo identificado, de entrada para uma galeria subterrânea, encontra-se a 300 metros do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, encontrando-se localizada junto à Quinta da Berlica. A mesma remete, ao aqueduto proveniente de um dos cantos sul da estrutura hidráulica (fig. 38), encontrando-se o interior, subjacente, à escadaria caiado, não se conseguindo, por isso, identificar a origem do aparelho pétreo; conta com degraus em tijoleira; não permitiu acesso a grande profundidade, pela quantidade de água existente;



Figura 38. Galeria Subterrânea, Quinta da Berlica, 2022.

2. o segundo registo (fig. 39), encontra-se a 220 metros, a sul, da Igreja Nossa Senhora das Mártires, e a 545 metros do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, em propriedade privada, que embora a estrutura exterior detenha traços de maior parecença com a do Alandroal, contando o seu interior com possível aparelho pétreo romano, encontrando-

se, na minha opinião, em estado virgem, deixando aqui o apelo, para que seja estudada e certificada, o quanto antes, que ao nível arqueológico como geológico, pois a ter sido, também aqui, identificada a sua existência, e a não se concretizarem esses estudos, revelar-se-á num puro ato de indiferença ao tanto que poderá acrescentar a este sítio e, principalmente, ao conhecimento.



Figura 39. Galeria Subterrânea 220 metros S Igreja Nossa Senhora das Mártires, 2022.

3. o terceiro registo (fig. 40), encontra-se em pior estado de preservação e manutenção; localizado numa propriedade privada, a 930 metros do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, e a 730 metros, a sul, da Igreja Nossa Senhora das Mártires, o acesso à galeria, encontra-se bloqueado por um equipamento de bombagem de água.



Figura 40. Galeria Subterrânea 930 metros Tanque dos Mouros, 2024.

Ao certificar-se a possibilidade destas galerias subterrâneas, remeterem, efetivamente, a construção hidráulica romana, ligada à estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, através de níveis subterrâneos de encaminhamento de água, poderemos afirmar, que estamos perante uma mecânica hidráulica de grande capacidade e aperfeiçoamento hidráulico.

Considerando a permanência romana neste território, que terá tido o cuidado de manter e desenvolver esta estrutura, toda esta realidade hidráulica poderá não estar apenas adstrita a

pequenas áreas, mas a maiores ao nível de encaminhamento de água podendo, inclusive, e considerando Armando Quintas, remeter a um desenvolvimento hidráulico de finais do império, altura que esta “... atividade começa a ser mecanizada através de engenhos hidráulicos, baseados no moinho vertical de *Vitrúvio*.” (QUINTAS, 2015:134).

Através do contexto abordado, considerando a observação e análise das fontes fotográficas, faço a ponte para a galeria subterrânea identificada no Alandroal (fig. 41), encontrando-se esta localizada a 4 km do Templo do Deus *Endovélico*.



Figura 41. Galeria: construção romana, Alandroal, 2022.

No local foi possível descer ao seu interior, desta vez a um nível de maior profundidade, através de escadas ainda detentoras de aparelho pétreo original, que terminam exatamente no ponto, onde deveria continuar, porém num outro sentido, talvez ao encontro dos restantes dois metros que as separam do solo, isto porque é nítida a visualização do topo de arcaria, a qual poderá remeter aos tuneis de acesso à galeria (fig. 41).

Através do distanciamento entre fundo e topo, verificou-se a construção em altitude, com estrutura quadrangular de um poço, alongando-se, paralelamente, há mesma quantidade de degraus, que lhe atribui acesso em profundidade (fig. 42).

Posto isto, tudo leva a crer que este tipo de estrutura é idêntico ao das galerias identificadas no povoamento em estudo, porém, no caso dessas, a quantidade de água existente, ou outro tipo de obstáculos, não permitiram acesso a uma mesma profundidade e visualização do pormenor arquitetónico, encontrados neste registo.

Nas paredes, como na estrutura abóbada do túnel que remete à escadaria interior, verifica-se ser detentora de aparelho pétreo romano, intocável, permitindo, assim o queiram, sua

verificação em *loco*, que poderá certificar tipo e cronologia de construção, onde no caso, é este o que especifica de melhor forma, a mecânica de direcionamento de água, que proveniente do interior da galeria, remeteria ao exterior através de um poço, sendo, depois, a água distribuída através de canais.

Poços

Geralmente o acesso às galerias subterrâneas, faz-se através de escadas, que nos casos apresentados remetem a uma outra estrutura paralela: poço.

Infelizmente, das estruturas encontradas, nenhuma se encontrava sem água, logo tornou-se difícil chegar-lhe a maior profundidade, exceto no caso do poço identificado no Alandroal, que permitiu melhor e maior contacto a possíveis vestígios de arquitetura romana, que na minha opinião, deveriam ser estudados o quanto antes (fig. 42).

A construção em tijolo argiloso de cor mais alaranjada nuns pontos, do que noutros, assim como os vestígios de mármore, poderão remeter à possibilidade de estarmos perante o mesmo alinhamento arquitetónico a nível das estruturas existentes no Alandroal e Vila das Mártires, que por, ainda, se encontrarem, em excelente estado de conservação, poder-se-á considerar, a possibilidade, de deterem um distanciamento temporal de dois milénios, em território ibérico.

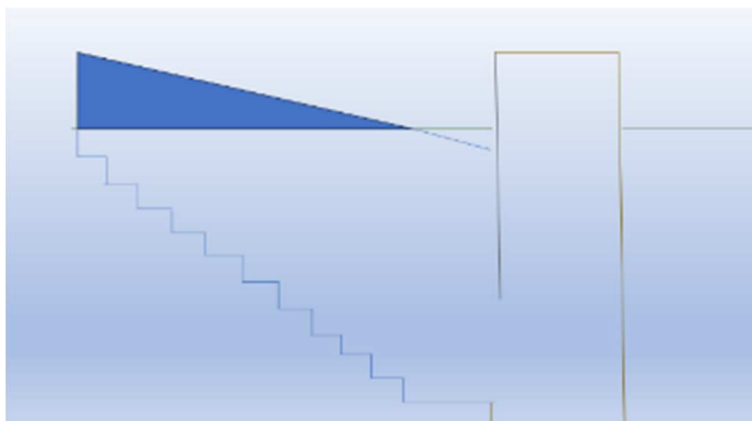


Figura 42. Estrutura poço romano, Alandroal.

A realização de estudos arqueológicos nestes locais, tornam-se urgentes na medida que tudo leva a crer, que poderão ser dos poucos espólios de construção hidráulica, que se nos apresenta, ainda, com a sua forma original (fig. 43; fig. 39).



Figura 43. Estrutura poço romano, Alandroal, 2022.

Por outro lado, a envoltória estrutural exterior, afere a outra estrutura circular (fig.44; fig. 46), encontrando-se, igualmente, a estrutura exterior do poço no meio desta, que poderá estar alocada, na minha opinião, à aplicação de força motriz animal ou humana, para que em círculo, ao redor do poço, a água fosse retirada.



Figura 44. Estrutura poço romano, Alandroal, 2022.

A água, provavelmente, seria utilizada para regadio, e aprovisionamento dos povoamentos romanos existentes nas cercanias, encaminhada através de uma rede de canais (fig. 45), que iniciando o percurso nesse local, se estenderia ao seu propósito final.



Figura 45. Canais, Alandroal, 2022.

Desta forma, o local de onde, supostamente, partiria a distribuição da água, previamente retirada do poço, demarca não apenas, aspetos relacionados com a sua estrutura pétrea, como também, e principalmente, toda a logística hidráulica a si alocada, de aperfeiçoada engenharia romana, que no caso, poder-se-á ter estendido à localização do templo do Deus *Endovélico*.

A estrutura circular exterior que remete aos poços, identificados na proximidade da entrada da galeria que lhes afere, foi igualmente assinalada perto da Vila das Mártires (fig. 46), porém de arquitetura diferente, levando a questionar se para sua construção, não se terão considerado critérios de sinalização de água e aprofundamento do solo?



Figura 46. Estruturas hidráulicas: Poço / Galerias Subterrâneas, Vila das Mártires, 2024.

E atenção, que neste caso seriam diferentes, na medida que a sua estrutura não é idêntica às identificadas na mesma área, voltando a questionar, como é que estando este território sob uma planície tão extensa, interiormente ao solo, a mesma seria tão diferente?

Tanques

Considerando o Brasão de Estremoz, tanques é coisa que não falta, ao redor da área de estudo, até porque, mal seria, se a sua falta existisse, pois, a abundância destas estruturas hidráulicas, certificam a importância de se encontrarem sob o aquífero Estremoz-Cano.

Na área que remete à Vila das Mártires, raro é o caso, em que perto da entrada das galerias subterrâneas, os mesmos não se encontrem localizados (fig. 47), remetendo a várias formas e tamanhos, encontrando-se quase sempre afastados dos locais de residência.



Figura 47. Tanques Vila das Mártires, 2024.

A identificação de um tanque, a norte do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig.48), localizado no percurso de início da estrada secundária, às Portas dos Currais de Estremoz, leva a questionar a sua utilidade, talvez associada a possível veraneio romano, mais tarde, adaptado a lavadouro, e presentemente destaque citadino, onde no aparelho pétreo se construíram bancos, para os que aqui queiram permanecer, contemplar e ouvir, o som característico de água em constante circulação.



Figura 48. Tanque Estrada Portas dos Currais, 2024.

6.4 O Complexo Hidráulico do Tanque dos Mouros

Para que nada fique subentendido, ou menos explícito, foi elaborado um esquema que afere ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig.49), com o propósito maior de permitir uma identificação, mais fácil e eficaz, à passagem dos indicadores que neste estudo se revertem em algumas possibilidades.

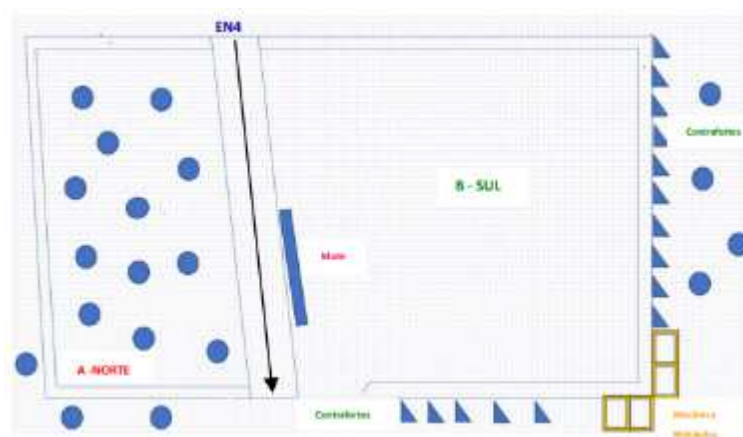


Figura 49. Tanque dos Mouros-lados: Norte-Sul, 2024.

Posto isto, na área onde se encontra localizado o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, a observação efetuou-se, primeiro a norte da EN4, e só depois a sul, onde se identificou em ambos os lados, ser detentor de uma única estrutura retangular.

No entanto, verificou-se a norte, que a área interior do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig. 50), encontra-se revestida por oliveiras e vestígios de mármore, sendo uns maiores que outros, não se percebendo se poderão remeter a depósito pétreo, ou se poderão corresponder a uma outra estrutura, que terá aí sido construída, para a qual remeto importância e propósito, de vir a ser esclarecida, através de estudos arqueológicos.



Figura 50. Lado Norte: interior Tanque dos Mouros, 2023.

Ao verificar-se desnível em altura a norte (fig. 51), relativamente a sul, quebrado pela EN4, aponto intencionalidade construtiva em declive, equacionando até que ponto, não se terá considerado e refletido o propósito da circulação de água, na medida que a ser proveniente da Cerca de Santo António dos Capuchos e Baluarte de Santa Bárbara, decairia subterraneamente em “cascata” para o seu interior, permitindo esse mesmo declive uma maior facilidade na

colocação pétrea de norte para sul, garante, da suposta transformação de corte e talhe, aí se ter realizado .



Figura 51. Desnível Tanque dos Mouros, Norte, 2023.

Relembro que toda a área de construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, compreende 90 metros de comprimento por 45 de largura, tendo verificado com tristeza, que se encontra completamente ao abandono, sem que se tenha encontrado vestígios que lhe pudessem apontar cautela ao nível da sua manutenção e preservação, ao que fora classificado como Sítio de Interesse Público, no ano de 2012.

Os vestígios da estrutura hidráulica a norte surgem, em certos pontos, ao mesmo nível do solo e noutros a níveis de alguma profundidade, porém, não tão acentuados como os verificados a sul.

Já a área exterior envolvente, sempre a norte (fig. 52), encontra-se rodeada pelo mesmo arvoredo existente no seu interior, assim como também pelos mesmos vestígios de mármore, que se estendem pelo declive, levantando outra questão: teria sido esta a área de trabalhos de cantaria e armazenamento pétreo?



Figura 52. Tanque dos Mouros, lado Norte e Sul, 2023.

Infelizmente têm sido as silvas, ervas, picos e heras, as fiéis guardiãs, que a própria natureza decidiu usar ao nível da intervenção, revestimento, manutenção e preservação do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, originando inacessibilidade a certos pontos da sua estrutura interior e exterior, que quer a norte como a sul (fig. 51-52) remetam à sua mecânica-hidráulica.

Já do lado sul (EN4), foi identificado um muro no interior e a meio do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig.53), que poderá enquadrar-se ao referenciado por Gil Vilarinho (VILARINHO, 2023:997), em se tratar de dois tanques; porém, na minha opinião, a estrutura afere a única retangular, podendo ter tido um propósito interior de duas ou mais utilidades, considerando os seus 90 metros de comprimento e 45 de largura.

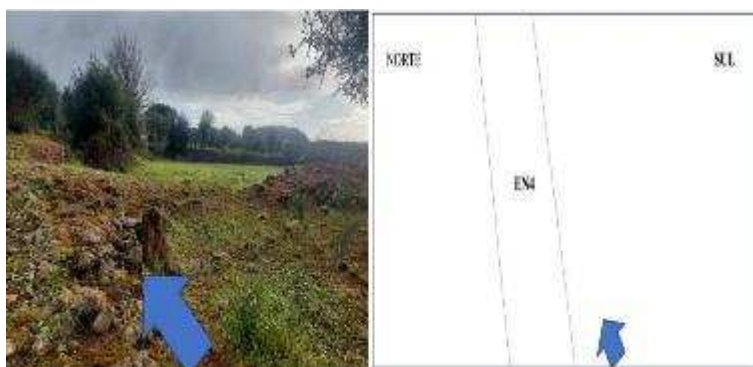


Figura 53. Tanque dos Mouros: muro a meio, lado Sul – parte superior, 2023.

Apesar do aparelho pétreo do muro, se encontrar em elevado estado de degradação, é possível visualizar parte da sua construção, que conta com pequenas aberturas quadrangulares, de provável passagem de água (fig.54), cuja construção está a par com a sua continuidade em declive ou desnível, atrás assinalado.

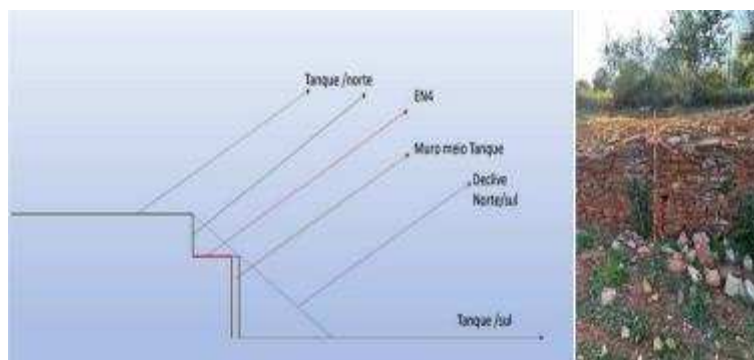


Figura 54. Tanque dos Mouros: muro a meio lado Sul, parte lateral, 2023.

Este muro conta com uma altitude maior, na ordem dos 1,20 metros de vestígios exteriores, a par com prováveis três a quatro metros em profundidade.

Nesse sentido, é necessário ressaltar que a deter o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros cinco metros de profundidade a norte, verifica-se que essa profundidade se encontra soterrada, porém a sul, verifica-se, pelo menos em certos locais, uns dois metros exteriores, deduzindo encontrar-se os restantes três metros soterrados.

Logo questiono: será que este possível declive poderá remeter ao propósito deste muro central, ter representado a separação efetiva dos cinco metros em profundidade atribuídos a cada lado?

Ou seja, ao considerarmos 5 metros de profundidade de cada lado do complexo-hidráulico, com a certeza, que o lado norte se encontra a um nível de terreno superior, não poderá ser esta, a certificação da construção ter sido idealizada propositadamente num declive? Logo, detendo uma profundidade menor a norte, mas superior exteriormente?

Por outro lado, remetendo ao interior sul (fig. 55), não se detetam vestígios de mármore ou oliveiras, que ao encontrar-se plana nos 45 metros de largura por 43 metros de comprimento, questiono:

Terá tido o lado norte, o propósito de transformação pétrea pelos vestígios encontrados, e o lado sul, por aí não se identificarem, remeter a possível cisterna? Até porque, é a sul, que se encontram os locais de suposta mecânica hidráulica, verificando-se a existência de vestígios circulares, que poderão remeter a pontos fulcrais de entrada e saída de água (fig.55).



Figura 55. Tanque dos Mouros-lado Sul, 2023.

Posto isto, foram sinalizados vestígios estruturais que remetem a sul, há existência de dez contrafortes, (fig.56-a), e de outros seis a dez contrafortes, na lateral virada para a povoação da Vila das Mártires (fig.56-b), que provavelmente se estenderia em maior número para norte.



Figura 56. Tanque dos Mouros Contrafortes: a) lateral sul; b) lateral Mártires, 2024.

Do que pôde ser verificado, relativamente aos contrafortes no lateral sul, certifica-se vestígios de aparelho pétreo romano, com demarcação da argamassa impermeabilizante *opus signinum*, encontrando-se a uma distância, uns dos outros, de 2,5 m de largura, com estrutura

pétrea bastante danificada, não apenas pelos dois mil anos que os separa da sua construção, mas pela inexistência de manutenção e preservação.

Os contrafortes comungam com dispersão de oliveiras, laranjeiras, tangerineiras e vestígios de mármore, espalhados e encontrando-se muito à superfície, sem que se perceba do que se poderá tratar e a que profundidade se encontram.

Verificando-se nesta área a criação de animais, talvez seja essa a resposta há necessidade de criar espaços de armazenamento, para os quais foi utilizada e colocada uma rede em arame e taipal em metal, sob certos pontos da estrutura hidráulica, os quais poderão remeter à localização, exata, da mecânica hidráulica do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig. 57).



Figura 57. Tanque dos Mouros, Contrafortes – lateral sul, 2023.

A possível localização da mecânica hidráulica, remete ao alinhamento dos contrafortes, onde na lateral sul, e na lateral para a Vila das Mártires, se encontram dois espaços, comuns a ambos os lados, que após a sequência, apenas, dos dez contrafortes, a sul, conta com 2,5 de altura e largura, porém em certos pontos por o aparelho pétreo já se encontrar muito danificado, fora-lhe acrescido a aplicação de tijolos (fig.57), com o propósito de servir a sua área de local de armazenamento, verificando-se, pouca ou nenhuma vigilância do que fora classificado como Sítio de Interesse Público.

Como referido anteriormente, este canto sul do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, remete a outra lateral (fig. 56-b), virada para o povoamento das Mártires, onde se encontram dois registos idênticos à possível localização da mecânica hidráulica, descrita em 1986, como “... tratar-se-ia de dois moinhos de eixo vertical com rodízio, acionados pela água que saía diretamente dos dois orifícios.” (CARDOSO *et al.*, 1986:138).

Visto se encontrarem localizados na zona mais larga, alta e espessa do aparelho hidráulico, estas características atribuem-lhe credibilidade ao nível da capacidade mecânica, onde deste lado da sua esquadria retangular, remete a seis espaços, mais ou menos, bem conservados, idênticos aos dez contrafortes anteriores, que se alongam a outros em pior estado, até ao efetivo e intencional corte da sua estrutura, neste caso, não pela construção da EN4, mas a poucos metros desta, de forma a permitir acesso ao interior sul, do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros (fig.58).



Figura 58. Corte estrutura lateral Sul Tanque dos Mouros, 2023.

6.5 As villae romanas no concelho de Estremoz: localização e perfil

Quando se “... fundava um aglomerado urbano, delimitava-se a área abrangida pela cidade e dividia-se o território envolvente em parcelas, que se distribuíam pelos habitantes. A este processo chamava-se a «centurição».” (MATOSO, 1993:268).

Partindo deste contexto, e na medida que este sítio arqueológico, poderá ter acrescido numa *urb*, torna-se pertinente assinalar o perfil já identificado dos povoamentos existentes na sua envolvente.

Estes seriam idênticos? Teriam a mesma especificidade económica? porque razão, o povoamento em estudo, não mereceu a mesma atenção, de forma a ser identificado o seu perfil, através de estudos arqueológicos?

Não acredito que seja pelo pouco que exista a ser estudado, porque definitivamente nunca o será, mas talvez pelo muito que teria de ser analisado, certificado, atribuído, ou *quicá*, alterado a algumas certezas, para que se pudesse avançar, sem medo, a uma possibilidade maior.

Desta forma, enquadrar estes povoamentos, ainda pertencentes ao concelho de Estremoz, ao povoamento em estudo, adstritos ao seu possível alongamento à *urb*, local onde se encontra localizada a cidade de Estremoz, torna-se importante. Posto isto, dever-se-á remeter ao linear

de tempo retratado, estes povoamentos das proximidades, na medida que poderiam ter dependido deste território a nível económico, social, político e cultural, como presentemente acontece, quando se ouve dizer nos aglomerados vizinhos: “*Vou à vila*”, aferindo a palavra Vila à cidade de Estremoz.

São Bento de Ana Loura

Após consulta no Portal do arqueólogo, o mesmo refere-se a uma localidade do distrito de Évora, concelho de Estremoz, freguesia de São Lourenço de Mamporcão e São Bento de Ana Loura, estando marcado neste portal, com o registo ou sítio n.º 32290: SESMARIA.

Esta área, encontra-se com vestígios de cerâmica de construção romana, identificados a nordeste da ribeira de Ana Loura, cujo acesso se faz através “...da estrada de terra batida que sai do IP2 até ao Monte das Sesmarias.” (processo 2002/1 (502)), concluindo tratar-se de uma *villae*.

Silveirona

Tem sido descrito e associado aos vestígios de uma necrópole, que remete à primeira metade do século VI d.C. (MACIAS, 2008:126); visigótica (PIMENTEL, 2023:54), antiguidade tardia, pela origem dos vestígios encontrados, que lhe apontam proveniência de arquitetura paleocristã, culminando numa *villae* de construção tardia (MACIEL, 1998:241); classificada em 1934 “... pelo Sr. Dr. Manuel Heleno, Director do Museu Etnológico, de cemitério visigodos, povo que dominou a Península hispânica desde 415 até 507, época em que decaiu o seu florescente império.” (CRESPO, 1987:10).

Da mesma forma, a existência de miliários (IRCP673-675) atribui-lhe elevada categoria, enquanto “... troço na zona entre Évora e Estremoz pertencerá à estrada *Olisipo-Emerita*.” (MANTAS, 2009:244).

Através deste registo, percebe-se, que terá sido na década de trinta, do século XX, que se terá despertado o interesse, ao encontro de prospeções e escavações arqueológicas.

Santa Vitória do Ameixial

Este foi o primeiro povoamento a ser estudado arqueologicamente, de forma sistemática, cujas estruturas apontam para a “... mais extensa escavação de uma *villa* romana em Portugal...”, numa altura, em que se atribuíam maior relevância ao espólio material encontrado

nas prospeções e escavações, como o caso de esculturas, mosaicos e ânforas (FABIÃO, 2020: 452), do que propriamente, ao local exato da sua proveniência.

As prospeções arqueológicas foram aqui realizadas, entre os anos de 1914 a 1916, indo ao encontro de mais de 3500 moedas e uma bula em ouro (CARNEIRO, 2013:83).

Estas são apenas algumas das características, que remetem ao seu perfil, tendo-lhe sido alocado o de *villae*, construída na antiguidade tardia, século IV d.C., onde se terá encontrado, inclusive, um pedestal em mármore, com a inscrição “*Bono Rep(ublicae) Natus (Nascido para o Bem da Republica)*” (MACIEL, 1998:241), ou existência de mosaicos “... além dos achados diversos de arte e cerâmica, moedas, sepulturas, restos de umbreiras de portas em mármore bem trabalhado, alicerces de casas, também têm aparecido construções sob o solo, escavando-o fundo e mesmo nas lavradas onde o ferro do arado tem perfurado abóbodas. Aí apareceu há anos próximos, um balneário romano cujo fundo estava ornado de desenhos muito perfeitos dando as direcções de Eolo em caracteres romanos, com o seu mosaico tão característico, lindo e brilhante, de cores tão vivas, como se fossem de acabado recente, que se encontram hoje no Museu Etnológico Dr. J. Leite de Vasconcelos, em Belém.” (CRESPO, 1987:9).

Geralmente, este tipo de vestígios remete a povoamentos, cujas características apontam para residências senhoriais, onde fontes e lagos, eram construídos com intuito de reaproveitar a água, não apenas para consumo e irrigação agrícola, mas também ao encontro de construção de termas (MATOSO, 1993:269-270), que no caso, ao deter mosaicos a revestir-lhe o chão afere-lhe o estatuto de ter sido uma das mais ricas *villae* do Alentejo (PIMENTEL, 2023:54), de equilibrado poder económico, permitindo o investimento em recursos hidráulicos, talvez e primeiramente, com a “... planificação do espaço que se molda através de terraços descobertos que desceriam o outeiro por degraus e que estariam decorados com plantas e alguns tanques, ou seja, um conjunto de patamares intermédios com tanques e jogos de água que criariam um efeito cénico extraordinariamente requintado, recorrendo a uma exuberante decoração, visível nos estuques pintados e nos frisos marmóreos.” (CARNEIRO, 2013:84).

Por outro lado, a existência de minas de chumbo (PIMENTEL, 2023:54), matéria-prima que também poderá ter sido extraída no período em estudo, ter-lhe-á demarcado especificidade, enquanto povoamento, talvez, muito antes da ocupação romana.

São Domingos de Ana Loura

Da mesma forma, e principalmente por ter sido o povoamento, que remete à possibilidade avançada neste trabalho académico, de Estremoz ter sido a *urb* do anticlinal de Estremoz, que a ter sido cercada por povoamentos romanos “... extensiva ao território da região de Estremoz

a sua residência demorada durante o seu império na península.” (CRESPO, 1987:9), levou a que tenha sido apontado a esta *villae*, os vestígios, que por um lado, remetem a ruínas de um tanque que “... se fosse posto a descoberto nos daria talvez demonstrações claras de uma piscina.” (CRESPO, 1987:9), e por outro, à identificação de uma necrópole pelos vestígios de sepulturas identificadas “Além de elementos relacionados com o espaço de habitação – canalizações em *opus signinum*, colunas e capitéis em mármore e numerosos materiais de superfície, existem dados que apontam para uma área de âmbito funerário e para uma zona de laboração, com abundantes escórias de minério de ferro.” (CARNEIRO, 2013:108).

Desta forma e após abordagem do perfil dos povoamentos existentes na área envolvente ao povoamento em estudo, a mesma revelou-se forte indicador de que estes locais terão sido erguidos, pela segurança, que a proximidade à *urb* representava, garantindo, assim, a sua permanência neste território.

Neste contexto, remeto possível localização da *urb* onde se encontra erguido o castelo de Estremoz, extensível ao Bairro de Santiago, encontrando-se a uma distância de quase 1400 metros do sítio arqueológico em estudo, que em boa parceria com a mecânica pétrea existente, se terá revelado, na minha opinião, no polo industrial e comercial do anticlinal de Estremoz, ainda por identificar.

6.6 Resultados e discussão dos trabalhos de observação

Após realização desta observação, posterior análise crítica aos resultados obtidos e sua posterior discussão, verificou-se o surgimento de outras “*peças*”, que se destacando no âmbito das possibilidades, encontram-se há espera da sua certificação de forma, de forma a poderem vir a ser acrescentadas a este memorável “*puzzle*” histórico e patrimonial, que certamente irá acrescentar outras certezas, ou, simplesmente, poderá desfazer as que já se julgavam certas.

Resultados da observação à área de estudo

Após prévio delineamento através do Google Maps e Earth, tornou-se fácil enquadrar a área de observação, priorizando a identificação de pontos referidos na bibliografia.

Desta forma, verificou-se que, efetivamente, o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, se revelou numa enorme estrutura hidráulica, de propósito de encaminhamento de água ao povoamento romano em estudo, através de aquedutos, canais e galerias subterrâneas.

Um desses aquedutos remete, diretamente, ao centro da Vila das Mártires, encontrando-se localizada a sua entrada de acesso interior ao mesmo, junto ao muro da Quinta da Berlica, onde

aí se prolonga a nível exterior, remetendo a duas fontes, cujo alinhamento as une em linha reta, concluindo que, provavelmente essa horizontalidade de recurso de água, se vá unir a nível subterrâneo ao encontro de um espaço maior de retenção e extensão de curso de água, como no caso do lago a maior distanciamento.

Na área sul adstrita ao local de estudo, verificou-se a existência de entradas de galerias, que tal como a encontrada no Alandroal, perto do templo do Deus *Endovélico*, ressurge-nos aqui com a mesma estrutura, logo garante que independentemente do distanciamento existente entre umas e outras, todas seguiam idêntica estrutura de construção, adaptada à geologia territorial.

Posto isto e atendendo às hipóteses aqui levantadas, tudo remete a que este grandioso complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, se tivesse construído com o propósito de deter mais do que uma finalidade de encaminhamento de água, tornando-o garante de funcionamento hidráulico, que para o qual, mais uma vez apelo, para que as hipóteses, também neste estudo avançadas, possam vir a ser certificadas pela arqueologia, na medida que fora, igualmente, aqui identificado, um canal que remete a regadio dos campos agrícolas.

Deste modo, para além de ter tido propósito de encaminhamento de água ao povoamento, ainda sem perfil identificado, o mesmo estende-se a sul, tendo sido realizada observação a maior distanciamento, quase 1000 metros S, questionando se o aqueduto proveniente do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros extensivo à Quinta da Berlica terá remetido a:

- encaminhamento de água de aparate;
- possível utilidade termal;
- momentos de lazer considerando o encadeamento das fontes na direção a um lago maior;
- regadio;
- encaminhando a água a poços e tanques;
- todas as possibilidades descritas.

Estas suposições encontram-se inteiramente ligadas à capacidade mecânica, certificando, talvez por isso, a sua construção poder elevar-se a um propósito maior.

De facto, ao analisar os vestígios da estrutura hidráulica, a norte da EN4, a maior altitude do que a sul, os mesmos poderão apontar a:

1. construção ter sido realizada, propositadamente, num declive, permitindo maior fluidez de água no seu abastecimento, proveniente de norte, Convento de Santo António dos Capuchos e Baluarte de Santa Bárbara;
2. água ao decair em declive, possibilitaria maior facilidade de colocação pétrea no seu interior, de forma a passar pelo processo de transformação;

3. a norte a visibilidade à superfície de vestígios de mármore, uns maiores que outros, remete à possibilidade dos que se encontram do lado exterior do complexo-hidráulico, assinalarem o local de armazenamento, de trabalhos de cantaria e onde o comércio desta matéria-prima se realizaria;
4. vestígios pétreos existentes no interior do complexo-hidráulico, a norte, poderão aferir a estruturas construídas, propositadamente, no seu interior, remetendo por isso a outras utilidades hidráulicas, que continuam a aguardar por trabalhos de prospeção e escavação arqueológica;
5. não menos importante, o lado norte do complexo hidráulico Tanque dos Mouros, encontra-se a pouca distancia da que tem sido apontada, como principal local de extração pétrea em Estremoz: pedreira da Cerca de Santo António dos Capuchos;
6. vestígios dos contrafortes apontam retenção de água na ordem dos 20 000m³, permitindo sustentar a fluidez de água, que sem se querer estanque, preenchia e enchia recursos de encaminhamento de água para propósitos definidos: regadio, abastecimento, consumo, lazer, transformação pétrea, distanciamentos maiores de encaminhamento de água;
7. “*coração*” ou motor desta gigante máquina hidráulica, encontra-se por toda a mecânica da estrutura retangular que, através de aquedutos, daria acesso a que a água prosseguisse subterraneamente, através de galerias que abasteciam poços, tanques, enchendo lagos, fontes, podendo, inclusive, ter tido um alcance mais alongado, até há própria *urb*, a 1400 metros de distância, assim como também aos povoamentos cercanos, a NO: São Domingos de Ana Loura, Silveirona, ou Santa Vitória do Ameixial;
8. a realidade descrita poderia ter representado a segurança, suficiente, para os que aqui se quisessem fixar, onde somente a presença dos *pagi*, representaria o garante de fluidez comercial, logo diferenciamento territorial;
9. passagem da *via XII*, e local de culto à Deusa *Cíbele*, vão ao encontro da imaterialidade, onde, presentemente, estradas fazem as mesmas ligações que a *via XII* terá feito; ou as festas à Nossa Senhora das Mártires, ainda se realizarem, exatamente, na mesma altura do ano e local, onde se celebravam as festas à Deusa *Cíbele*;
10. o culto a *Cíbele*, remete também há sua veneração por parte das legiões romanas, não se tornando descabido, encontrar-se este local, rodeado por povoamentos pelos que aqui quisessem permanecer ou fixar, em segurança, mantendo-se, presentemente, um ato comercial intocável, não apenas adstrito a esta matéria-prima, que diferenciou este local para sempre, mas tornando-o, igualmente, o garante comercial de outros locais, a esta região;

11. estrada secundária que faria ligação, na minha opinião, entre a *urb* e o povoamento romano, hoje cortada pela EN4, que a norte, se encontra quase “*paredes meias*” com a estrutura hidráulica, que a se alongar para norte, permitiria *quiçá*, fazer a ponte entre o povoamento romano e a *urb*, que acredito ter-se localizado, onde se encontra o castelo de Estremoz e Bairro de Santiago, tendo representado, todo este contexto, o local ainda por localizar do anticlinal de Estremoz: Polo Industrial e Comercial.

Discussão dos resultados obtidos na observação à área de estudo

O processo de investigação, levou ao delineamento da suposta ligação entre o anticlinal de Estremoz, espólio arqueológico romano existente na Vila das Mártires, cercanias e possível *urb*.

Ao ter sido realizada, considerando estes critérios, verificou-se efetivamente, ter sido este o local, que poderá ter permitido o desenvolvimento industrial e comercial desta matéria-prima, paralelamente ao seu desenvolvimento territorial durante a permanência romana na Iberia.

Na medida que os dados desta observação, clarificaram uns fazendo com que nos deparemos com outros, na sua união remetem a um propósito maior, que terá originado a construção desta enorme máquina hidráulica, não apenas de encaminhamento de água aos povoamentos cercanos e possível *urb*, como igualmente e principalmente, terá representado o garante no processo de transformação pétrea.

Posto isto, este território distinguiu-se exatamente por corresponder a todas essas valências, através do contexto geológico e geográfico de que é detentor, na medida que não se pode, de forma alguma, descontextualizar a passagem do aquífero Estremoz-Cano no seu subsolo, ao garante primordial do seu abastecimento e encaminhamento de água, provavelmente, a grandes distâncias.

Na verdade, à área de observação poderia ter acrescido o lado norte da EN4, mas remeti-me apenas a sul, porém não poderei deixar de referir, que ao existir um distanciamento de quase 1000 metros a sul da estrutura hidráulica, poderemos apontar a possibilidade, a norte, aos 1400 metros que o separam do planalto, onde se encontra o castelo de Estremoz, podendo vir a ter outra ramificação hidráulica de encaminhamento de água, que aguarda certificação por futuros estudos arqueológicos e geológicos.

Por outro lado, na medida que o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, se encontra localizado numa estrutura geológica e geográfica única, conseguindo, por isso, corresponder a maior prolongamento de encaminhamento e circulação de água, a sul do povoamento da Vila

das Mártires, através de galerias, canal e aqueduto identificado, acredito que paralelamente a este existirão outros, por isso deixo aqui o apelo, à realização de trabalhos arqueológicos de forma a identificar e remeter outras possibilidades hidráulicas, para além de poços, tanques, galerias e aquedutos.

A norte da estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, deparamo-nos com outra realidade, onde ao não se encontrar vestígios de contrafortes; certifica a intencionalidade de construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros em declive, na medida que o próprio terreno susteria a corrente de água, talvez a profundidade maior, logo a intencionalidade da água correr de norte para sul para o interior do Tanque dos Mouros, e num intermeio em cascata, aferindo à existência do muro, a meio da estrutura, que poderá remeter à possibilidade da existência de duas partes, numa única estrutura, de propósitos diferentes: transformação pétrea a norte e cisterna a sul?

Outro dado, não menos importante, é a norte e no interior da estrutura hidráulica, ter-se identificado maior número de vestígios de mármore, não se percebendo, como atrás já referido, se poderá tratar-se apenas de lixo pétreo ou acrescer a uma outra estrutura erguida no interior do complexo-hidráulico, porém acredito, ter sido neste local, onde se introduziam blocos pétreos ao encontro do processo de transformação.

Poderemos sempre remeter-lhe outras utilidades, até porque se a permanência romana terá representado sete séculos de tempo neste território, na verdade outros lhe precederam, logo terão contribuído para a probabilidade da continuidade ou outras utilidades hidráulicas.

Na verdade, assim como a rede viária se fez à superfície do solo, acredito piamente que uma rede de circulação de água interna, através de aquedutos, canais e galerias subterrâneas tenha sido milimetricamente desenhada ou projetada pelo concelho de Estremoz, encontrando-se o “*coração*” da sua mecânica, no sítio arqueológico em estudo.

Não menos importante, é o estado precário em que se encontram estes vestígios, na medida que, ao deparar-me com realidades arqueológicas similares, talvez desprovidas de certificação, evidenciam primor, cuidado, gosto, brio e respeito pelo Património, que neste caso de estudo, infelizmente, não se verifica, remetendo a Francisca Hernández, que de forma assertiva afirma que “*Sabemos que la humanidad siempre há tratado de expresar sus sentimientos y aspiraciones através de los monumentos y obras de arte que, com el tiempo, se han convertido en un auténtico patrimonio cultural que hábia que proteger y conservar para salvaguardar la memoria colectiva de los pueblos.*” (HERNÁNDEZ, 2022:2).

Considerando a abordagem de Francisca Hernández, fui ao encontro das ruínas de possível fortificação muçulmana, localizadas no Castelo de Montemor-o-Novo (fig. 59), onde encontrei zelo em fazer perdurar memórias identitárias deste território.

Imaginei, de imediato, a possibilidade do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros vir a enquadrar-se, nessa mesma preocupação, em preservar, manter, divulgar e valorizar o que lhe resta.

Este sítio arqueológico, situado em Montemor-o-Novo, encontra-se protegido por um conjunto de estruturas, que permitiram ir ao encontro de sua explícita manutenção de forma a preservar as ruínas existentes, assegurando um espaço limpo, vedado, calcetado, onde em certos pontos fora aplicada gravilha, encontrando-se, igualmente, com acessos bem identificados, e informação a remeter ao ano e história.



Figura 59. Montemor-o-Novo, ruínas junto ao Castelo, 2023.

Este exemplo de estruturas ao nível da manutenção e preservação, que aqui vos trago, a ser aplicada no complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, poderá permitir *posterior* divulgação, agarrada ao conhecimento histórico e arqueológico deste local, permitindo ir ao encontro de novas questões e, certamente, de muitas respostas que daí possam surgir.

Não creio que a aplicação desta realidade seja muito dispendiosa, na medida que a nível de retorno acresceria em valor patrimonial, tornando possível a sequente manutenção, preservação, divulgação e integração da forma merecida no património histórico e arqueológico de Estremoz, património esse que formou esta localidade, desde sempre.

Não me parece que instituições competentes, que gerem o Património Distrital desta zona do Alentejo, desconheçam a existência do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, por isso questiono:

Serão as despesas a remeter ao nível da manutenção, preservação e divulgação, tão elevadas, que não permitam elaborar um projeto, como o de Montemor-o-Novo, neste local?

Permitindo a manutenção, logo continuada preservação dos seus vestígios, elevando-o à sua divulgação, devolvendo-lhe dignidade, porque classificação, essa já detém desde 2012?

Concluindo e considerando possíveis certezas, que revertidas em estudos arqueológicos, muito lhe poderão acrescentar, assim como também à cidade de Estremoz, entendo, porém, que no caso, a desconsideração patrimonial é explícita e intencional, logo da responsabilidade de todos, que a saber da sua existência, nada têm feito, de forma a reverter esta realidade “... *si pretendemos descubrir el valor que dicho patrimonio posee en nuestros días, habrá que conocer mejor cómo se fue originando a lo largo de la historia.*” (HÉRNANDEZ, 2022:2).

Esta atitude revela total permissão ao encontro de um apagão intencional da História local, da Iberia, do conhecimento, logo da Humanidade.

A questão que fica é a mesma: Porquê?

7. Proposta de Manutenção, Divulgação, Valorização e Salvaguarda

A salvaguarda com divulgação trás sempre, maior valorização a determinado território, seja qual for, maior, menor, de maior ou menor valor.

Algo o diferencia de outros e, por isso, deverá ser remetido ao local onde está construído, na medida que desenquadrados da sua origem, é retirar-lhes todo o valor cultural que detém.

É impressionante perceber, que a este espólio arqueológico, mesmo após a sua classificação de sítio de interesse público em 2012, não tem merecido por parte das entidades competentes, a dignidade que já lhe foi reconhecida, remetendo, ao desabafo, de Sousa Viterbo: “É com profunda saudade que vejo desaparecer pouco a pouco os vestígios da nossa antiga actividade, da nossa indústria caseira. A machina vai triturando tudo no seu movimento vertiginoso, sem que a mão piedosa se lembre de apanhar esses restos, humildes, mas gloriosos, depositando-os depois em sítio, onde possam ser cuidadosamente estudados e onde a curiosidade lhes preste o merecido culto.” (VITERBO, 1896:193).

Sabendo-nos, cada vez mais um país, onde a taxa de turismo nacional e internacional, tem acrescido ao encontro da história e arqueologia, através de “... rotas culturais associadas à identidade patrimonial de uma região” (MARUJO *et al.*, 2021:301), é estranho o explícito descarte nessa direção, até porque Estremoz detém vasta carga arqueológica, histórica, de amplo Património, advindo de todos os lineares de tempo e que, no caso, esses mesmos registos remetem a “... um Património Natural e Cultural (onde se encontram inseridos os sítios arqueológicos), esteja intimamente ligado ao território e às atividades socioeconómicas da localidade.” (MARECO, 2006:13).

A abordagem referida por Patrícia Mareco, expõe exatamente a realidade em estudo, na medida que toda a estrutura arqueológica em tudo afere à atividade sócio económica que desde sempre a diferenciou.

Da mesma forma, e paralelamente à massa turística, que procura outras valências, para além de museus ou monumentos, deparamo-nos, neste local, com a procura direcionada a um turismo industrial, neste caso indústria pétrea, não apenas ao nível da extração, mas igualmente ao de transformação e produção.

Na possibilidade, de vir a ser certificado o valor adstrito à transformação pétrea em época romana, direcionado ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, ao suposto polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, que vos trago com este estudo académico, é importante reparar, que todo este contexto poderá reverter, não apenas em valor local, como direcionado a um conhecimento maior do que foi possível erguer, através da permanência romana neste

território, “... *the cultural dimension of the anticlinal of Estremoz and the tourism related with the marble industry.*” (SOARES *et al.*, 2020:242).

Através do artigo “A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz (Portugal): Contributos”, o mesmo direciona-se à carga histórica que o anticlinal de Estremoz acarreta, remetendo-a a esse turismo, ansioso, por conhecer e principalmente perceber o enquadramento temporal, que tudo une e explica, onde “O aproveitamento turístico deste património não só é desejável como é um dever segundo a lei que prevê a salvaguarda dos elementos de identidade e de herança das comunidades, sendo por isso a reabilitação e revitalização patrimonial actividades cada vez mais especializadas e de elevados custos financeiros.” (HIPÓLITO *et al.*, 2014:587).

Percebe-se, assim, que a ser identificado qualquer espólio, que possa acrescentar identidade a um território, através das especificidades temporais que lhe remetam, e na medida que, o descrito, remete à lei que a salvaguarda, coloco as seguintes questões:

1. o que poderá estar a impedir a aplicação desta lei no sítio arqueológico em estudo?
2. qual a razão do completo desinteresse ao encontro da sua divulgação e valorização?
3. Porque razão, não fora dada credibilidade ao artigo 22.º “vestígios Arqueológicos”, constante no capítulo II – proteção da paisagem e recursos naturais, proveniente da Resolução do Conselho de Ministros n.º 122/95 (*in* Diário da República n.º 254 – I Série B, de 03/11/1995)?

Se em 1995 a lei protegia vestígios arqueológicos, sem serem classificados, como é que se ignora a proteção deste local de estudo, que obteve a sua classificação em 2012? Sem querer opinar em razões que desconheço, e não querendo ultrapassar a relevância que esta abordagem poderá e deverá representar, apresento possível valorização local, que a ser colocada em prática, poder-lhe-á acrescentar valor, até porque, os custos poderão se colmatar através da participação empresarial, muita direccionada à extração pétrea e outra, que pela sua localização, afere crescimento, por exemplo a vinícola.

Da mesma forma, torna-se necessário enquadrar a cultura material e imaterial deste local, pois nesse alinhamento muito lhe poderá ser alocado, acrescentado, retirado e encontrado, logo, desconsiderar estes pontos, é partir ao encontro de uma conclusão inglória, até porque “Aliada à definição de Património encontramos o conceito de memória. Por sua vez, a memória conduz-nos aos conceitos de guardar/conservar/preservar ou rasgar/romper/ destruir porque temos a capacidade de eleger o que nos é importante do que não nos interessa.” (MARECO, 2006:20).

Após esta abordagem, depreende-se que um estudo histórico, arqueológico ou geológico, a ser aqui realizado, através da aplicabilidade de um método científico direccionado para este contexto, poderá extrair leituras da materialidade espaço/temporal, até porque é a interação

humana na materialidade do seu linear de tempo, que define a sua cultura, tornando-os registos materiais, que nada mais são do que a base identitária de uma sociedade, nas suas vertentes política, social, religiosa, económica e territorial.

Posto isto, num sítio arqueológico detentor de registos materiais, como é o caso, a ser estudado e analisado, tornar-se-á num marcador temporal, podendo à *posteriori* contextualizar determinada cultura, num específico período de tempo.

A título de exemplo, o estudo do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, considerando a permanência romana no linear de tempo escolhido, para este estudo, muito poderá certamente acrescentar à história, não apenas local, mas também distrital e mesmo peninsular, na medida que quer geólogos, arqueólogos e historiadores lhe têm remetido várias suposições e já algumas certezas, ao pouco estudado da materialidade aí existente.

É precisamente essa materialidade, que a ser preservada poderá permitir alocar vestígios ao encontro do: tipo de construção, materiais utilizados, tecnologia hidráulica, que se crê ser de força motriz, presença de aquedutos, canais, galerias, poços, tanques ou mosaicos, chegando, depois, ao perfil identitário do povoamento e relações de poder, de caris económico e social, extravasado ao culto que agarra o misticismo advindo da própria imaterialidade.

Contudo se suposta materialidade, que se retira de um copo de cerâmica, poderá associar-se a determinada cronologia, civilização ou matéria-prima, certeza nos dá, que este local, ainda poderá acrescentar muito à história.

Tânia Lima faz uma abordagem clara e concisa, a todo o progresso tecnológico de que a Arqueologia já vai dispondo, nada comparado ao tempo onde a sua carência aferia a resultados de maior morosidade e probabilidade de erro, focando de igual forma a questão da quantidade e qualidade do material extraído.

Na medida que tempos existiram, que o destaque atribuído a uma moeda, ou ânfora, era de maior importância, do que propriamente à envolvência de onde tinham sido encontrados, a "... cultura material não tem significados inerentes, os artefactos não falam por si mesmos. São os arqueólogos que lhes conferem significados. Assim, não há "reconstruções", mas construções do passado, fortemente influenciadas por agendas políticas contemporâneas."(LIMA, 2011:19).

Na segunda metade do século XX, a arqueologia é reconhecida, pelo valor que acresce à ciência, em boa parceria com o progresso tecnológico já referido, e na utilização de um método científico, que extrai com consistência, que no caso da observação realizada, a terem-se aplicado essas novas tecnologias de maior precisão, como o LIDAR, as mesmas reverteriam, provavelmente, em novas certezas, delineamentos, questões e respostas ou novas perguntas.

Posto isto, a capacidade de caracterizar determinado sítio arqueológico, adstrito à sua cultura material, através da aplicabilidade tecnológica referida, conseguir-se-á ir ao encontro de realidades vivenciadas, de forma bem fundamentada, acrescentando, por sua vez, mais à história e por sequência ao património.

Deveriam instituições aferidas à proteção patrimonial, assim como entidades camarárias, concelhias ou a nível distrital, mover-se ao encontro da aquisição tecnológica direcionada a uma pesquisa árdua e independente do existente no Património Nacional, neste caso territorial.

Para se poder estar ao nível da arqueologia europeia, que se move na busca do que a formou e caracterizou, reencontrando paralelismos aos existentes a nível nacional, ainda por mais num linear de tempo comum em termos Ibéricos, essa boa parceria, poderia alinhar-se a uma mesma mecânica de trabalho e valências, ao encontro de respostas e ao tanto que poderá ser realizado por parte da arqueologia em território português, e no caso Ibérico.

Posto isto, que se movam vontades, agarradas à tecnologia imperiosa, que tudo consegue, assim o queiram.

7.1 Problemática patrimonial

O espólio arqueológico do complexo-hidráulico Tanque do Mouros, encontra-se bastante degradado, logo a ser dada continuidade a esta despreocupação explícita, ao muito que ainda se poderá intervir, com intuito de atenuar esta realidade, fará com que pouco, ou nada, reste num futuro próximo.

O complexo-hidráulico Tanque do Mouros, nos anos sessenta do século XX, foi cortado a meio devido à construção da Estrada Nacional Lisboa/Elvas (EN4), onde a maior parte dos registos arqueológicos, visíveis encontram-se a poucos metros da Vila das Mártires demarcando o que poderá ainda fazer parte do seu possível funcionamento.

Se a exploração marmórea representava, no linear de tempo em estudo, uma das maiores fontes de receita, não apenas para o império, como a nível particular, que ao seu redor se foram fixando, através da construção de *villae* extraíndo, também, esta matéria-prima, percebe-se o quanto importante terá sido o povoamento em estudo, pois ao deter na proximidade esta dantesca estrutura hidráulica, de possível transformação pétrea e encaminhamento de água, terá permitido desenvolver-se e manter-se, a par com essa atividade comercial coesa de extração, receção, transformação, e posterior exportação pétrea.

Apesar de lhe ter sido atribuída, a classificação de Sítio de Interesse Público em 2012, na verdade, e através do elevado estado de degradação em que se encontra, verifica-se que muito pouco, ou mesmo nada, terá sido feito de forma a dar jus à mesma.

Estes locais ao serem identificados, independentemente do interesse público que possam vir a despertar, ficam demarcadas pelo seu valor Patrimonial, devendo ser, no meu entender, as instituições camarárias a tomarem a iniciativa, em prol da sua salvaguarda, através da realização de inspeções periódicas, garantindo manutenção e preservação ao existente, para que não sejamos, constantemente alertados, pelos meios de comunicação social ou redes sociais, da destruição, muitas vezes, massiva e irresponsável de locais milenares.

Detentores que somos de um Património riquíssimo independentemente dos incentivos que o estado possa, ou não, atribuir, torna-se essencial o interesse das entidades competentes, na sua identificação, reportando estados de conservação e preservação, demonstrando que alertas existem e a existir é prova de que muito ainda poderá ser feito, em tempo útil.

Atitudes de omissão ou indiferença, como esta, de continuada ignorância para com situações identificadas neste estudo, é ser conivente, na demarcação negativa por vezes, para sempre.

Este local, como tantos outros, merecem reconhecimento, talvez não como o princípio do todo, mas como continuação do pouco que, provavelmente, já existiria antes do império romano ter iniciado a extração e produção pétrea no local.

Muito do turismo, dito cultural, procura estes sítios arqueológicos, acabando por lhes atribuírem homogeneidade, servindo, muitas das vezes, de alerta à sua importância através da divulgação e posterior valorização.

Dar maior ênfase a uns sítios do que a outros, é desmembrar contextos territoriais e históricos, únicos, onde muitos só funcionam em paralelo, como é o caso.

7.2 Integração do Complexo Hidráulico do Tanque dos Mouros e Povoamento no Património Histórico e Arqueológico de Estremoz

Uma das formas encontradas para perceber, até que ponto, este sítio arqueológico poderá vir a ser enquadrado na preferência ou referência turística local, nacional e porque não internacional, adstrita ao património de Estremoz, é através da elaboração da análise SWOT-Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats.

Agarrar o passado, é perceber, como se lida com ele no presente, neste caso, através da manutenção, divulgação e valorização, identificando pontos comuns que se possam encaixar,

logo o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, poderão acrescentar valor Patrimonial, Cultural e Histórico a Estremoz.

Esta abordagem basear-se-á numa reflexão real que a ser vivenciada, permitirá focar este local em estudo, entendendo-o e estendendo-o, de forma simples e breve, aos seus espaços históricos e museológicos.

A intensão de alinhar estes locais possibilitará a criação de uma rede de informação histórica e de marketing comum, onde serão identificadas fragilidades ao nível da divulgação e deficiente valorização, de forma a que quem queira visitar o faça, e que presentemente não o faz por falta de conhecimento tornando, por isso, este objetivo maior no propósito de colmatar essa deficiência.

Uma boa carta de visita, bem mapeada e elaborada seguindo critérios históricos, será sempre mais valia para quem chega e queira retornar. Espelhar o que somos nos pequenos e grandes pormenores de âmbito cultural e histórico, acabará por marcar viagens e momentos inesquecíveis.

A luminosidade deve existir na coexistência de quem recebe, para que nada na história de determinado local seja imiscuído, mas sim, considerado e valorizado, porque nada pode ser descontextualizado no tempo, a ser viveríamos numa ilusão.

Estarmos perante a cidade de Estremoz, detentora que é de grande potencialidade turística, na vertente arqueológica, histórica, gastronómica ou industrial, torna-se por si só, urgente despertar com sensibilidade e racionalidade, para este espólio arqueológico, atribuindo-lhe, primeiro notoriedade, através de elaborado plano de limpeza, identificação e criação de acessos, para que o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, possa ser integrado no cardápio turístico de Estremoz.

Análise Swot

Uma das razões de ser aplicada a análise *swot*, neste estudo, é que os indicadores escolhidos, poderão assinalar condições para que quer o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, como os vestígios que ainda possam identificar este povoamento romano, possam ser divulgados, de forma a tornarem-se outros pontos de visita até porque, estamos perante um sítio arqueológico com mais de 2000 anos de história.

Na medida que o anticlinal de Estremoz se encontra agregado a todo este contexto, é importante desmistificar e clarificar pontos soltos no tempo, despertando o interesse de investigadores e arqueólogos nacionais e internacionais, restituindo-lhe o que é seu por direito.

Por outro lado, a criação de uma rede de divulgação comum, de espaços arqueológicos, históricos e museológicos de Estremoz, neste caso poder-se-ia estender ao nível do anticlinal de Estremoz, tornando-se objetivo primordial ao encontro da sua valorização, aplicando e não esquecendo, igualmente, a Pedra da Ronca, a Anta, localizada junto à Igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Estremoz.

De forma a enquadrar a sua inclusão nos mapas da cidade, com devido esclarecimento histórico, revelar-se-á na extraordinária carta de visita, até mesmo ao nível virtual, que através das redes sociais, ou em formato papel, entregue nos pontos turísticos, instituições hoteleiras ou empresariais de Estremoz poderão, de igual forma, destacar este local nos seus sites institucionais, pois na verdade quer o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, como outrora o povoamento romano, poderão contribuir na rentabilização de recursos naturais aí existentes.

Após esta abordagem, subentende-se que por um lado, este local poderá ganhar visibilidade territorial e museológica e por outro poderá fazer toda a diferença ao nível do ensino, acrescentando ao nível de ações pedagógicas adstritas ao linear de tempo em estudo, entrelaçando-o a outros.

Posto isto, torna-se importante dar a conhecer o que terá levado há construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano neste local específico, interligando-os à extração de pedra mármore e alinhamento às *vias* construídas.

Assim, torna-se perentório afirmar que o Património Histórico Arqueológico e Museológico de Estremoz, deveria estar integrado numa sinergia refletida em rede de divulgação, comum, criando um sistema uniforme de identificação e localização a par com outros locais, mesmo a nível Ibérico.

Muito trabalho ainda está por fazer, para que se possa encaixar todos os lineares de tempo desta cidade, que se quer única por tudo o que foi, é e continuará a ser. Incentivar novas gerações à importância da manutenção, conservação, valorização e divulgação destes sítios, é mediar o caminho, que se quer comum, para que todo este legado seja destacado e não apenas parte dele.

A contextualidade intemporal que vos deixo, apela a objetivos delineados com finalidade, acérrima, de devolver reconhecimento ao pilar do desenvolvimento local, integrando-o como uma das maiores referências da permanência de Roma na Iberia, isto porque, ao ver-lhe ser acrescentado valor, enobrecerá a arqueologia industrial, que neste contexto, é paralela ao nível da exploração, extração, transformação e comercialização do mármore, logo desenvolvimento económico, *quiçá*, poder-se-á ter tornado, num dos maiores polos comerciais e industriais e *urb*, *qui ça* da Iberia, que aguarda há quase dois milénios de tempo pela sua certificação.

Sinceramente, creio que já é o Tempo, na medida que as oportunidades se encontram nos pequenos detalhes, dos maiores feitos, como proferido por Francisco de Holanda “... aprenda a fazer muito pouco e muito bem, e quando cumprir fazer muito e muito compartimentadamente, o fogir do feo e sem graça, o buscar nos mores descuidos por que os outros passam levemente, escolhendo sempre o mais pouco, e melhor, entre o melhor, e o despejado e os espaços, fora dos entricamentos da confusão e da mão eleger ...” (SERRÃO, 2009:20).

Análise Swot – Estremoz

ESTREMOZ PONTOS FORTES		ESTREMOZ PONTOS FRACOS	
Monumentos	****	Sinalização	**
Hotelaria	****	Espaços Verdes	**
Museus	****	Museus, Monumentos: funcionalidade	**
Gastronomia	****	Rede Divulgação Turística	*
Mercado	****	Estado Monumentos	**
Apoio Turístico	**	Divulgação Patrimonial	**
ESTREMOZ OPORTUNIDADES		ESTREMOZ AMEAÇAS	
Relevância Histórica Exposições Rotas Históricas Concertos Rede Turística		Degradação Monumentos Históricos	**
		Promoção e Marketing	**
		Acessibilidade	**
		“Esquecimento” elemento histórico	*
		Estado Monumentos	**

*/Mau- **/Suficiente- ***/Bom - ****/Muito Bom

Tabela 3. Análise Swot. Estremoz

Pontos Fortes: verifica-se existência de monumentos megalíticos, medievos, modernistas, contemporâneos; detém suporte hoteleiro direcionado a todos os tipos de turismo; a par com a sazonalidade, na medida que é destino nacional e internacional durante todo o ano; restauração prima pela qualidade da gastronomia regional; apoio turístico ligeiramente inferior, necessita de maior assertividade na divulgação do imenso Património de que Estremoz é detentor.

Pontos Fracos: sinalização dos locais históricos, arqueológicos e museológicos é escasso; espaços verdes circundantes, aos principais monumentos, com falta de manutenção (erva, silvas

e picos); funcionalidade museológica em estado embrionário às novas tecnologias; alguns monumentos com descuido ao edificado, como por exemplo na Igreja de São Francisco, encontram-se encostadas a painéis de azulejos cadeiras de plástico, assim como também a pouca luminosidade em horas sem ser de culto; torre das couraças, de arquitectura militar, encontra-se em degrado estado de preservação.

Oportunidades: imagináveis, saibam ser integradas e contextualizadas. Preservar, divulgar e valorizar o Património de que Estremoz é detentor é dar-lhe vida.

Fazer pouco e bem, é cuidar com esmero e foco ao encontro do alinhamento do Todo, transmitindo relevância histórica e arqueológica a Estremoz, através de exposições, congressos, feiras, palestras, trazendo muitos à cidade que D. Dinis escolheu para viver, através de concertos em noites de verão, na certeza que eternizarão momentos em monumentos; rotas históricas de fórum religioso por conventos; percursos arqueológicos através de cantos e recantos da cidade e cercanias, criando, assim, a sinergia inquebrável do espaço e tempo, integrando o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano.

Resumindo a criação de uma rede de divulgação dos diversos locais, tornar-se-á, *qui ça*, a forma imprescindível de dar a conhecer e, ao querer-se saber mais, com certeza que sempre se regressará.

Ameaças: degradação dos monumentos, alinhada há deficiente manutenção, preservação, identificação e promoção, originando o “esquecimento”, dos muitos acontecimentos históricos que aqui decorreram.

Após esta abordagem, constata-se que sendo Estremoz, detentor deste vasto património histórico, arqueológico e museológico, logo preservar, divulgar e valorizar é prioritário. Na medida que presentemente, o garante económico de Portugal advém de um turismo nacional e internacional, extensivo ao território alentejano, torna-se importante trabalhar o “*bem receber*”.

É reconhecida a riqueza histórica de conventos, igrejas ou ermidas, talvez, algumas de temporalidade para lá da constituição de Portugal, pois por aqui passaram fenícios, cartagineses, celtas, visigodos, romanos, mouros; ocorreram batalhas, guerras, festas, folias, milagres, reis, rainhas, princesas, príncipes, templários, ordem de cristo, inquisição, judeus e rosas.

Trabalhar a temporalidade de forma criteriosa, a tudo o que esta cidade Branca do Alentejo detém, é mapear locais únicos, contudo é necessário que a sua envolvência, seja indicadora de cuidado, preocupação na preservação, como verificado no exemplo de Montemor-o-Novo que vos trago, detetando-se cuidado, cuidado esse que se torna sempre num dos grandes pormenores que poderá espelhar ou não determinado património.

Pois sendo Estremoz, tantas vezes descrita como a cidade branca do Alentejo, é necessário que canteiros de flores substituam silvas, ervas e picos, que a Pedra da Ronca continue a ser a Anta da Nossa Senhora da Conceição dos Olivais, que a Ermida de São Lázaro possa ser abrigo de maravilhosos nascer e pôr do sol, e que este complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, e seu povoamento romano possam fazer parte integrante do percurso de muitos ou tantos dos que por aqui possam passar e se deixar ficar, em réstias de pó encaminhados por água.

Análise Swot – Complexo-Hidráulico Tanque dos Mouros

COMPLEXO HIDRÁULICO TANQUE DOS MOUROS - PONTOS FORTES		COMPLEXO HIDRÁULICO TANQUE DOS MOUROS - PONTOS FRACOS	
Proveniência Romana	****	Estrada Nacional 4	*
Complexo-Hidráulico	****	Estado de Conservação	*
Aqueduto	****	Acesso	**
Proximidade das Pedreiras	****	Limpeza	*
Próximo Igreja das Mártires	****	Sinalização	*
COMPLEXO HIDRÁULICO TANQUE DOS MOUROS – OPORTUNIDADES		COMPLEXO HIDRÁULICO TANQUE DOS MOUROS – AMEAÇAS	
Passadiço	****	Degradação patrimonial	*
História	****	Esvaziamento populacional	**
Novas Rotas	****	Envelhecimento estrutural	**
Estudos arqueológicos	****	Destruição	*
Conhecimento Histórico	****	“Esquecimento” testemunho histórico	**

*/Mau - **/Suficiente- ***/Bom - ****/Muito Bom

Tabela 4. Análise Swot. Complexo Hidráulico Tanque dos Mouros

Pontos Fortes: na possibilidade deste complexo-hidráulico ser de origem romana, poderá torna-lo preterido a determinado foco turístico. Por outro lado, e segundo Cardoso, Mascarenhas e Quintela, ao ser o maior tanque romano construído em Portugal, e estar relacionado com a extração pétrea, aqueduto, poços, galerias subterrâneas e tanques, torna-se o fio condutor que justificou a sua construção neste preciso local.

Pontos Fracos: a proximidade à EN4 torna vulnerável o seu acesso, da mesma forma a inexistência de sinalética da sua localização torna-o, apenas, conhecido pela população local; o seu estado de conservação é precário, visualizando-se pontos da estrutura do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, aqueduto, canais, poços e tanques com poucos registos visíveis

da sua estrutura, pela existência de silvas, picos e ervas, impossibilitando, o acesso ao que ainda poderá restar ao nível do seu mecanismo.

O retratado apela a uma limpeza do terreno, restituindo-lhe no imediato o muito do pouco, que ainda poderá ser estudado e visitado.

Oportunidades: passadiço com poster informativo da história e suposto mecanismo, para que possa ser contemplado, com conhecimento e reconhecimento, de toda a carga cultural que detém, acrescentando-lhe divulgação e valor arqueológico, histórico e patrimonial.

Ameaças: sem intervenção ao nível da manutenção, preservação, valorização e divulgação, o mesmo poderá ficar, completamente, degradado num curto prazo de tempo, provavelmente, desprovido de vestígios que o possam identificar.

A análise swot ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros demonstrou que não basta limpar e preservar, mas também é necessário verificar a existência de condições de promoção e valorização patrimonial, que entendo que, presentemente, através das redes sociais e seu alinhamento virtual, através de sites adstritos ao património local, distrital e nacional, poderão tornar-se ferramentas imprescindíveis, de forma a elucidar entidades locais para o espólio que detém, apelando à urgente integração desta estrutura como base de promoção arqueológica, histórica e patrimonial de Estremoz.

Talvez essa promoção e divulgação, ainda se encontre em estado embrionário, necessitando de ajustes de encontro a sinais positivos e objetivos, mas que por outro lado, não serão, de forma alguma, impeditivos a que a maior máquina de marketing, dir-se-á secular de “*passar a palavra*” funcione para ambos os lados, o melhor e o pior, o positivo e negativo.

Caso venha a ser reconhecida a sua existência, acredito que num futuro próximo, toda esta zona histórica e patrimonial alocada à Vila das Mártires será visitada e valorizada, a não ser continuará a ser resguardada pelo reduzido número de habitantes que detém, e anulada, não apenas pela deficiente acessibilidade, como inexistente sinalização, continuada omissão, logo mantendo invisibilidade. Esta bordagem adstrita à falta de promoção e marketing, permitirá a continuidade de um “*esquecimento*” propositado, enquanto testemunho histórico, de uma indústria milenar.

Detetar pontos fulcrais a ser trabalhados, possibilitará ir ao encontro das valências para que esta mecânica imaterial e material caminhe, em paralelo ao encontro da dignidade que qualquer testemunho, histórico ou arqueológico possa merecer: o seu reconhecimento.

8. Resultados

Aos resultados obtidos neste estudo, e caso se venha a verificar estudos arqueológicos para sua certificação, remetem há possibilidade de ter sido esta a localização do Polo Comercial e Industrial do anticlinal de Estremoz, revelando-se mecânica de sustento económico e comercial romano, durante os sete séculos de permanência em território ibérico.

Na verdade, o objeto de estudo remete há paralela capacidade de extração, transformação e comercialização pétrea neste território, advinda da necessidade de construção do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento, ambos revertidos em possibilidades criteriosas, que ao serem certificadas e validadas muito poderão acrescentar ao conhecimento.

A bibliografia refere que ambos se encontram localizados na ZOM, assentes no anticlinal de Estremoz e sob o aquífero Estremoz-Cano, remetendo de imediato, a terem sido estas as características ideais para esta construção hidráulica e fixação neste povoamento, permitindo responder há pergunta: Porquê aí? visto ser o local onde no subsolo a água corre a velocidade maior.

Apesar de não ter retrocedido no tempo, para além do delineado para este estudo, séculos I a.C. ao IV d.C., equaciono até que ponto este povoamento já não existiria aquando da ocupação romana, tendo sido depois adaptado à sua estrutura económica, política e comercial.

Posto isto, partindo do pressuposto da sua inexistência, considero que ao ter sido encontrada a mina de mármore, dita anticlinal de Estremoz, e estando o sítio arqueológico situado sob a área onde a fluidez da água do aquífero Estremoz-Cano é mais rápida poderão, porque não, ter decidido alargar-se numa inicial *villae*, suporte dos primeiros contactos: legiões e trabalhadores muitos de massa escravista, que posteriormente se terá alargado e adaptado, ao mesmo tempo que se contruíam as valências necessárias, a ser enquadradas num perspicaz polo comercial e industrial pétreo, extensível às povoações cercanas e de extração do anticlinal de Estremoz.

Logo destaco e aponto como primeiro resultado, a geologia e geografia territorial, ideal para construção deste dantesco complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, revelando-se pilar fulcral de exploração marmórea, indústria dominada pelos romanos nas explorações da *Baetica*, Vale do Ebro, Carrara, porém com luminosidade branca e existência de cristais na sua composição pétrea, apenas na extraída em Estremoz.

Os resultados encontrados que entendo remeterem há construção deste complexo-hidráulico de 90 metros de comprimento e 45 de metros de largura, profundidade de 5 metros adaptando-o a uma área de 5000 m², e capacidade de acumulação de água na ordem dos 20 000 m³, é algo bem pensado a nível industrial, permitindo sustentar muito mais, que o seu enquadramento populacional, mas sim em paralelo direcionamento comercial e industrial desta matéria-prima.

Considerando que o império romano, permaneceu na Iberia, por sete séculos de tempo, leva a crer, que este território tenha evoluído, ao mesmo tempo que a extração pétrea se realizava pelo anticlinal de Estremoz, logo:

1. ao ter sido construído onde a fluidez de água é superior, permitiu o seu encaminhamento ao povoamento romano em estudo e, *quiçá*, ao encontro de outros territórios cercanos, por isso, ter-se-á revelado, num importante recurso hidráulico de regadio, consumo, lazer e, caso se realizem estudos arqueológicos, possível certificação de local onde se procedia à transformação pétrea;
2. através da observação realizada, verifiquei que à estrutura hidráulica se enquadram características apontadas por historiadores e arqueológicos: a) possibilidade de remeter a construção em declive, S-N, perto do local de extração da Cerca do Convento de Santo António dos Capuchos, de onde provinha o fluxo de água, com o propósito de facilitar entrada pétrea no complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, lado norte, onde o terreno surge a um nível mais elevado, talvez local onde os blocos de mármore seriam para aí encaminhados: sistema de rolamento pétreo; b) os blocos no interior do tanque, demarcados por rasgos e introdução de madeira, partiam após contacto direto com a água;
3. após o corte, seriam encaminhados para a oficina de cantaria, questionando, se a mesma não se encontraria localizada, a norte do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, isto porque, por um lado, deveria ter estado localizada, num único local, onde nessa área da estrutura hidráulica, fora identificada maior extensividade de dispersão de mármore;
4. logicamente a abordagem aferida a estes três pontos, remete à sua comercialização, logo, considerando a rede viária romana construída por toda a Iberia, neste caso, proveniente de *Augusta Emerita, via XII*, é no território do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, o seu local de passagem, fazendo o paralelismo ao avançado por Vasco Mantas quando refere que “... a construção de uma rede viária funcional, capaz de garantir nas melhores condições a exploração e controlo do território e o consolidar de relações estimuladas por uma nova mobilidade, deve ser reconhecido como dos mais importantes.” (MANTAS, 2014:232). Desta forma, é importante refletir que sendo o local de estudo de extração e possível transformação pétrea, acredito, que seria este o destino do mármore extraído nas pedreiras do anticlinal de Estremoz, à época: Vila Viçosa e Borba, que através de carros de tração animal pela *via XII*, aí chegavam com o intuito de serem transformados, armazenados e comercializados;

5. seu encaminhamento pétreo supostamente, realizar-se-ia através das *vias* fluviais e marítima, onde apelo à curiosidade dos pares, especialmente da arqueologia e geologia, que certifiquem as possibilidades que vos deixo, isto porque, remetendo à bibliografia, não encontrei nada que lhes aferisse, mas na necessidade de “*colar*” peças a este “*puzzle*” cheguei à conclusão, da possibilidade da ribeira de Ter, a pouca distância do sítio arqueológico, estar ligada, naquele período, à ribeira de Borba, logo rio Juromenha e rio Guadiana, prosseguindo, depois, para a capital do império *Augusta Emerita*; ou através de tração animal desde o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros até Borba, depois Vila Viçosa e, só depois São Romão, onde daí, prosseguiria em direção ao rio Juromenha, rio Guadiana até *Augusta Emerita*;
6. por outro lado, são os vestígios arqueológicos, que remetem ao culto à Deusa *Cíbele*, através da ara encontrada, que aponta este povoamento romano, numa primeira fase, remeter ao início da ocupação ibérica na medida que o culto a *Cíbele* está alocado à civilização etrusca, que poderá ter chegado a este território através de escravos, que independentemente da homogeneização e integração aos diferentes povos que chegam a Roma, as crenças serão sempre, o que fica na origem e essência humana.

Através dos resultados apontados, verifica-se paralelismo ao presente:

1. surge como principal local de abastecimento comercial, onde, especialmente, aos sábados, a par com a indústria de extração e exploração de mármore, ainda se realiza com grande afluência proveniente dos povoamentos cercanos, inclusive de Espanha;
2. no local, onde se celebrava o culto à Deusa *Cíbele*, encontra-se, relativamente perto do local onde hoje se encontra erguida a Igreja Nossa Senhora das Mártires;
3. as celebrações, a Nossa Senhora das Mártires, realizam-se, exatamente, na mesma altura do ano, às festividades da Deusa *Cíbele*;
4. a estrada secundária, que parte em direção ao planalto, onde se encontra o castelo de Estremoz, local onde julgo ter sido erguida a *urb*, faz a ponte entre o povoamento em estudo e a cidade de Estremoz, logo adstrita à possibilidade maior da localização do polo comercial e industrial do Anticlinal se encontrar, efetivamente, no local de estudo, até porque a sua envolvência estrutural, presentemente, pouco terá alterado, porque é na franja da possível *urb* que cresceu;
5. galerias subterrâneas identificadas: uma delas intocável na estrutura de construção, aqueduto, canal, fontes de aparato no interior da Quinta da Berlica, vestígios que restam do grandioso complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, protegidos pela natureza, faz com que deixe o apelo, para os que queiram e possam, mesmo em união de causas, fazer

algo por este grandioso espólio arqueológico, que duvido muito, que a não terem existido, os marcadores que aqui aponto, este território em particular, não deteria a importância, que tem vindo a manter por todos estes lineares de tempo.

Na medida que o mestrado enquadra a vertente patrimonial, foi efetuado um, possível projeto, esperando, sempre, que melhores ideias possam surgir, porém que este possa servir de inspiração.

Tendo sido elaborado de forma assertiva, ao encontro de objetivos e propósito, que antevendo algo similar já muito seria atribuído, não apenas ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, mas igualmente, remetendo ao decoro, gosto, importância e cuidado, características essas de manutenção, preservação e divulgação, que instituições ligadas ao património nacional e, no caso distrital, deveriam e devem deter para com vestígios arqueológicos, como este.

Infelizmente, não consegui encontrar razões que justifiquem atitudes de completa alienação e despropósito para com este local, que remete a um passado arqueológico e histórico, logo patrimonial comum.

Por isso quero julgar inconcebíveis as razões, que a pesquisa me reverteu:

1. Estando o sítio arqueológico localizado, sob a pedra que em pleno século XXI, continua a ser um dos maiores retornos a nível económico;
2. Tendo a pesquisa no SIG, revelado área envolvente em estudo, autorização de extração e muitos projetos que aguardam pela sua autorização;
3. conceber que daqui a umas décadas, esta área de estudo, se venha a transformar em crateras pétreas, destruindo vestígios que remetem a todos os lineares de tempo, pois não apenas romanos viveram na Iberia; inclusive há destruição do *habitat* natural da planície, entre o planalto do castelo de Estremoz e a imponente Serra D'Ossa, é ser conivente com um atentado natural, histórico arqueológico e patrimonial, a céu aberto;
4. Não quero julgar, que a Igreja Nossa Senhora das Mártires tenha o mesmo fim da Ermida de São Marcos, ao abandono, rodeada por crateras, na pedreira dos Pardais, em Vila Viçosa;
5. A análise SWOT efetuada ao complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e a Estremoz, reverteram numa divulgação ao encontro da preservação e divulgação patrimonial ainda muito embrionária, talvez, neste último ano, em passadas maiores, antevendo ao ano de 2027, por Évora deter o estatuto de Capital Europeia da Cultura;
6. Porém, independentemente deste resultado, apontar a uma rede virtual que permita que todo o espólio patrimonial de Estremoz possa funcionar em paralelo, de forma a

divulgar, igualmente, este sítio arqueológico, na medida que nada lhe tem sido apontado nem sequer sinalizado;

7. Esta realidade surge, em total e paralela convivência no abandono em que se encontra esta estrutura hidráulica, a tal de grande representatividade para o império romano, e que, talvez, a ter sido inexistente, Estremoz, talvez não tivesse passado, apenas do povoamento romano, ainda sem perfil identificado, que vos trago com este estudo.

Posto isto, a proveniência de *Augusta Emerita*, através da *via XII*, *vias* fluviais: rio Ter, Juromenha e Guadiana, caso se venham a certificar as possibilidades que lhes remetem ao complexo-hidráulico e povoamento romano, alocados a possível *urb* a maior distanciamento, poderão no todo, tornar-se no pilar estrutural, entrando na possibilidade criteriosa de elevar, finalmente, o que foi classificado como Sítio de Interesse Público, e não só.

Apelo, mais uma vez mais, à concretização de estudos arqueológicos e geológicos, manutenção, preservação, valorização e divulgação equiparada ao exemplo que remeti: ruínas Montemor-o-Novo.

Ao considerarem-se os séculos que o Império Romano permaneceu no local, até 711 d.C. (ocupação muçulmana), e pelos que lhe seguiram, são garante a outras funcionalidades do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, paralelamente à evolução territorial, de uma *villae*, que se terá estendido a possível *urb*, ou que em união, a *villae* e a *urb*, terão representado o polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz, hipóteses aqui formuladas que necessitam de estudos para que se consolidem, ou não, até porque e subscrevendo Maria José Almeida, “Sabendo que o objeto de estudo na arqueologia enquanto disciplina é irremediavelmente fragmentário e corresponde a uma pequeníssima parte da realidade histórica que representa, a nossa obrigação como oficiais do ofício é garantir a solidez da argumentação na qual baseamos as nossas hipóteses. Essa solidez só é possível se a informação que tratamos estiver devidamente estruturada e, sobretudo, se os dados poderem ser reutilizados sem grande esforço por outros investigadores dispostos a testar, validar e contradizer as nossas propostas.” (ALMEIDA, 2016:36).

9. Discussão

Após resultados se terem revertido em algumas certezas e outras possibilidades, a realização desta dissertação alocada ao mestrado de História e Patrimónios, direcionou-se não apenas ao povoamento romano e estrutura-hidráulica Tanque dos Mouros, mas também ao constante equacionamento: não existir interesse na divulgação da classificação atribuída de Sítio de Interesse Público em 2012, podendo a mesma, ter-lhe acrescido em manutenção, preservação, divulgação e valorização?

A forma como os vestígios do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros se encontram ao abandono, são indicadores da indiferença e desmérito ao que fora classificado, e mesmo senão o tivesse sido, não se compreende o total desvinculo perante toda esta estrutura, que a não ter sido construída, provavelmente Estremoz não deteria a mesma relevância a nível concelhio, como a nível comercial e industrial.

Acredito que o total desconhecimento da existência do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, não atribui vantagem alguma nem ao conhecimento arqueológico e histórico que detém, nem às valências históricas e patrimoniais, até porque neste local, provavelmente, se realizaria também a transformação, armazenamento, produção e comércio do mármore, cuja proveniência poderia ter remetido a outros locais de extração do anticlinal de Estremoz em época romana, e até mesmo Pêro Pinheiro, isto porque ainda não foi identificada outra estrutura hidráulica idêntica em território nacional, ou a nível Ibérico.

Por outro lado, acredito que este total obscurismo poderá encadear à “*descomprometida*” destruição do que subsiste, que a ter outro tratamento reverteria em conhecimento e prestígio, mas que comprometeria a aprovação de novos projetos de extração pétrea.

Logo há realidade descrita, a par com a inexistência de estudos arqueológicos que remetam ao reconhecimento do anticlinal de Estremoz, enquanto local de extração em época romana, atribuída erroneamente a outros locais, talvez remeta a todo um minucioso paralelismo, que em união, através de estudos que se venham a realizar, consigam descapsular o silêncio milenar, que a ambos remete.

Após esta abordagem, creio que o objetivo deste estudo académico foi atingido, pois tudo aponta há possibilidade de aqui ter estado assente o polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz (fig. 60), durante a permanência romana na Iberia e *quiçá*, posteriormente, que ao ser certificado, acrescentar-lhe-á amplitude revertida num conhecimento maior, ao que hoje detém, não apenas adstrita a este território alentejano, como a toda a Iberia.

Depreende-se assim, que o reerguimento de estruturas ao encontro das valências enquanto testemunho histórico, arqueológico e patrimonial de Estremoz, poderão acrescer a este local um

fabuloso paralelismo à envolvência geográfica e industrial, remetendo a esta matéria-prima milenar, de excelência e de sustento de um dos maiores impérios da humanidade.

Não me parece que “apagar” a memória a todo este contexto, que desde sempre definiu esta localidade, como polo comercial aferido a uma indústria que subsiste no tempo seja um ato de inteligência, por isso a questão de reflexão que vos deixo é: como seria este território, sem que se tivesse construído, o complexo-hidráulico, Tanque dos Mouros?

Talvez as possíveis respostas revertam na certificação às possibilidades que aqui vos deixo.

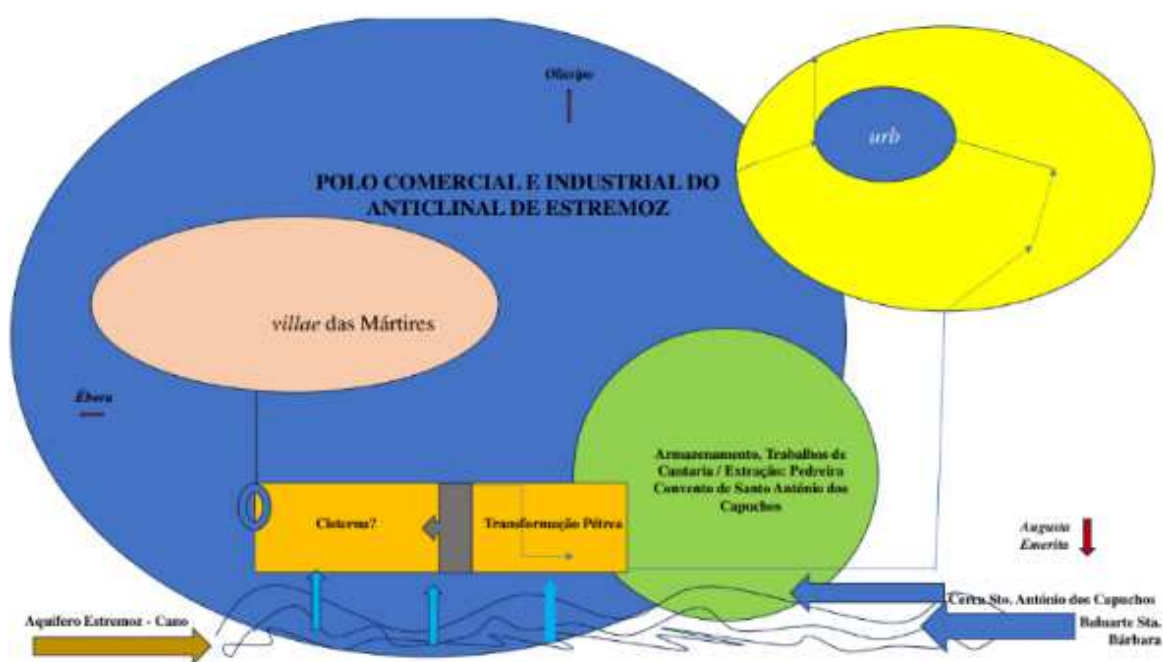


Figura 60. Polo Comercial e Industrial do Anticlinal de Estremoz.

10. Conclusão

Agarrar o que existe e persiste no tempo, como o complexo-hidráulico Tanque dos Mouros, e povoamento romano existente na Vila das Mártires, em Estremoz, foi o que pretendi com este estudo.

Foi um desafio de alinhamento temporal, em agarrar locais como este, com o propósito de lhe acrescentar valor, depois de ter sido desenraizado e enraizado, por tempos que não lhe sendo indiferente, tem insistindo em perdurar, da forma que pode e desde sempre.

A “*tempestade*” de ideias surge como ferramenta, que poderá revelar-se fundamental, ao encontro de projetos, mais vastos, à mudança do *status quo*, sob as quais, não se procurou enveredar pela fórmula rígida da academia, porque tal seria reduto, dada a manifesta falta de substância de trabalhos científicos em torno deste tema, optando-se pela fluidez e cruzamento de elementos de carácter histórico, heráldico, geológico e arqueológico.

Pretende-se, assim, que o abordado nesta dissertação, venha a passar por um polimento adequado, revertido em hipóteses ou questões científicas concretas, que a ser levadas a bom porto culmine em novos dados, análises e informações visando a valorização científica e patrimonial do complexo-hidráulico Tanque dos Mouros e povoamento romano, remetendo à sua possível relação com o polo comercial e industrial do anticlinal de Estremoz.

O complexo-hidráulico Tanque dos Mouros representou, possivelmente, a construção da mecânica hidráulica necessária ao encontro da indústria pétrea, que para Roma se revelou reforço económico, criando por isso, esta infraestrutura hidráulica de suporte e garante à extração e transformação, não apenas extraída na área de estudo, como a proveniente de outros locais do anticlinal de Estremoz, e talvez de territórios mais longínquos, tornando-se local de transformação, trabalhos de cantaria ou produção, armazenamento e comercialização.

Esta conclusão provém do paralelismo advindo da geologia e geografia local, da mina pétrea encontrada, do aquífero Estremoz-Cano, da passagem da *via XII*, questionando qual terá sido construído, primeiro: a *via* ou o complexo-hidráulico e, não menos importante, o culto a *Cíbele*.

Através da *via XII*, ou *vias* fluviais, o circuito daqui partiria, permitindo escoar a matéria-prima para *Ebora*, e daí para outros pontos do território da Iberia: direção atlântico, a Finisterra, ou a *Augusta Emerita* ao encontro dos portos mediterrânicos.

Da mesma forma, na possibilidade de se ter tornado a mecânica comercial do Império, terá acrescido em povoamentos, onde *villae* se construíram ao redor de Estremoz, revelando-se detentor de um território com as valências propícias há aplicabilidade de investimentos, principalmente a nível industrial, que acabou por se diferenciar: construção de casas senhoriais,

garantindo culto ao lazer, corpo, agarrada a toda a envolvimento mística que este território ainda detém.

Finalizando, não entendo o descuido, intencional para com este sítio arqueológico, e para com a própria história de Estremoz, pois urge restituir-lhe mérito enquanto efetivo “*progenitor*” deste território apelando mais uma vez, para que as entidades competentes, deste país, adstritas ao conhecimento, património e cultura lhe retornem em vida: assinalando-o, limpando o espaço, visitas guiadas através de escolas, universidades, agências turísticas, que remetam aos dois lados da Iberia, porque este espaço é comum ao todo.

Sem querer tornar minhas, as palavras de José Saramago, apelo para que esta “*Jangada de Pedra*” encaminhe em boa parceria geólogos e arqueólogos ibéricos, de forma a avançarem, sem medo, no estudo deste local que aqui defendo.

No final de contas, as estações do ano serão as mesmas, já as más e boas colheitas, que poderão advir desses estudos, ficarão ao critério dos Deuses, Deusa *Cibele* ou, apenas, Deus, acreditando que sensibilidade e boa vontade não irão faltar, de forma a encontrar respostas às perguntas esquecidas no tempo, onde “Os lugares de memória pertencem a dois domínios, que a tornam interessante, mas também complexa: simples e ambíguos, naturais e artificiais, imediatamente oferecidos à mais sensível experiência e, ao mesmo tempo, sobressaindo da mais abstrata elaboração. São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos.” (NORA, 1993:21).

A indiferença surge no enorme contrassenso perante todo este suporte histórico que detém, em iminente risco de se perder para sempre, depois de ter sido a provável, base de extração, transformação e comercialização pétrea.

Será por causa disso que se quer no esquecimento, consciente? Estarei a ser inconveniente e injusta?

Cada vez mais a procura às origens do tempo é a escolha de muitos: encontro a cheiros que se sentem, o vento que se ouve, o sol que brilha refletindo-se no olhar de quem quer ver melhor, saber mais da história que nos trouxe ao presente.

Os receios, que julgo ser causa de total desapego patrimonial, vai ao encontro da indústria imparável, até que seja extraída a última quadrícula de mármore, por isso acautelar extrações de carácter massivo, pelas instituições competentes, é conseguir entender que existe muito mais que pedra neste território.

Caso paisagens, cidades, vilas, aldeias não permaneçam no tempo, muito da história que as caracteriza desaparecerá, ficando na memória provavelmente de muito poucos, e depois

esquecida para sempre, como o caso da Ermida de São Marcos em Vila Viçosa, ou a Ermida de São Lázaro em Estremoz.

Por isso acredito em projetos encadeados, que a serem bem trabalhados podem conseguir ir ao encontro da preservação, logo numa continuidade temporal memorável, até porque “A conservação do património cultural deve ser uma parte integrante dos processos de planificação e gestão de uma comunidade e pode contribuir para o desenvolvimento sustentável, qualitativo, económico e social destas comunidades.” (MARECO, 2006:21).

Tal como José Marques Crespo em 1950, apelo para que estudos arqueológicos aqui se realizem, remarcando igual importância ao anticlinal de Estremoz, indo ao encontro do que julgo ter sido, efetivamente, o local onde estaria localizado o Polo Comercial e Industrial do anticlinal de Estremoz, acrescentando conhecimento através do que guarda, e espera vir a ser encontrado, pois respostas a existir, encontram-se neste local.

Não concordo com André Carneiro, ao remeter apenas dois polos económicos à Lusitânia, “É necessário recordar que, a partir da viragem da Era, o espaço que hoje designamos de “Alentejo” desfrutava de uma importante centralidade. Situado na província romana da Lusitania, o sudoeste peninsular beneficiava do seu posicionamento entre dois grandes centros administrativos, sobretudo, pólos económicos: a oeste, a cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, a actual Lisboa, o verdadeiro empório comercial de toda a fachada atlântica. Mais para o interior, o poder romano institui uma capital administrativa totalmente fundada de raiz ou, para utilizar um termo da época, uma *urbs ex novo*: a cidade de *Augusta Emerita*, a actual Mérida extremeña.” (CARNEIRO, 2023:45) devendo, no meu entender, ter remetido a outras possibilidades, como esta que vos deixo.

Posto isto, deixo-lhe aqui o desafio de considerar este estudo, como hipótese criteriosa a ver esclarecida: ser esta a efetiva localização do Polo Industrial e Comercial do anticlinal de Estremoz, local onde também acredito se ter edificado uma *urb ex novo*, precisamente na área envolvente do castelo de Estremoz e bairro de Santiago que *quiçá*, num futuro, que espero não muito longo, possa vir a ser destacada ao lado de “*Ammaia* (S. Salvador de Aramenha, Marvão), *Ebora* (Évora), *Pax Iulia* (Beja), *Myrtilis* (Mértola), *Salacia* (alcácer do Sal) no litoral, eventualmente *Abelterium* (Alter do Chão), *Vipasca* (Aljustrel) e a presumível *Mirobriga* (Chãos Salgados, santiago do Cacém), parecem realmente poucos aglomerados para uma extensão que ocupa um terço do actual território português” (CARNEIRO, 2023:47).

Depois o tempo, na temporalidade que entender, fará o resto. Que assim seja !

Bibliografia

- ADAM, Jean-Pierre – *La Construction Romaine – Matériaux et Techniques* – Grands Manuels Picard – Troisième Édition, 2010
- ALARCÃO, Jorge – *As Vias Romanas de Olisipo a Augusta Emerita* – Conimbriga, XLV – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2006, p. 211-251
- ALARCÃO, Jorge – *Introdução ao Estudo da História e do Património Locais*. Cadernos de Arqueologia e Arte, 2. Coimbra: Faculdade de Letras Universidade de Coimbra Departamento de História, Arqueologia e Artes Secção Instituto de Arqueologia. 2.^a Edição. 2013
- ALARCÃO, Jorge – *O Domínio Romano em Portugal* – Publicações Europa – América – 3.^a Edição – 1988
- ALARCÃO, Jorge – *As vias romanas de Olisipo a Augusta Emerita* – Conimbriga Instituto de Arqueologia. 50.º Aniversário Instituto de Arqueologia 1954-2004. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2022
- ALMEIDA, Maria – *Os Sítios, os Pontos e o Mapa Deles* – Opinião – II Série (20) – janeiro, 2016
- ALMEIDA, Maria; CARNEIRO, André; MARTÍN, F. *et al.* – *De Augusta Emerita a Olisipo: proposta de traçado para o primeiro troço da via XII do Itinerário de Antonino*. Arqueologia do Norte Alentejano – Comunicações das 3.^{as} Jornadas. Lisboa. Edições Colibri/C.M. Fronteira, 2011
- BARBOSA, Rui – *Rede de Povoamento Romano a Oeste da Serra d'Ossa* – Mestrado em Arqueologia e Ambiente – Universidade de Évora, 2016
- BERNARDES, João – *Augusto e a (re)organização administrativa do Sul da Lusitânia*. Revista Gérion. 2017, Vol. 35, pp. 399-415
- BRANDÃO, José Luís; LEÃO, Delfim – *O Principado de Augusto*. In BRANDÃO, José Luís - *História de Roma Antiga. Império e Romanidade Hispânica*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2020. Vol. II, p. 143-158
- CARDOSO, João Luís; QUINTELA, António de Carvalho; MASCARENHAS, José Manuel de – *Outros Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo: Tanque dos Mouros (Estremoz)*. In CARDOSO, João Luís; QUINTELA, António de Carvalho;

- MASCARENHAS, José Manuel de - Aproveitamentos Hidráulicos Romanos a Sul do Tejo: Contribuição para a sua inventariação e caracterização. Lisboa: Gráfica Europam, Lda., 1986
- CARDOSO, João; QUINTELA, António; MASCARENHAS, José – *Moinhos Romanos em Portugal*. AquaRomana. In Exposição Nacional de Arqueologia, Lisboa, 2005. Lisboa: Fundação AGBAR, 2005, p.138-145
- CARNEIRO, André – *A Cartografia dos Cultos Religiosos no Alto Alentejo em Época Romana: Uma Leitura de Conjunto*. Hispania Antiqua. Vol. XXXIV (2010), p. 237-272. ISSN: 1130-0515
- CARNEIRO, André – *A exploração romana do mármore no Anticlinal de Estremoz: extração, consumo e organização* – Departamento de História da Universidade de Évora, 2013
- CARNEIRO, André – *Afinal o que é uma villa? Entre as referências literárias e a materialidade arqueológica do conceito*. In Actas do III Congresso Internacional de Arqueologia de Transição – Estratégias de Povoamento: Do Período Romano ao Mundo Contemporâneo. SCIENTIA ANTIQUITATIS. Vol. 1, n.º 2 (2017), p. 47-68. ISSN: 2184-1160
- CARNEIRO, André – As casas dos Deuses. A propósito do templo romano de Santana do Campo. – Jornadas do património: a Arqueologia no Concelho de Arraiolos. 2017
- CARNEIRO, André – *As evidências arqueológicas e a Rede de Povoamento no anticlinal de Estremoz em Época Romana: Monografías de Prehistoria y Arqueología*. 1.ª ed. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia: 2020. ISBN 978-84-09-23602-2
- CARNEIRO, André – *No pó da Terra: O Alentejo em época Romana. Casa do Alentejo – cultura, liberdade, solidariedade* – 100.º aniversário. Lisboa, Edições Colibri. 2023
- CARNEIRO, André – *Povoamento Rural no Alto Alentejo em Época Romana. Lugares, tempos e Pessoas* – Volume II – Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014
- CARNEIRO, André – *Vila Viçosa – Vila Ducal Renascentista - Portugal* – Volume III – Estudos Históricos do Dossiê de Candidatura de Vila Viçosa à Lista do Património Mundial da UNESCO – República Portuguesa, 2018
- CARNEIRO, André, SEPÚLVEDA – *Terra sigillata hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Vol. 7, n.º 2. 2004, p. 435-458
- CARNEIRO, André; FERNÁNDEZ, Pedro Trapero; MOREIRA, Noel – *A exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz em época romana: discussão dos resultados e*

- perspectivas de futuro. Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna.* Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2022. Vol. III, p. 143-158
- CRESPO, José Lourenço Marques – *Estatísticas, movimentação económica, correios, sociedades recreativas, associações, vultos estremocenses de destaque e diversos: Romarias.* In CRESPO, José Lourenço Marques - Estremoz e o seu Termo Regional. Estremoz: Gráfica Calipolense, 1987. p.179
- CRESPO, José Lourenço Marques – *Fundação de Estremoz.* In CRESPO, José Lourenço Marques - Estremoz e o seu Termo Regional. Estremoz: Gráfica Calipolense, 1987. p.5
- ESPANCA, Túlio Alberto da Rocha – *Distrito de Évora: Concelhos de Arraiolos, Estremoz, Montemor-Novo, Mora e Vendas Novas.* In ESPANCA, Túlio Alberto da Rocha - Inventário Artístico de Portugal. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1975. Vol. VIII, p. 92
- FABIÃO, Carlos – As VILLAE romanas da Lusitânia Ocidental: velhos problemas e novas abordagens. Congreso Internacional Las Villas Romanas Bajoimperiales de Hispania. Palencia. 2020, p.451-470
- FABIÃO, Carlos – *Estudar o mundo rural na Antiguidade, A Cidade* – Revista Cultural de Portalegre, n.º 13/14, Edições Colibri, Lisboa, 1999-20 000
- FABIÃO, Carlos – José Leite de Vasconcelos archeólogo – José Leite de Vasconcelos (1848-1941) Peregrino do Saber. Ciclo de Conferências realizadas na Assembleia da República, entre janeiro e março de 2024, no âmbito das comemorações do 120.º aniversário da fundação do Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Imprensa Nacional Casa da Moeda. 2015, pp. 61- 89
- FABIÃO, Carlos – *Mundo Indígena, Romanos e Sociedade Provincial Romana: sobre a perceção arqueológica da mudança* – Era Arqueológica, 3, 2001
- FEIO, Mariano – *O relevo da Serra de Ossa: Uma interpretação tectónica.* Lisboa: Finisterra, 1983. Vol. XVIII, p. 5-26
- FERNÁNDEZ, Pedro Trapero – *Mármore na Antiguidade Clássica: Estudio de movilidad en el transporte de los mármoles de Estremoz.* In CARNEIRO, André; SOARES Clara; GRILO Fernando *et al.* - Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2022. Vol. III, p. 45-67. ISBN: 978-989-53156-3-5
- FIEBAG, Peter *et al.* – *Enigmas da Antiguidade.* Madrid: Círculo de Leitores. 2003
- FILIPE, Carlos – *Um crescimento pontuado por crises: a indústria e os industriais do mármore no século XX.* In ALVES Daniel; MATOS Ana; QUINTAS Armando *et al.* – Mármore,

- Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (1850-1986). Vila Viçosa: CHECHAP, 2015, p. 57-93
- FORTES, José Beltrán; AZUAGA, María Luisa Loza; ORTEGA, Esther Ontiveros; TAYLOR, Ruth – *Mármores na Antiguidade Clássica: El mármol del Anticlinal de Estremoz en la Bética romana y su relación com el mármol de Almadén de la Plata (Sevilla)*. In CARNEIRO, André; SOARES Clara; GRILO Fernando *et al.* - Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2022. Vol. III, p. 159-194. ISBN: 978-989-53156-3-5
- GRILO, Fernando – *O mármore do anticlinal na Idade Média. Crónica de uma quase inexistência: património, memória e identidade regional*. In CARNEIRO, André; SOARES Clara; GRILO Fernando *et al.* Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2022. Vol. III, p. 197-247. ISBN 978-989-53156-3-5
- GRIMBERG, Carl – *Das Origens de Roma à Formação do Império*. – História Universal 4. Lisboa: Publicações Europa-América. Vol. 4. 1940
- GRIMBERG, Carl – *O Império Romano e a sua Época* – História Universal 5. Lisboa: Publicações Europa-América. Vol. 5. 1940
- HERNÁNDEZ, Francisca – *El patrimonio cultural: la memoria recuperada*. Madrid: Ediciones Trea, S.L. Gijón. 2022
- LIMA, Tânia – *Cultura Material: a dimensão concreta das relações sociais* – Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 2011
- LOPES, Maria - Entre a salvação colectiva e a salvação individual: alguns vestígios literários romanos dos mitos das Matres Idaea e Aegyptia - Universidade Católica Portuguesa, 2018, p. 173-186
- MACIEL, Justino – *Arte Romana e Pedreiras de mármore na Lusitânia: novos caminhos e investigação*. Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Edições Colibri. Lisboa, 1998, n.º 11, pp. 233-245
- MANTAS, Vasco – *A Rede Viária Romana em Portugal. Estado da Questão e Perspectivas Futuras*. Revista Anas. 2009, N.º 21-22, pp. 239-255
- MANTAS, Vasco – *Os miliários como fontes históricas e arqueológicas*. Revista Humanitas Imprensa da Universidade de Coimbra. Coimbra, 2012, n.º 64, pp. 139-169
- MANTAS, Vasco – *As Estações Viárias Lusitanas nas Fontes Itinerárias da Antiguidade*. Revista Humanitas. 2014, n.º 66, pp. 231-256

- MARIA, Santiago – *O Sul entre Roma e o Islão*. SIC Memorat – Estudos em homenagem a Teresa Júdice Gamito. Universidade do Algarve. 2008, pp. 119-132; Culto a Cibele em Tertuliano e Minúcio Félix. CLASSICA. 1 (1992), 145-153
- MARQUES, António de Oliveira – *Desde os Tempos mais antigos até ao Governo do Sr. Pinheiro de Azevedo. História de Portugal*. Lisboa: Palas Editores, Vol. I. 1976
- MARTÍNEZ, José – *Causas de la romanización de Hispania*. Hispania 24, n.º 93, 1964, pp. 1-56
- MARTÍNEZ, José - *El impacto de la conquista de Hispania en Roma (218-154 a.C.)* – Klio 4. 1963, p. 168-186
- MATOS, Ana *et al.* – *À Descoberta do “Ouro Branco”* – Ciência e Mármore - n.º 2 – CECHAP - Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios – Palma Artes Gráficas, Lda., 2022
- MATOSO, José – *História de Portugal – Antes de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, Lda., Tomo I, 1993
- MELLO, Maria – *O Culto a Cibele em Tertuliano e Minúcio Félix* - Fundação Casa de José Américo. 1992, pp. 145-153
- MENDES, José – *O património industrial na museologia contemporânea: o caso português*. Coimbra: Universidade de Coimbra
- MIDÕES, Carla; Costa, Augusto – *Sistema Aquífero Estremoz-Cano*. In Os aquíferos da bacia do Tejo e das ribeiras do Oeste. LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Unidade de Águas Subterrâneas. Zambujal. 2010.
- MOREIRA, Noel; CARNEIRO, André Miguel Serra Pedreira; FERNÁNDEZ, Pedro Trapero – *Mármore na Antiguidade Clássica: A exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz em época romana: discussão dos resultados e perspectivas de futuro*. In CARNEIRO, André; SOARES Clara; GRILO Fernando *et al.* - Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2022. Vol. III, p. 143-158. ISBN: 978-989-53156-3-5
- MOREIRA, Noel; LOPES, Luís – *Caracterização dos Mármore de Estremoz no contexto dos mármore da Antiguidade Clássica da Zona de Ossa-Morena*. In CARNEIRO, André; SOARES Clara; SERRÃO, Vítor - Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Lisboa: Theya Editores, 2019. Vol. I, p. 12-54. ISBN: 978-989-99164-3-2

- MOREIRA, Noel; PEDRO, Jorge; LOPES, Luís *et. al* – Mármore da Zona de Ossa- Morena utilizados na Antiguidade Clássica: síntese e discussão dos dados isotrópicos publicados – XII Congresso Ibérico de Geoquímica – XX semana da Geoquímica, 2019
- MOREIRA, Noel; CARNEIRO, A.; MOURINHA, N. *et al.* – *Mármore da Zona de Ossa- Morena utilizados na Antiguidade Clássica: revisão das características petrográficas e isotópicas*. LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia. Unidade de Águas Subterrâneas. Comunicações Geológicas. Zambujal. 2020
- MOURINHA, Nuno Miguel Casaca – *Mármore na Antiguidade Clássica: Sub Terra - bitus sed non oblitus*. In CARNEIRO, André; SOARES Clara; GRILLO Fernando *et al.* - Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2022. Vol. III, p. 29-44. ISBN 978-989-53156-3-5
- NORA, Pierre – *Entre Memória e História. A problemática dos lugares*. Proj. História. São Paulo: 1993, p. 7-28
- PEREIRA, Pedro – O Vinho na Lusitânia – CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memórias», 2017
- PÉREZ, Jesús – *O ciclo urbano da água no Portugal romano*. Anais Leirienses – Estudos & Documentos: Água e Património. Leiria: Hora de Ler, 2019. n.º 4, p. 137-168
- PIMENTEL, Elisabete – *Património Azulejar de Estremoz. Capela da Rainha Santa Isabel Capela de Nossa Senhora dos Mártires Igreja de Nossa Senhora da Consolação*. Edições Húmus e Autora, 2023
- PINTO, Edith – *As religiões orientais e o paganismo romano. O culto de Cibele – Atis* – Revista de História. 1952, Vol. 4, n.º 9, p. 79-87. ISSN:2316-9141. <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/35041>. (último acesso em 20 de novembro de 2023).
- QUINTAS, Armando – *A construção de um património ao sul: o caso da indústria dos mármore do Alentejo* – La Descommunal – revista ibero-americana de património y comunidade – n.º 4 – março, 2018
- QUINTAS, Armando – *As grandes empresas portuguesas e estrangeiras na exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz no século XX*. CIDEHUS, EU, 2013, PP. 199-209. POCI-01-0145-FEDER-007702

- QUINTAS, Armando – *Os mármore do Alentejo em perspectiva histórica de meados do século XIX a 2020*. Évora: CIDEHUS. Universidade de Évora. História e Economia. Vol. 23. 2019
- QUINTAS, Armando – *Os mármore do Alentejo em perspectiva histórica de meados do século XIX a 2020* – História e Economia – Volume 23 – CIDEHUS – Universidade de Évora, 2019
- QUINTAS, Armando - *Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz. Uma forma diferente de conhecer o melhor do Alentejo*. Callipole – Revista de Cultura. N.º 26 – 2019, pp. 243-249
- QUINTAS, Armando – *Técnicas e tecnologias ligadas ao mármore: uma viagem pela história*. In ALVES Daniel; MATOS Ana; FILIPE, Carlos *et al.* – Mármore, Património para o Alentejo: Contributos para a sua História (1850-1986). Vila Viçosa: CHECHAP, 2015, p. 129-159
- QUINTAS, Armando, FILIPE, Carlos, HIPÓLITO, Ricardo – *A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz (Portugal): Contributos – Património, Museus e Turismo Industrial: Uma oportunidade para o Século XXI* – II Congresso Internacional Sobre Património Industrial. Vila Viçosa: CHECHAP. Maio, 2014. p. 582-592
- QUINTAS, Armando, FILIPE, Carlos, MARUJO, Noémi – *A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz: turismo criativo em ambiente industrial* – In CREATUR catalisando o turismo criativo em cidades de pequena dimensão e em áreas rurais. Coordenação DUXBURY, Nancy, SILVA Sílvia. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. 2021, pp. 300-307. ISBN: 978-989-26-2182-1
- QUINTAS, Armando; PEREIRA, Vanessa – *Industrialização e Alteração da Paisagem no Alentejo: da Pirite de S. Domingos ao Mármore do Anticlinal de Estremoz*. Lisboa, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Vol. I. 2017
- RAMOS, Maria Catarina de Melo – *Condições Geomorfológicas e Climáticas das Cheias da Ribeira de Tera e do Rio Maior (Bacia Hidrográfica do Tejo)*. Centro de Estudos Geográficos. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território. Universidade de Lisboa. 2019. ISBN: 978-972-636-271-5
- RAMOS, Rui – *D. Carlos*. Temas e Debates, 2007. ISBN: 978-989-644-669-7
- SERRÃO, Vítor – *A Pintura Maneirista e Proto-Barroca - Arte Portuguesa da Pré-História ao Século XX*. Lisboa: Tipografia Peres, 2009. Vol. 11

- SERRÃO, Vítor; SOARES, Clara; CARNEIRO, André – *Mármore na Antiguidade Clássica: A exploração do Mármore do Anticlinal de Estremoz em época romana: discussão dos resultados e perspectivas de futuro*. In CARNEIRO, André; SOARES Clara; GRILO Fernando *et al.* - Mármore 2000 Anos de História – Da Antiguidade à Idade Moderna. Coimbra: Edições Almedina, S.A., 2019. Vol. I, p. 143-158. ISBN: 978-989-53156-3-5
- SILVA, Semíramis – *Os Galli, Sacerdotes de Cibele*. Notandum, XXIV:56, 2021, 1-22. ISSN: 1516-5477. <https://doi.org/10.4025/notandum.vi56.57253> (último acesso 20 de novembro de 2023)
- SOARES, Clara; RODRIGUES, Rute; FILIPE, Carlos – *Heritage and History of the Marble Industry in Alentejo (Portugal): Na Interdisciplinary Project in Progress*. Revista CPC. São Paulo, n.º 29. Janeiro/Junho, 2020, pp.235-248
- TEIXEIRA, Cláudia; CARNEIRO André – *Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade*. Coimbra: Editores Publishers – Imprensa da Universidade de Coimbra. Junho, 2017
- VIDAL, Frédéric – *Ruas e sítios na Lisboa oitocentista. Usos e classificações em quatro roteiros da cidade* – Dossier: Descrever a Cidade - Revista Ler História, n.º 52, 2007:2
- VILARINHO, Gil – *A Exploração de Pedras Ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um Estudo em Curso*. ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL. 2023 – Estado da Questão. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS20 e IA-FLUC. 2023, p. 993-1005. ISBN: 978-972-9451-98-0
- VITERBO, Sousa – *Archeologia industrial Portuguesa, Os moinhos*. O Archeologo Português. Lisboa: Museu Ethnographico Português. Vol. II. N.os 8 e 9. Agosto e Setembro de 1896, p. 193-204

Teses de Doutoramento e Dissertações de Mestrado

- ALMEIDA, Maria – *De Augusta Emerita a Olisipo por Ebora: uma leitura do território a partir da rede viária*. Tese para obtenção do grau de Doutor no ramo de História, na especialidade de Arqueologia. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, 2017

- ALMEIDA, Maria José – *Ocupação Rural Romana no actual Concelho de Elvas*. Dissertação para obtenção de grau de Mestra em Arqueologia. Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras, 20 000
- BARBOSA, Ruben – *Rede de Povoamento Romano a Oeste da Serra D'Ossa*. Dissertação para obtenção de grau de Mestre no ramo de Arqueologia e Ambiente, na especialidade Avaliação de Impacte Ambiental. Universidade de Évora. Escola das Ciências Sociais, 2016
- BEÇA, Filipa – *O Espólio de Leite Vasconcelos. O Pacote D18*. Dissertação para obtenção de grau de Mestra em Crítica Social. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, 2017
- CACHAPUZ, Pedro – *Constrangimentos petrológicos e geocronológicos no magnetismo da região de Viana do Alentejo: contributo para a compreensão da evolução geodinâmica da Zona de Ossa Morena*. Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Geologia, especialização Geoquímica, Mineralogia e Petrologia. Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências, Departamento de Geologia, 2021
- CALADO, Jaime – *O Santuário de Santa Bárbara de Padrões – Uma Perspectiva Religiosa e Artística na Lusitânia dos séculos I a III d.C.* Dissertação para obtenção de grau de Mestre em História de Arte da Antiguidade. Universidade de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa, 2012
- CARNEIRO, André – *Povoamento Rural no Alto Alentejo em Época Romana. Lugares, Tempos, e Pessoas – Vectores Estruturantes Durante o Império e Antiguidade Tardia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Universidade de Évora, 2011
- JERÓNIMO, Marcelo – *Povoamento romano no Concelho de Vila Real de Santo António*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras, 2013
- MARECO, Patrícia – *Sítios Arqueológicos e Centros de Interpretação, em Portugal, Alentejo e Algarve*. Dissertação para obtenção de grau de Mestra em Património e Turismo. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais, 2006
- OLIVEIRA, Cristina – *Mosaicos Romanos de Portugal. O Algarve Oriental*. Dissertação de Doutoramento em História. Especialidade Arqueologia Clássica. Universidade de Coimbra. Faculdade de Letras, 2010
- OLIVEIRA, João – *A Conquista Romana da Península Ibérica no Alto Império (27 a.C. – 284 d.C.) e os Reflexos da Lei das XII Tábuas*. Universidade Federal de Alfnas, 2022

- REIS, Maria Pilar – *De LVSITANIAE VRBIVM BALNEIS. Estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Tese de Doutoramento em Arqueologia. Universidade de Coimbra, 2014
- SCHEERLINCK, Eline – *An Orient of Mysteries Franz Cumont's views on "Orient" and "Occident" in the context of Classical Studies in the late nineteenth and early twentieth centuries*. Proefschrift voorgelegd tot het behalen van de graad van Doctor in de Taal- en letterkunde. Faculteit Letteren en Wijsbegeerte Universiteit Gant, 2013
- SERRAS, Mariana – *Alguns informantes de José Leite de Vasconcelos. Análise da correspondência dirigida ao Director do Museu Etnológico Português*. Dissertação para obtenção de grau de Mestra em Arqueologia & Ambiente. Universidade de Évora, 2010
- SERRANO, António – *A Importância da Água no Desenho do Espaço Aberto na Cultura Mediterrânea*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura Paisagista. Universidade de Évora. Escola de Ciências e Tecnologia. Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, 2012
- TEIXEIRA, Sílvia – *Cultos e Cultuantes no Sul do território actualmente português em época romana (sécs. I a.C. – III d.C). Uma aproximação à sociologia das religiões*. Dissertação para obtenção de grau de Mestra em Arqueologia. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras Universidade de Lisboa, 2014

Legislação

- Presidência do Conselho de Ministros, Resolução do Concelho de Ministros n.º 122/95, Regulamento do Plano Diretor Municipal de Estremoz, Capítulo II Proteção da Paisagem e Recursos Naturais, Secção I Rede de Proteção e Valorização Ambiental, Subsecção III Reserva Agrícola Nacional, Art.º 22 º Vestígios Arqueológicos - Diário da República, 1ª série B, nº 254, 03 de novembro de 1995, p. 6794
- Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I.P. – Despacho n.º 19338/2010, Diário da República, 2ª série, nº 252, 30 de dezembro de 2010. p. 63320
- Presidência do Conselho de Ministros, Gabinete do Secretário de Estado da Cultura, Portaria República, 2ª série, nº 248, 24 de dezembro de 2012, PARTE C, p. 49487 – 49488